



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**MELISSA MARIA DO NASCIMENTO SOUSA**

**MANIPULAÇÃO DISCURSIVA EM NARRATIVAS CONSPIRATÓRIAS NO  
CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19**

**FORTALEZA**

**2024**

MELISSA MARIA DO NASCIMENTO SOUSA

MANIPULAÇÃO DISCURSIVA EM NARRATIVAS CONSPIRATÓRIAS NO  
CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Linguística.  
Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Linguística Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Araújo.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- S697m Sousa, Melissa Maria do Nascimento.  
Manipulação discursiva em narrativas conspiratórias no contexto da pandemia de covid-19 / Melissa Maria do Nascimento Sousa. – 2024.  
100 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2024.  
Orientação: Prof. Dr. Júlio Araújo.
1. narrativas conspiratórias. 2. manipulação discursiva. 3. covid-19. I. Título.

CDD 410

---

MELISSA MARIA DO NASCIMENTO SOUSA

MANIPULAÇÃO DISCURSIVA EM NARRATIVAS CONSPIRATÓRIAS NO  
CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 22/03/2024

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Júlio Araújo (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Luís Carlos Ferreira  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

---

Prof. Dr. Antônio Edson Alves da Silva  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

FORTALEZA

2024

Dedico esta Dissertação à minha mãe e minhas avós. Três fortalezas que me ensinaram que muito custa o que muito vale.

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 88887.700423/2022-00.

Ao Deus zeloso e imenso ao qual sirvo e que, em muitos momentos dessa caminhada, emprestou-me capacidades sobre-humanas para dar andamento à pesquisa, concedendo-me, sobretudo, a serenidade para atravessar os percalços do pensar e do produzir na Academia.

Ao grupo Digital (em especial, Heleno, Priscyla e Leonel), que, desde a minha graduação, me inspira a ter questões, ideias e curiosidades próprias de (aspirantes a) cientistas da linguagem. Um grupo que, através das vozes de seus pesquisadores de atestada competência, grita por transformações sociais, estando, para tanto, sempre aberto à troca de experiências e conhecimentos.

Ao meu orientador, o professor Dr. Júlio Araújo, por ter me estendido a mão e literalmente brigado por mim. Jamais esquecerei a partilha de nossas angústias e alegrias, a sabedoria e a generosidade manifestadas nas palavras e nos atos com os quais me conduziu ao longo dessa orientação.

Ao Bruno, meu melhor amigo e maior confidente, apoiador, articulador, crítico e propositor de perspectivas. Quem tanto me ouviu falar do meu aporte teórico, mas, sobretudo, dialogou comigo dias e noites, suscitando provocações que ajudaram a engrenar minhas análises. Tudo se iniciou numa prosa longa e criativa com você.

À minha mãe, minha primeira referência de paciência, doçura e fortaleza. Quem, por mim, tudo creu, tudo ESPEROU e tudo SUPORTOU. Aquela que parece levar a vida como se ela fosse receita de bolo, cujos segredos de execução ela domina com maestria. Sei que esperaria silente e cheia de fé tantos anos quantos fossem necessários para eu ajudá-la a remar nosso barco.

Aos meus amigos e familiares, que são a mais genuína manifestação do cuidado de Deus para comigo. Subi no ombro desses gigantes para ver além do horizonte e fui verdadeiramente tocada pelo poder da intercessão de cada um para que concluísse este estudo.

À banca examinadora, composta pelos professores doutores Antônio Edson Alves da Silva (UFC), Luís Carlos Ferreira (UNILAB), Lucineudo Machado Irineu (UECE) e Maria Margarete Fernandes de Sousa (UFC), por disporem do seu valioso tempo e atenção na leitura e avaliação técnica deste trabalho.

E, por fim, à CAPES, por ter viabilizado, investido e contribuído com a execução desta pesquisa através de seu fomento financeiro.

Fiz deste exercício analítico um percurso solitário. Mas ecoam na minha mente as vozes de todos aqui citados, como verdadeiros conspiradores a favor de mim e do sucesso desta produção, que representa um marco, uma passagem de fase como mulher e pesquisadora. Avante!

## RESUMO

O presente estudo tem o objetivo geral de analisar a maneira pela qual as narrativas conspiratórias, publicadas no site Mídia sem Máscara, induzem crenças conspiratórias acerca do contexto pandêmico de covid-19 em seus interlocutores. A partir deste, desdobram-se três objetivos específicos, quais sejam: *i* – Descrever as estratégias de manipulação discursiva empregadas na produção de narrativas conspiratórias do website Mídia sem Máscara sobre a covid-19, considerando a construção de significados globais e locais; *ii* – Definir as representações mentais acerca da covid-19, considerando as associações negativas feitas pelos comentaristas em relação à pandemia como a ditadura e ao exogrupo e suas ações como criminosos, ditatoriais e diabólicos; *iii* – Relacionar as representações mentais de quem produz e de quem consome as narrativas conspiratórias aos problemas sociais decorrentes da crença conspiratória acerca da covid-19, considerando a cisão ideológica entre endo e exogrupo, bem como o ideário antivacina. Baseamo-nos nas categorias e conceitos atrelados ao campo da Análise de Discurso Crítica, em abordagem preconizada por Teun A. van Dijk (2005, 2010), cujo arcabouço epistemológico nos forneceu âncoras para um tratamento sociocognitivo do nosso objeto de pesquisa, o qual entendemos ser a manipulação discursiva em narrativas conspiratórias do website Mídia sem Máscara. A Metodologia privilegiou uma pesquisa do tipo documental, de abordagem qualitativa, com fins descritivos. Entre os resultados obtidos com relação à construção retórica da narrativa conspiratória analisada, encontramos três significados globais ou macroproposições: *i* – *O contexto da covid-19 revelou agentes do mal social*; *ii* – *Passaporte sanitário é símbolo do plano de dominação e controle da população comum*; *iii* – *Políticos agem acima da lei ao exigirem protocolos anticovid-19; são perseguidores do cidadão comum*. Além disso, observamos a atuação de microestruturas mais sutis ao nível da sintaxe, as chamadas formas locais, as quais categorizamos em termos de *relações pronominais, voz ativa e/ou passiva, nominalizações, enumerações, comparações implícitas ou explícitas, exemplificações e inversões*. Com relação à análise dos comentários subjacentes à narrativa conspiratória em questão, observamos estruturas léxico-semânticas associadas a duas grandes representações mentais recorrentes: *Pandemia como pretexto para a implantação de ações conspiratórias*; e *outroapresentação negativa: políticos que exigem o passaporte vacinal como figuras criminosas e ditatoriais*. Finalmente, relacionamos as proximidades ideológicas entre redatora e comentaristas, obtendo como resultado as seguintes proposições / crenças gerais: *i: Outroapresentação negativa: políticos que exigem o passaporte vacinal como figuras criminosas e ditatoriais*; *ii: Outroapresentação negativa: polarização ideológica taxativa do*

*exogrupo; iii: Pandemia como pretexto para a implantação de ações conspiratórias.* Tais representações mentais orientam os discursos e atitudes tomadas pelos leitores no pós-exposição, gerando alguns problemas sociais como: polarização ideológica, revolta social em relação à política e promoção do ideário antivacina, o que pode acarretar o retorno de doenças que outrora foram erradicadas. Esse panorama evidencia que questões de linguagem, discurso e cognição podem influenciar, mais do que se imagina, as práticas sociais, mais especificamente, o êxito das comunidades locais e nacionais em lidar com crises de saúde pública.

**Palavras-chave:** narrativas conspiratórias; manipulação discursiva; covid-19.

## ABSTRACT

This study aims to analyze how conspiratorial narratives published on the website *Mídia sem Máscara* induce conspiratorial beliefs about the covid-19 pandemic context in their interlocutors. From this main objective, three other specific objectives emerge, namely: i - To describe the discursive manipulation strategies employed in the production of conspiratorial narratives about covid-19 on the *Mídia sem Máscara* website, considering the construction of global and local meanings; ii - To define the mental representations about covid-19, considering the negative associations made by the website users in relation to the pandemic as a dictatorship and to the exogroup and its criminal, dictatorial, and diabolical actions; iii - To relate the mental representations of those who produce and those who consume the conspiratorial narratives to the social problems resulting from the conspiratorial belief about covid-19, considering the ideological split between the endogroups and exogroups, as well as the anti-vaccine ideology. This research is based on categories and concepts linked to the field of Critical Discourse Analysis, in an approach advocated by Teun A. van Dijk (2005, 2010), whose epistemological framework provided us with anchors for a socio-cognitive treatment of our research object, which is discursive manipulation in conspiratorial narratives on the *Mídia sem Máscara* website. The methodology was based on documentary research with a qualitative approach and descriptive purposes. Among the results obtained in relation to the rhetorical construction of the conspiratorial narrative analyzed, we found three global meanings or macro-propositions: *i - The context of covid-19 has revealed agents of social evil; ii - The health passport is a symbol of the plan to dominate and control the common population; iii - Politicians act above the law by demanding anti-covid-19 protocols; they are persecutors of ordinary citizens.* In addition, we observed the performance of subtler microstructures at the level of syntax, the so-called local forms, which we categorized in terms of *pronominal relations, active and/or passive voice, nominalizations, enumerations, implicit or explicit comparisons, exemplifications, and inversions.* Regarding the analysis of the comments underlying the conspiratorial narrative in question, we observed lexical-semantic structures associated with two major recurring mental representations: *Pandemic as a pretext for implementing conspiratorial actions; and negative-other representation: politicians who demand vaccination passports as criminal and dictatorial figures.* Finally, we connected the ideological proximities between the editor and the website users, resulting in the following general propositions/beliefs: *i: Negative-other representation: politicians who demand vaccination passports as criminal and dictatorial figures; ii: Negative-other representation: taxative ideological polarization of the exogroup; iii: Pandemic as a*

*pretext for implementing conspiratorial actions.* These mental representations guide the discourses and attitudes taken by readers in the post-exposure period, generating some social problems such as ideological polarization, social revolt about politics, and the promotion of anti-vaccine ideology, which can lead to the return of diseases that were once eradicated. This panorama shows that issues of language, discourse, and cognition can influence social practices more than one might think, more specifically the success of local and national communities in dealing with public health crises.

**Keywords:** conspiratorial narratives; discursive manipulation; covid-19.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Linha do tempo dos desdobramentos sociopolíticos no Brasil nos últimos treze anos .....	17
Figura 2 – Notícia sobre o crescimento da promoção de TC na web .....	23
Figura 3 – Espécies da desinformação, de acordo com sua intencionalidade .....	40
Figura 4 – Dimensões de análise na abordagem sociocognitiva da ACD .....	44
Figura 5 – <i>Layout</i> de cabeçalho da página Mídia sem Máscara .....	55
Figura 6 – Esquema de etapas procedurais do projeto .....	60
Figura 7 – Índice de comentários por matéria no MSM .....	64
Figura 8 – <i>Prints</i> da narrativa conspiratória analisada .....	65
Figura 9 – Captura de tela dos comentários ao texto-fonte .....	77
Quadro 1 – Macro e microestruturas mapeadas do texto-fonte .....	69
Quadro 2 – Relação entre modelos mentais e estratégias retóricas .....	78
Quadro 3 – Relação entre representações mentais e problemas sociais mantidos .....	82

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADC	Análise de Discurso Crítica
BBC	<i>British Broadcasting Corporation</i>
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
ECD	Estudos Críticos do Discurso
EUA	Estados Unidos da América
LA	Linguística Aplicada
MCP	Memória de Curto Prazo
MLP	Memória de Longo Prazo
MSM	Mídia sem Máscara
NC	Narrativa(s) Conspiratória(s)
OMS	Organização Mundial da Saúde
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PT	Partido dos Trabalhadores
TC	Teoria(s) da Conspiração

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	ENQUADRES CONCEITUAIS: QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA APENAS UM PONTO?.....	30
2.1	<i>Fake news</i> e teorias da conspiração são a mesma coisa?.....	30
2.2	Crenças conspiratórias e a noção de poder .....	34
2.3	O sentimento de impotência e a percepção de poder.....	35
2.4	Quem são os teóricos da conspiração? .....	37
2.5	<i>Disinformation, Misinformation e Malinformation</i> .....	39
2.6	A abordagem sociocognitiva da ADC .....	41
2.6.1	<i>Discurso e sociedade</i> .....	44
2.6.2	<i>Manipulação discursiva na perspectiva sociocognitiva</i> .....	46
2.6.3	<i>O papel da cognição</i> .....	47
2.6.4	<i>Ideologias e o poder como controle sobre os níveis cognitivo e social</i> .....	49
2.6.5	<i>Delimitação de categorias: ajustando as velas</i> .....	50
3	O FAZER METODOLÓGICO EM FOCO .....	52
3.1	Caracterização da pesquisa .....	52
3.2	Delimitação do universo e da amostra de pesquisa .....	54
3.2.1	<i>Locus de pesquisa</i> .....	54
3.2.2	<i>Amostra</i> .....	56
3.3	Procedimentos de coleta de dados .....	57
3.4	Procedimentos de análise de dados .....	61
4	CONFRONTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....	63
4.1	Estratégias discursivas nas narrativas conspiratórias: descrever para compreender .....	63
4.2	Os modelos mentais: provocações a partir das estratégias retóricas .....	75
4.3	Os efeitos sociais decorrentes da manipulação de modelos mentais .....	80
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	86
	REFERÊNCIAS.....	91

## 1 INTRODUÇÃO

O ser humano, por sua vez, desenvolve, com intensidades diferentes, além dos dois registros que têm em comum com o mundo animal e com o das máquinas – a informação e a expressão –, uma capacidade totalmente inovadora de ter um ponto de vista, projetos, uma intervenção no mundo que o cerca. O ser humano é um ser de convicções animado pelo desejo de convencer (Breton, 1999, p. 24).

Ao traçarmos um percurso diacrônico dos estudos empreendidos na Linguística Aplicada, observamos que são preocupações tradicionais deste campo a resolução de problemas quanto ao ensino-aprendizado e tradução de línguas, bem como a confecção e análise de produtos didáticos. Para garantir a legitimidade de seu *status* científico, muitas pesquisas em Linguística Aplicada, doravante LA, adotaram procedimentos de orientação positivista, comuns à cultura de pesquisa de trabalhos em Ciências Naturais.

Existe, no entanto, um esforço empreendido, desde o final da década de 80, de provocar mudanças substanciais nos objetivos do estudo desta área, incorporando a ela preocupações com aspectos como o papel das demandas coletivas na utilização da linguagem, com vistas à (re)construção e (re)interpretação do mundo social, considerando as vivências singulares das comunidades que o compõem. Assim, é importante que os estudos em LA preservem, em seus objetivos, o compromisso de lançar luz à “pluralidade de vozes em ação no mundo social e considerar que isso envolve questões relativas a poder, ideologia, história e subjetividades” (Moita Lopes, 1994, p. 331).

É pensando em uma agenda da LA “voltada, sobretudo, para uma abordagem linguística dos diversos problemas que geram desigualdades sociais e nos quais a linguagem exerce papel central” (Silva, 2020, p. 53), que julgamos ser relevante para esta área criar inteligibilidade sobre os problemas sociais que motivaram o presente estudo. Nesse sentido, iniciamos a contextualização do nosso objeto de pesquisa, a fim de embasar a sua construção.

O mundo, por ocasião da mais recente crise sanitária global, a pandemia de covid-19, desde os primeiros meses de 2020, vivenciou uma série de restrições comportamentais, tais como a entrada em locais públicos condicionada ao uso de máscara facial, entre outros protocolos, em função da proliferação do Coronavírus.

As transformações bruscas que esse cenário demandou em relação às práticas sociais se refletiram em problemas plasmados nos textos e discursos cotidianos. Isto porque, à medida que o vírus se alastrava, a resposta global ao surto foi, também, acompanhada pelo que a OMS designou, em 2020, por infodemia, quando se avolumam e se difundem,

exponencialmente, informações, inclusive, de teor questionável, em torno de um assunto específico.

A nebulosidade que se gerou em torno da natureza e letalidade do vírus, bem como das formas de mitigá-lo, facilitou o surgimento de informações imprecisas e tendenciosas nas mídias digitais, que serviram como instrumentos das práticas discursivas de desinformação. Em decorrência disso, observou-se alterações no comportamento social, o que em muito prejudicou o engajamento de parcela da civilização mundial na atenuação do quadro pandêmico.

Tal consequência atingiu, também, a república brasileira (Lamenha *et al.*, 2021; Fernandes; Cortez, 2021; Lopes *et al.*, 2022). Esta sequência de eventos nos levou a refletir sobre as implicações diretas e indiretas das estratégias de produção de textos e discursos nas mídias digitais e o papel que exercem na dinâmica de desordem informacional.

No atual cenário das pesquisas acadêmicas acerca da desordem informacional<sup>1</sup>, destacamos o dossiê temático de 2021<sup>2</sup> da PUC-Minas, intitulado “Desordem informacional e propagação de *fake news*: a importância da formação do leitor”, que oportunizou, através de suas publicações, um ponto de partida dialógico às reflexões que aqui propomos, dentre as quais mencionamos Ferreira (2021); Lopes e Gomes (2021); Hissa (2021) e Assis, Komesu e Pollet (2021). O foco principal desses estudos, em geral, foi reconhecer a importância do desenvolvimento da cultura de letramento digital midiático frente aos desafios da linguagem instrumentalizada em práticas de desinformação na pandemia.

Percebemos, nos trabalhos do referido dossiê, o predomínio de análises que tomam as chamadas *fake news* como objeto de estudo, enquanto uma das materialidades textuais da prática discursiva de desinformação. Contudo, vale lembrar que trabalhos como os de Wardle e Derakhshan (2017)<sup>3</sup> reconhecem outras espécies de texto, tais como as sátiras, anúncios digitais falsos e teorias conspiratórias que podem se valer de conteúdo fabricado, impostor, manipulado, enganoso ou de falsa conexão, estando a serviço de processos da desordem informacional que os autores dividem em *misinformation*<sup>4</sup>, *disinformation*<sup>5</sup> e *malinformation*<sup>6</sup> – cujas características são exploradas no próximo capítulo.

---

<sup>1</sup> Entendemos como o conjunto de práticas discursivas de uso enganoso e/ou danoso da informação, sobretudo, em mídias digitais.

<sup>2</sup> O dossiê completo está disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/issue/view/1302>.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>

<sup>4</sup> Informação incorreta (tradução nossa).

<sup>5</sup> Desinformação (tradução nossa).

<sup>6</sup> Má-informação (tradução nossa).

No Brasil, as eleições presidenciais de 2018<sup>7</sup> e a pandemia de covid-19 representaram dois marcos sociais nos quais se pode observar a proliferação de textos desinformativos em redes sociais como o Facebook e o antigo Twitter – hoje denominado como X -, cujas particularidades de funcionamento foram registradas em pesquisas como a de Geeng, Yee e Roesner (2020). Além disso, o aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp operou como meio para a distribuição de material enganoso ou falso (Galhardi *et al.*, 2020; Barcelos *et al.*, 2021).

Nessa esteira, outros instrumentos discursivos como as teorias da conspiração (doravante TC) foram e continuam sendo manobrados, desde o início da pandemia, para promover, por exemplo, um ideário antivacina e o negacionismo científico, evidenciando a necessidade de estudos sobre o tema, sobretudo, para que se pensem estratégias para coibi-las.

Conforme ilustra a Figura 1, abaixo, é emergente que se elaborem pesquisas<sup>8</sup> e discussões acerca das TC como faceta da prática discursiva de desinformação, assim como fez Santiago (2021) e Santiago e Araújo (2022), ao investigarem a desinformação em anúncios digitais falsos nas mídias sociais, tendo em vista os últimos desdobramentos sociopolíticos em nosso país nos quais a linguagem e a informação têm sido mobilizadas na tentativa de fragilizar as estruturas democráticas em geral.

---

<sup>7</sup> Estatística sobre o crescimento de notícias com menção ao termo “*fake news*”, no período das eleições de 2018 disponível em: <https://www.knewin.com/blog/mencoes-ao-termo-fake-news-crescem-96-porcento-na-imprensa-nacional/>.

<sup>8</sup> Este projeto de pesquisa está vinculado ao projeto guarda-chuva “Desordem informacional: estratégias discursivas empregadas na construção de desinformação no contexto das eleições 2022 no Brasil” (ARAÚJO, J 2022) e ao projeto “Pandemia de covid-19: *fake news*, construção sócio-cognitiva da doença e discurso de ódio” (ARAÚJO, 2021), ambos coordenados pelo professor Dr. Júlio Araújo e desenvolvidos, atualmente, no âmbito do grupo de pesquisa DIGITAL - Discursos e Digitalidades (Universidade Federal do Ceará).

Figura 1 – Linha do tempo dos desdobramentos sociopolíticos do Brasil nos últimos treze anos



Fonte: elaborado pela autora.

O panorama de eventos sociopolíticos no Brasil, registrados na linha do tempo acima, evidencia alguns fatos propulsores do colapso da confiança social em instituições ortodoxas que, em tempos outros, eram inquestionáveis. O escândalo de corrupção na Petrobrás, em meados de 2014, objeto de investigação da Polícia Federal, na chamada Operação Lava-Jato, foi pano de fundo para as acusações imputadas à então presidenta Dilma Rousseff, culminando na sua destituição do poder executivo, em um processo marcado pelo sensacionalismo midiático na cobertura do assunto.

Além disso, nos EUA, em 2016, estourou o escândalo da Cambridge Analytica, assessoria que trabalhou em função da campanha eleitoral de Donald Trump, que esteve envolvida no recolhimento de informações de usuários do Facebook, de modo a manipular o comportamento social em torno de seus interesses.

Em vista disso, em 2017 houve uma abertura de discussão nas mídias sociais e na Academia acerca das *fake news* e de seu *modus operandi*. Em 2018, no Brasil, a eleição de Bolsonaro foi, também, marcada pela produção e distribuição maciça de *fake news* nas redes sociais. Dois anos depois, quando o Coronavírus se alastrou no país, muito se falou sobre o duplo desafio de combater a pandemia de covid-19, bem como a infodemia – pandemia de informações na web – que tomou força nesse contexto, uma vez que se observou sua periculosidade em relação à boa gestão da crise sanitária e ao pleno funcionamento da democracia brasileira.

Por fim, até a data da escrita desta pesquisa, podemos citar como principal acontecimento de 2023 a invasão à Praça dos Três Poderes, em Brasília, em resposta à reeleição de Lula da Silva, em 2022. A partir da depredação de patrimônio público e enfrentamento da

polícia, os criminosos intentavam forçar a instalação de um golpe para a destituição de Lula e o restabelecimento do governo a Bolsonaro.

Nesse contexto, observamos, ainda, o aumento do negacionismo e do revisionismo histórico, como movimentos representativos da pós-verdade, cujas consequências, segundo D'ancona (2018), englobam atitudes de aversão às estatísticas e a processos de verificação de informações, adesão às informações mais simples, em detrimento das que dispõem maior esforço para consumir, relativização da ideia de verdade – agora concebida como aquilo que confirma os vieses prévios do sujeito – conexão emocional e desejo por mudanças sociais, em virtude da descrença em ortodoxias.

Um grande corpo de estudos mostra que as TC remontam desde os primórdios da história humana (Pagán, 2020; Zwierlein, 2020; Girard, 2020; Yablokov, 2020; Butter, 2020; Hooper, 2020). Contudo, ganharam projeção com o advento das redes sociais e da Web 3.0<sup>9</sup>. Muito embora a prática discursiva de *fake news* tenha se mostrado nociva à manutenção da democracia por sua promoção a eventos de insurreição política, julgamos que as TC se mostram ainda mais sutis e, por essa razão, mais resistentes ao planejamento de ações que contrariam sua lógica de operação.

Outra premissa da qual partimos com relação às TC, diz respeito a sua potencial não-falseabilidade. Do contrário das *fake news*, cujos efeitos esperados podem sofrer desestabilização face a checagem dos fatos, as TC, por envolverem crenças e hipóteses de seus (re)produtores, estão mais atreladas ao domínio subjetivo das representações de mundo.

Isto significa dizer que, para um adepto a determinada(s) TC – sobretudo se ela for utilizada como recurso para acirrar disputas ideológicas em contextos de crise social –, quando se apresentam provas contrárias ao que ela(s) prega(m), a tendência é crer que tais provas foram fabricadas e que são parte da conspiração, o que evoca um estado de vigilância paranoica.

Algumas temáticas que concernem às TC mais antigas no exterior, principalmente nos EUA, são a existência de uma sociedade secreta composta por membros da elite mundial, denominada Illuminati, a maçonaria, a chamada Nova Ordem Mundial, o antisemitismo, entre outras. Em terreno brasileiro, o marxismo cultural, a perda das copas do mundo de 1998 e de 2014, bem como o suposto pacto com o demônio, feito por Xuxa Meneghel, são alguns

---

<sup>9</sup> De maneira geral, a Web 3.0 ou Web Semântica, envolve esse período atual, marcado pela inteligência artificial que, entre outras coisas, opera na interpretação de dados pelas máquinas de maneira mais natural personalizada, com algoritmos que, a partir da percepção comportamental dos usuários, antecipam e solucionam demandas antes mesmo de elas surgirem. Abrange criptomoedas, NFTs, assistentes de voz intuitivos, realidade digital e Metaversos e, claro, a disseminação de *fake news*. Mais detalhes podem ser consultados no link: <https://canaltech.com.br/internet/o-que-e-a-web-30-208852/>.

exemplos das teorias mais difundidas. Nosso estudo, ao optar pelo recorte contextual da pandemia da covid-19, traz, portanto, uma nova temática com demandas particulares e distintas das TC em outros recortes temporais de pesquisa.

No domínio das TC, o número de estudos acadêmicos que, em âmbito nacional, as analisem a partir das lúpas teórico-metodológicas fornecidas pela LA, é ainda precário. Pretendemos preencher tal lacuna, considerando o papel delas no processo de desinformação e o papel desta, por sua vez, no tensionamento de estruturas e práticas sociais em uma sociedade hiperdigitalizada.

Neste ensejo, efetuamos, em meados de 2023, uma pesquisa pela palavra-chave “teorias da conspiração” no portal Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Os resultados dessa busca revelam a escassez de estudos correspondentes à entrada pesquisada, uma vez que o sistema apresentou apenas seis trabalhos, publicados entre 2019 e 2022, mostrando ser recente o foco dos pesquisadores de pós-graduação brasileiros nesta temática.

Entre os estudos encontrados, apresentamos a dissertação de Rezende (2019), na qual vemos a influência de traços de personalidade e valores humanos na crença em TC. A proposta encontrou subsídio na pesquisa de Douglas e Sutton (2011), para quem um dos mecanismos sociopsicológicos que estimulam o endosso a TC é a projeção, isto é, as pessoas tendem a projetar suas próprias tendências morais nos conspiradores.

Em um dos estudos empreendidos pelos autores foi possível observar que os participantes que receberam maiores pontuações no traço de maquiavelismo tinham maior probabilidade de acreditar em TC, provavelmente porque pensavam que se estivessem na posição do conspirador agiriam da mesma forma.

Entre os direcionamentos futuros para o aprimoramento do estudo, foi sugerida a realização de pesquisas com amostras mais heterogêneas, considerando fatores como nível educacional. Além disso, enfatiza-se a importância de estudos experimentais que explorem o impacto das TC em comportamentos políticos e de saúde, replicando a Escala de Crenças Gerais Conspiratórias (ECGC) e analisando a qualidade dos itens por meio da Teoria de Resposta ao Item (TRI). Por fim, sugeriu-se investigar fatores cognitivos e sociopolíticos como variáveis a serem verificadas na crença em TC no Brasil.

A tese de Bastos (2020) aborda a TC como aspecto que gera engajamento público em controvérsias científicas, como no caso da pílula do câncer. Ao longo da pesquisa, é citada

a opinião da bióloga e pós-doutora, Natália Taschner, que, em uma palestra<sup>10</sup> para o TEDxUSP, disponível em vídeo, refere-se à fosfoetanolamina sintética como “a rainha das pseudociências, junto com anticiência, junto com ciência mal-feita”.

Apesar disso, Taschner (2018) acredita que a ciência brasileira permanece sendo vista pelo público como reservada a uma “torre de marfim”, isolada e insensível às questões da vida cotidiana, e mais ligada a questões de regulação e normas burocráticas, cedendo aos interesses do lobby internacional com a indústria farmacêutica, em uma espiral conspiratória, que envolveria agências governamentais e todos aqueles que estão contra a liberação da substância.

Por outro lado, os públicos são facilmente atraídos pelo discurso do grupo de cientistas que desenvolveu a fosfoetanolamina sintética, apresentado pela mídia; “uma vez que se aproximam de seus anseios, oferecendo a certeza da cura do câncer com a ingestão de pílulas que custam apenas 10 centavos, sem que visassem lucro com a sua comercialização” (Bastos, 2020, p. 182). Conforme considerado no estudo, isso revela o quanto a própria ciência pode ser vulnerável à desconfiança institucional gerada pela desinformação em temas controversos, bem como aos apelos populares e ditames populistas, tendo como alvo a opinião pública.

A tese de Pereira (2021) analisa o funcionamento discursivo e os efeitos de verdade projetados pelas TC. O estudo desenvolve uma discussão multidisciplinar, mobilizando conceitos da Análise de Discurso, Teoria Literária e outros campos. A análise se concentra na narratividade das TC, explorando sua relação com modelos idealizados de Estado, muitas vezes apresentando um embate discursivo entre um Estado criticado e outro idealizado. Além disso, a análise textual revela regularidades na construção de TC, como o uso de verbos no futuro do pretérito, construções condicionais, sujeitos indeterminados e perguntas. A pesquisa conclui destacando a importância da compreensão crítica dessas narrativas na sociedade.

Na dissertação de Behr (2022), o termo aparece em uma análise do fenômeno do negacionismo climático durante o governo de Jair Bolsonaro, em 2018. O texto estabelece uma conexão entre populismo e TC calcada na lógica do maniqueísmo e da luta moral, características compartilhadas por ambas as abordagens. A TC, nesse contexto, se utiliza do escudo retórico da recusa à versão oficial dos acontecimentos sociais de grande relevância, ao passo que acusa as autoridades de esconder a verdade, destacando-se como uma visão de mundo inerente à lógica do populismo. Além disso, fatores externos, como a influência da internet, e

---

<sup>10</sup> A palestra citada se intitula “A ciência brasileira e Síndrome de Cassandra”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F3kUeDIP3Io>. Acesso em: 16 fev. 2024.

internos, como a inserção do tema entre verdade/poder e sua natureza vaga, contribuem para a propensão dessas teorias.

No contexto brasileiro, a pesquisa revela como membros proeminentes do governo Bolsonaro, incluindo Jair Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro, Filipe Martins, Ernesto Araújo e Olavo de Carvalho, mobilizaram TC ambientais-climáticas negando e desqualificando a pauta, bem como mobilizando paixões através de lutas morais, como a busca pela verdade, resistência à esquerda e a defesa das liberdades individuais.

Já na dissertação de Mundim (2022), as TC aparecem como um dos elementos discursivos na comunicação autoritária de Jair Bolsonaro. As TC, nesse contexto, são caracterizadas como um gênero discursivo híbrido, influenciado pelo funcionamento do romance e da paródia. Elas buscam mobilizar diferentes estilos, discursos e técnicas para formar uma narrativa unificada que oferece uma interpretação alternativa dos eventos, muitas vezes desafiando versões oficiais. Contudo, sua ambiguidade inerente e a falta de unanimidade as situam em um espaço peculiar entre a verdade factual e a opinião. Aqui, é possível inferir que os desafios e a complexidade no tratamento das TC como objeto de estudo são um truísmo que atinge pesquisadores em geral.

Por fim, o papel da circulação de TC para as manifestações da chamada indiferença epistêmica é abordado na dissertação de Araújo (2022). A análise estabelece uma relação entre o conceito de vícios epistêmicos, cunhado por Cassam (2018), e a facilidade de aceitação de informações e discursos desconectados da realidade, considerando, sobretudo, a influência desses discursos na gestão de líderes como Jair Bolsonaro diante da pandemia de covid-19.

O texto enfatiza que a pandemia atingiu principalmente as classes sociais menos abastadas e critica a desinformação propagada por indivíduos com acesso privilegiado à informação e que, portanto, deveriam ter maior responsabilidade em suas falas. Essa produção reflete sobre até que ponto a indiferença a informações falsas ou verdadeiras tornará a prejudicar decisões sociais importantes, assim como ocorreu com as ações relacionadas à pandemia no Brasil, questionamento acerca do qual comungamos neste estudo.

O desprovimento de trabalhos nacionais acerca das TC, sobretudo como empecilho ao enfrentamento da covid-19, evidenciou que, possivelmente, a temática ainda não é encarada como suficientemente alarmante no cenário sociopolítico a ponto de suscitar investigações científicas que cerquem esta prática discursiva desinformativa. Entretanto, acreditamos que o presente estudo possa fornecer explicações acerca do assunto, a fim de entendermos sua emergência em termos de lógica de funcionamento, limites e fronteiras entre graus de adesão

inofensiva – por assim dizer – e graus de periculosidade, que podem frear o engajamento civil nas decisões necessárias ao progresso coletivo.

O estudo empreendido por Jolley e Douglas (2014) acerca do efeito da conspiração nas práticas sociais revela que a exposição às TC pode reduzir o engajamento civil em eleições, por exemplo, pois pessoas com mentalidade conspiratória se sentem impotentes diante das supostas elites do poder (o governo, a sociedade médica etc.) que controlam e limitam recursos socialmente valorizados, como a informação. Desta maneira, conspiracionistas duvidam da eficácia das suas ações e acabam por se isentar de processos importantes para sua comunidade local. Acerca da importância das técnicas de construção de narrativa utilizadas na produção de teorias conspiratórias, Wardle e Derakhshan (2017, p. 77) consideram que:

[...] as teorias da conspiração são eficazes porque se baseiam em narrativas poderosas. Elas exploram inconscientemente os medos profundos. [...] Há investigações que mostram que, para que a falsa informação seja contestada eficazmente, os nossos cérebros precisam que ela seja substituída por uma narrativa alternativa. Assim, para usar os rumores sobre a filiação religiosa de Obama como exemplo, em vez de afirmar “Barack Obama não é muçulmano” é mais eficaz fornecer uma história (de preferência com uma poderosa estrutura narrativa) de Obama indo para a sua igreja cristã local com a sua família. Precisamos combater rumores e conspirações com narrativas poderosas e envolventes que alavancam as mesmas técnicas que a desinformação.

Segundo o levantamento realizado no artigo de Klein e Nera (2020), que aborda o pensamento conspiracionista sob a ótica da psicologia social, o interesse sobre teorias da conspiração aumentou em 2010, embora haja investigações notáveis acerca do tema que datam do final da década de 70, quando ainda estava sensível a memória do assassinato de J. F. Kennedy, nos EUA.

Com efeito, percebeu-se uma tendência à vigilância e questionamento da versão oficial de grandes – ou mesmo trágicos – acontecimentos sociais, como se o conhecimento não atestado pelo próprio indivíduo, fosse penalizado com o *status* de dúvida relativamente permanente. Nesse sentido, cabe salientar uma organização social percebida por Moscovici (1987) que opõe o “nós” ao “eles”, este último como representativo do que é ilegal, maligno ou subversivo.

Em decorrência da atestada desconfiança nas evidências veiculadas pela mídia tradicional e da simultânea popularização dos sites de redes sociais, ganhou força a produção de informação em nichos virtuais específicos, por meio de grupos de mídias sociais como o WhatsApp, Reddit e 4chan, por exemplo.

Em vista disso, conforme mostra a Figura 2 a seguir, até mesmo o TikTok, apesar de possuir um sistema de etiquetagem de conteúdo duvidoso, tem sido suporte privilegiado para

sua difusão, desde o início da pandemia de covid-19, no qual foi observado o engajamento maciço do público infanto-juvenil a teorias, histórias macabras e casos criminais ou misteriosos. Existem, inclusive, na atual conjuntura, influenciadores digitais que produzem esse tipo de conteúdo patrocinados por empresas maiores, evidenciando um interesse mercadológico na promoção do desconhecido com vistas à obtenção de lucros próprios.

Figura 2 - Notícia sobre o crescimento da promoção de TC na web



Fonte: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/05/26/muito-alem-do-zap-teorias-da-conspiracao-ganham-roupagem-teen-e-crescem-no-tiktok.ghtml>.

Cabe destacar que, no contexto da pandemia de covid-19, observou-se a promoção de uma espécie de irracionalidade coletiva amplificada, principalmente por lideranças políticas e operadores de *fake news*, que promoveram um embate infantil entre antivirais tidos como de esquerda, como o Remdesivir, e os de direita, como a Hidroxicloroquina, ambos sem eficácia comprovada na prevenção e recuperação dos acometidos pelo coronavírus.

Diante desse fato, conforme considerou Bisol (2020), era inaceitável que lideranças nacionais manipulassem irresponsavelmente a questão das vacinas e colocassem suas aspirações políticas e eleitorais acima da saúde da população, ora se apropriando politicamente de umas, ora se opondo ideologicamente a outras. Uma vez que o direito universal e integral à saúde é previsto constitucionalmente no território brasileiro, compete ao poder público nacional o dever quanto à célere disponibilização dos imunizantes à população. Ora, o Brasil, no entanto, ganhou notório destaque negativo no que se refere ao seu plano de imunização, uma vez que o próprio presidente, à época, Jair Bolsonaro, desencorajava publicamente o uso das vacinas e,

como se tornou de conhecimento público a partir da CPI da Covid, em 2021, ignorou<sup>11</sup> cerca de onze ofertas de compra de vacinas.

Em entrevista concedida à BBC News Brasil, o historiador francês e professor da Universidade de Borgogne, Laurent-Henri Vignaud, autor do livro “Antivax - Resistência às vacinas do século 18 aos dias de hoje”, comenta que, além de afirmar que a vacina seria perigosa, Bolsonaro questionou sua eficácia em diversas ocasiões e chegou a criticar a pressa para comprar o imunizante contra o novo coronavírus, descartando, ainda, a possibilidade de tomá-lo. O professor tece um comparativo histórico do movimento antivacina atualmente, herdado de séculos anteriores, nos quais teóricos da conspiração alegavam que o Instituto Pasteur, inaugurado em Paris, em 1888, era uma "fábrica de vírus", onde se produziam doenças.

Em síntese, observou-se o papel da extrema-direita brasileira que, engajada na politização das vacinas contra a covid-19, funcionou como propulsora da onda de descrença nos imunizantes que legou consequências negativas até os dias atuais de pós-pandemia<sup>12</sup>. Dessa forma, cabe analisar as estratégias de comunicação utilizadas por representantes políticos e figuras públicas confessadamente antivacinas que, através das múltiplas plataformas da *web*, propagaram suas crenças distorcidas e atraíram um público que acedeu aos seus interesses.

Assim, aproveitamos para delinear os conceitos-chave em torno dos quais esta pesquisa se ergue, a começar pela apresentação da plataforma que escolhemos para a análise do fenômeno de manipulação discursiva. Dentre tantas plataformas e sites com maior capilaridade para o público de direita e extrema-direita no Brasil, como o Terça Livre e o Brasil Paralelo, escolhemos a plataforma Mídia sem Máscara – doravante MSM – por algumas razões: a primeira se baseia no fato de que seu fundador e editor-chefe, Olavo de Carvalho<sup>13</sup>, um dos mais influentes ideólogos por trás da gestão de Bolsonaro na república, ser, também, reconhecido como um ávido proponente de TC em solo brasileiro, muitas delas importadas do exterior, uma vez que sua residência oficial se localizava nos EUA.

A segunda razão é que identificamos, em seus artigos de opinião acerca da pandemia de covid-19, os mesmos traços anteriormente citados como prototípicos das teorias da conspiração, como, através do discurso, atrelar grandes acontecimentos a planos malignos

<sup>11</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/octavio-guedes/post/2021/04/27/cpi-da-covid-governo-bolsonaro-recusou-11-vezes-ofertas-para-compras-de-vacina.ghtml>.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.enf.ufmg.br/index.php/noticias/1590-a-volta-do-sarampo-por-que-as-taxas-de-vacinacao-diminuiram>.

<sup>13</sup> “Falecido em 24 de janeiro de 2022, Olavo Luiz Pimentel de Carvalho foi um ensaísta, polemista, influenciador digital e ideólogo brasileiro, que também atuou como jornalista, escritor e astrólogo. Era considerado um representante intelectual do conservadorismo no Brasil, com expressiva influência na extrema-direita brasileira”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Olavo\\_de\\_Carvalho](https://pt.wikipedia.org/wiki/Olavo_de_Carvalho).

de uma elite perversa que intenta controlar a população, negando-lhe o pleno gozo de seus direitos e liberdades.

A última razão consiste no fato de a plataforma operar, desde 2002, em função da mentalidade conspiratória. Isto se verifica quando a própria descrição do surgimento da página se baseia na denúncia às mídias ortodoxas no Brasil que, segundo o que afirmam, é dominada pela esquerda e pelo comunismo. Embora, atualmente, o site não possua um número considerável de usuários engajados em suas leituras, os que a ela recorrem só o fazem porque acedem às teorias propostas, conferindo legítimos sujeitos a serem pesquisados neste trabalho.

Em segundo plano, cabe explicar, também, nossa preferência por denominar como narrativas conspiratórias – doravante NC – os textos produzidos e divulgados nessa plataforma. Essa atribuição de nomenclatura partiu de nossa observação prévia do estilo de apresentação das situações nos textos do MSM, que envolvem o leitor mesclando opiniões e indícios curados e apresentados de maneira planejada para conferir plausibilidade à trama conspiratória forjada sempre em tom de denúncia.

O estudo já mencionado de Wardle e Derakhshan (2017) arrematou o embasamento teórico em torno dessa percepção geral, uma vez que versa sobre a necessidade das TC se ancorarem em técnicas atrativas de narrativização para sequestrar a atenção de seus interlocutores mais apaixonados pelos seus próprios vieses pré-concebidos. Assim, acreditamos que a comunicação, nas NC de contexto pandêmico do MSM, visa convencer e modificar o comportamento e a adesão do público aos protocolos de combate ao vírus da covid-19 e em relação a figuras públicas envolvidas nesse processo.

Acerca da importância da narrativização planejada de histórias – *storytelling* – para a experiência humana, a colunista Agnes M. Costa (2022) destaca uma obra recente do autor Jonathan Gottschall, intitulada “The Story Paradox: how our love of storytelling builds societies and tears them down<sup>14</sup>”, publicada em novembro de 2021. Este livro tece uma discussão acerca do fato de toda boa história ter pelo menos três elementos: o herói, a vítima e o vilão. Em uma dinâmica de polarização discursiva é natural que nos identifiquemos como os heróis ou mesmo vítimas, mas jamais como os vilões, papel exercido comumente pelo outro.

A colunista Januária Cristina Alves (2021), também soma considerações ao que chama de Psicologia das Narrativas, citando o linguista e cientista cognitivo norte-americano Mark Turner, para quem a Literatura é também parte da mente humana, entendendo que a mente humana é inerentemente literária. Turner adota uma concepção cognitiva para estudar as

---

<sup>14</sup> O paradoxo da história: como nosso amor por contar histórias constrói sociedades e as destrói (tradução nossa).

narrativas, a partir do entendimento de que são todas sempre ficcionais, uma vez que um mesmo fato pode ser oralizado de maneiras distintas e passíveis de personalização do olhar de quem o conta. Neste sentido, Alves (2021) aponta um raciocínio que compartilhamos neste estudo: a dinâmica da desinformação é atravessada pela necessidade de o ser humano contar histórias, selecionando aquelas que lhes interessam sob determinados aspectos.

Em síntese, analisar a maneira pela qual as NC do MSM constroem representações acerca de tudo que se relaciona à covid-19 nos ajuda a cercar o processo de manipulação discursiva em duas frentes: a do produtor, que a partir de recursos linguístico-discursivos estratégicos exerce seu poder ilegítimo sobre as crenças e comportamentos de seus interlocutores; e a do interlocutor, que, por sua vez, se deixa seduzir pelas aproximações ideológicas com o produtor e, através de suas práticas discursivas-responsivas e práticas sociais, perpetuam seus efeitos.

Por último, embasamos o conceito de manipulação discursiva, analisada a partir da epistemologia proposta por Teun Adrianus van Dijk (2005; 2010), principal expoente da abordagem sociocognitiva da Análise de Discurso Crítica. Para ele, manipular comportamentos sociais pressupõe o controle ilegítimo da cognição das massas, e uma das maneiras mais eficazes pelas quais se pode atingir a população em geral é tendo acesso aos meios de comunicação. Ao refletir sobre esse processo, van Dijk nos convida a uma análise acerca da (i)legitimação de certas formas de exercer influência através da expressão de opinião.

Nessa perspectiva, segundo van Dijk (2010, p. 234-236), a manipulação envolve não apenas poder, mas, especificamente abuso de poder, ou seja, dominação, que ocorre em dimensões discursiva, cognitiva e social. Pode ser entendida como uma prática interacional em que um indivíduo fala em nome de grupos, entidades ou organizações representacionais. Visa alterar representações sociais mais gerais e socialmente compartilhadas sobre eventos e entidades no mundo, portanto, tem como alvo a mente humana em uma escala coletiva, como tão bem demonstraram Santos e Araújo (2023).

Embora priorizemos a perspectiva vandijkiana de manipulação discursiva, cabe citar uma outra abordagem muito próxima sobre esse processo, a de Philippe Breton (1999) que, em “Manipulação da Palavra”, concebeu a manipulação semelhante à propaganda, uma vez que buscam técnicas cada vez mais sofisticadas e imperceptíveis de exploração do subconsciente humano em prol dos interesses de seus produtores.

Em um primeiro nível, ambas possuem a função de informar e, em um segundo plano, o de seduzir e influenciar, dramatizar, espetacularizar. Assim, no contexto de nossa pesquisa, compreendemos que a sua perspectiva dialoga com a de van Dijk (2010), no sentido

de que ambos consideram que, no processo manipulatório, os recursos linguísticos são mobilizados com vistas na mobilização de afetos a fim de moldar representações cognitivas de acordo com os interesses do manipulador.

Ademais, a Análise de Discurso Crítica (ADC), como campo transdisciplinar que estuda a reprodução de poder e ideologias hegemônicas através do discurso, ao conceber a linguagem e suas unidades textuais-discursivas como práticas sócio-historicamente situadas, pode fornecer lúpas teórico-metodológicas eficazes para a análise do funcionamento das práticas de desinformação em nossa realidade. Isto nos permite compreender as razões pelas quais é lucrativo promover o terror social através de narrativas conspiratórias, quem são os que se beneficiam dessa prática discursiva e quais danos sociais são previsíveis a partir de sua distribuição e consumo.

Ressaltamos a importância dos estudos empreendidos em uma das abordagens mais reproduzidas em pesquisas do campo da ADC no Brasil, a abordagem dialético-relacional, que tem por principal expoente Norman Fairclough, que, desde a década de 80, nos lega incontáveis contribuições acerca dos discursos de grupos hegemônicos de poder e seu controle ilegítimo sobre os menos favorecidos, com vistas na manutenção de estruturas e práticas sociais benéficas aos interesses dos grupos privilegiados.

Fairclough (2001) compreende as práticas discursivas como sendo constituídas por etapas de mobilização da linguagem definidas em níveis de produção, distribuição e consumo. Para ele, o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social, sendo possível através dos discursos instaurar, questionar e transformar práticas sociais. O discurso é, então, “um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação da realidade” (Fairclough, 2001, p. 91).

A relevância desta pesquisa reside em seu propósito de viabilizar caminhos para driblar a lógica infodêmica, conforme anunciado anteriormente, na busca da promoção do letramento digital midiático, fomentando sujeitos responsáveis pelo conteúdo que produzem e distribuem nas redes sociais que congregam.

Os propósitos desta pesquisa se alinham, ainda, com os objetivos da BNCC, enquanto documento norteador da educação básica em todo o Brasil, que, em seus princípios e fins educacionais, prioriza a formação integral do indivíduo. Este, ao finalizar a passagem pelo ensino básico, deve ter desenvolvidas algumas competências gerais, dentre as quais destacamos o pensamento crítico, científico e criativo, necessário para a atuação no mundo do trabalho e

para posicionar-se na sociedade com postura analítica, manobrando os investimentos discursivos adequados à interação em todos os campos de sua vida.

Feitas todas essas considerações no intuito de construir e situar as noções norteadoras desta pesquisa em níveis sócio-histórico e acadêmico-científico, podemos anunciar, então, o nosso objeto de pesquisa, o qual entendemos por ser a **manipulação discursiva em narrativas conspiratórias do website Mídia sem Máscara**. A fim de melhor compreendê-lo, esboçamos a seguinte **questão geral** de pesquisa: como as narrativas conspiratórias que tematizam aspectos em torno da covid-19, publicadas no website Mídia sem Máscara, induzem crenças conspiratórias em seus interlocutores?

Em torno dessa questão, elaboramos a seguinte **suposição geral**: as referidas narrativas conspiratórias induzem crenças conspiratórias a partir da mobilização estratégica de recursos discursivo-multissemióticos, com vistas na formulação de representações mentais conspiratórias na dimensão cognitiva de seus interlocutores. Por conseguinte, nosso **objetivo geral** foi analisar a maneira pela qual as narrativas conspiratórias, publicadas no site Mídia sem Máscara, induzem crenças conspiratórias acerca do contexto pandêmico de covid-19 em seus interlocutores.

Visando cercar e explorar com mais afinco essa questão, pensamos nas seguintes **questões específicas** de pesquisa: *i* – De que maneira são produzidas as narrativas conspiratórias sobre a covid-19 no website Mídia sem Máscara? *ii* – Quais representações mentais acerca da covid-19 emergem dos comentários relacionados às narrativas conspiratórias? *iii* – De que maneira as representações mentais de quem produz e de quem consome as narrativas conspiratórias se relacionam aos problemas sociais decorrentes da crença conspiratória acerca da pandemia de covid-19?

**As suposições específicas** de pesquisa foram, respectivamente: *i* – A principal estratégia discursiva de manipulação nessa produção é a construção de significados globais e locais; *ii* – Representações negativas da pandemia associada à ditadura, bem como de figuras públicas e suas ações como déspotas criminosas, diabólicas, entre outras; *iii* – há uma congruência entre as representações mentais de quem produz e de quem consome as narrativas, reforçando cisões entre endo e exogrupo e corroborando o ideário antivacina.

Dessa maneira, os **objetivos específicos** procuraram: *i* – Descrever as estratégias de manipulação discursiva empregadas na produção de narrativas conspiratórias sobre a covid-19 do website Mídia sem Máscara, considerando a construção de significados globais e locais; *ii* – Definir as representações mentais acerca da covid-19, considerando as associações negativas feitas pelos comentaristas em relação à pandemia como a ditadura e ao exogrupo e

suas ações como criminosos, ditatoriais e diabólicos; *iii* – Relacionar as representações mentais de quem produz e de quem consome as narrativas conspiratórias aos problemas sociais decorrentes da crença conspiratória acerca da covid-19, considerando a cisão ideológica entre endo e exogrupo, bem como o ideário antivacina.

Finalmente, este objeto de estudo pode ser desdobrado em sala de aula para trabalhar a postura analítica-crítica, contemplada em atividades do campo jornalístico-midiático, proporcionando aos alunos a compreensão de como funcionam materiais enganosos, mais especificamente, as narrativas conspiratórias, e quais esforços se podem tomar para coibir práticas de desinformação na web e no mundo empírico. Desta maneira, em síntese, a relevância desta pesquisa se mostra oportuna aos contextos educacional, cultural, político e social como um todo, fazendo da escola e demais instituições de ensino, espaços que atendem às demandas existentes para além de seus muros.

## 2 ENQUADRES CONCEITUAIS: QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA APENAS UM PONTO?

Em síntese, fechando o círculo discurso-poder, isso significa que aqueles grupos que controlam o discurso mais influente também possuem mais chance de controlar as mentes e as ações de outros (van Dijk, 2010, p. 118).

Este capítulo se dedicou à apresentação e discussão de conceitos caros ao nosso estudo, não só, mas, principalmente, aqueles alinhados aos pressupostos teórico-metodológicos dos Estudos Críticos do Discurso, cujo proponente é van Dijk (2005; 2010). Fizemos uma incursão por seus postulados pensados para dar conta de uma análise sociocognitiva dos discursos, mediante a triangulação das interfaces discursiva, cognitiva e social.

Veremos como o seu arcabouço teórico oportunizou a seleção de categorias que foram consideradas no exercício metodológico e, por conseguinte, na análise dos dados obtidos. Assim, receberam fundamento as seguintes noções: crenças conspiratórias, poder, teoria da conspiração, *fake news*, manipulação discursiva e cognitiva, *disinformation*, *misinformation* e *malinformation*.

### 2.1 *Fake news* e teorias da conspiração são a mesma coisa?

Medeiros e Azevedo (2020), na introdução de seu capítulo no livro “*Conspiracy Theories: philosophers connect the dots*”, definem a teoria da conspiração, doravante TC, como um conjunto de crenças explicativas para eventos de grande impacto social, tomadas como efeito da atividade de grupos ou organizações que, no entanto, mantêm seu papel causal escondido da opinião pública. Tal definição é, na verdade, um consenso entre os autores que, em geral, se debruçam sobre esta temática.

Dentre as mais recentes publicações internacionais acerca da temática da conspiração, cabe destacar, também, o livro “*The Routledge Handbook of Conspiracy Theories*”, editado pelos professores Michael Butter e Peter Knight, sendo sua primeira publicação datada de 2020. Os artigos que compõem a obra, no geral, traçam um percurso histórico do surgimento e instrumentalização das TC na Política (Giry; Tika, 2020; Bergmann; Butter, 2020; Lee, 2020), na Literatura e no circuito cultural (Butter; Knight, 2020; Carver, 2020; Caumanns; Onnerfors, 2020) de diversas civilizações, em diferentes momentos históricos até a contemporaneidade.

A princípio, podemos citar o artigo de Roland Imhoff e Pia Lamberty (2020), no qual encontramos uma análise sobre as crenças conspiratórias como reações psicopolíticas ao que os autores denominaram ser o poder perceptível. Eles definem as crenças conspiratórias como uma “convicção de que existe ou existiu um ‘plano secreto’ por parte de um grupo para influenciar acontecimentos por meios parcialmente secretos” (Pigden, 2007, p. 5).

Nessa perspectiva, tal definição é convocada pelos autores para evidenciar que, para que algo seja entendido como uma conspiração, é preciso que haja uma ação social ou politicamente relevante e prejudicial aos outros, que um grupo restrito planejou conjuntamente sem, no entanto, tornar esse fato transparente. Dessa maneira, os autores pretendem ilustrar que nem tudo pode ser classificado como uma TC: uma alegação de que vacinas causam autismo não seria uma TC.

Em contrapartida, seria considerada uma TC uma alegação segundo a qual produtores de vacina sabem disso e conscientemente se omitem no impedimento deste traço coletivamente prejudicial. Este segundo exemplo, conforme defendem os autores, pode ser classificado como uma genuína TC, uma vez que a conspiração pode ser entendida como a omissão por parte dos produtores de vacina que não foi tornada pública.

Podemos citar, ainda, mais duas fontes. A primeira é um artigo da BBC<sup>15</sup> no qual Jovan Byford, professor de psicologia da Open University, em Londres, considera que o que diferencia uma TC de uma explicação qualquer: é a presença de um plano maligno, tramado em segredo por um grupo pequeno de indivíduos poderosos. A segunda vem de Lynn Gelfand (2017, p. 1), que, ao investigar o site de divulgação conspiratória estadunidense *The Vigilant Citizen*<sup>16</sup>, considerou que as TC podem ser divididas em três tipos, dependendo de seu escopo:

- Conspirações de eventos: centrada em um evento limitado ou conjunto de eventos (por exemplo, o assassinato do presidente Kennedy);
- Conspirações sistêmicas: uma organização específica de conspiração marcada por objetivos amplos (por exemplo, o suposto controle global dos maçons sobre a política e a economia);
- Super-conspirações: múltiplas conspirações ligadas entre si, em uma hierarquia, cujo ápice jaz na sombra (por exemplo, o todo-poderoso *Illuminati*, que controla aparentemente grupos distintos como os maçons, banqueiros, judeus, a CIA etc.).

---

<sup>15</sup> Artigo da BBC sobre como detectar teorias da conspiração disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49287248>. Acesso em: 14 fev. 2021.

<sup>16</sup> O cidadão vigilante (tradução nossa).

Ainda nesse contexto, Michael Barkun (2013, p. 3), em sua obra *A Culture of Conspiracy: apocalyptic visions in contemporary America*<sup>17</sup>, observa que, em geral, a crença em uma TC implica a crença em “um universo governado por design e não por aleatoriedade”. Isto é, há significado e ordem subjacentes ao que parece ser o caos. Segundo Barkun (2013, p. 3-4) as TC tendem a ser marcadas por três características gerais:

- 1) Nada acontece por acaso.
- 2) Nada é o que parece.
- 3) Tudo está conectado.

Sob esse viés, percebemos uma aproximação entre as considerações acima e o contexto específico de nossa pesquisa, uma vez que, conforme veremos em capítulos posteriores, as NC do MSM propõem demonstrar a existência de uma relação motivada e negativamente intencionada entre acontecimentos aparentemente desconexos na sociedade brasileira, por trás dos quais, supostamente, age a influência do comunismo chinês, operando através de grupos de poder que controlam a mídia de massa.

Cabe salientar que, ainda no trabalho de Imhoff e Lamberty (2020), existe uma problematização acerca da definição de TC a partir de critérios como veracidade e factualidade. Segundo os autores, uma crença conspiratória não pode ser tomada como sinônimo de crença errada, uma vez que nunca haverá acordo por parte da opinião pública como um todo sobre a procedência de uma alegação, principalmente em um contexto de circulação de informações atravessado pela pós-verdade. A consequência mais provável é a de que esse debate se torne polêmico quando tomado como critério de análise o *status* de verificação.

Depois de apresentadas algumas características gerais das TC, abrimos espaço para a discussão sobre outra noção que se confunde, por vezes, com a noção de TC, que é a noção de *fake news*. A fim de cercar as aproximações e distinções entre essas duas materialidades discursivas e de seus papéis na escalada da desordem informacional, debruçaremos-nos com mais afinco sobre um dos artigos do manual organizado por Michael Butter e Peter Knight, já citado acima.

O artigo “*Conspiracy Theories and Fake news*”<sup>18</sup> (Avramov; Gatov; Yablokov, 2020), discorre sobre o fato de muitas TC serem historicamente desenvolvidas e divulgadas

---

<sup>17</sup> Uma Cultura de Conspiração: visões apocalípticas na América contemporânea (tradução nossa).

<sup>18</sup> Teorias da conspiração e *fake news* (tradução nossa).

como um componente de propaganda e de embates sociopolíticos, pois é uma forma muito útil e poderosa de destacar a ameaça do "Outro" à comunidade que partilha a noção conspiratória.

Segundo os autores, tanto as TC como as *fake news* surgiram como um mecanismo em contextos de guerra política, possuindo como característica a exposição seletiva à comunicação e, mesmo diferindo em muitos aspectos, mantêm-se constantemente interligadas e se reforçam mutuamente. Eles prosseguem constatando que, na maioria das TC, o que é considerado como "fato" é de extrema importância, sendo quase que "sagrado", pois é a partir de sua estratégica mobilização que se constrói um quadro interpretativo comunicado aos seus crentes de forma particular. Nesse sentido, é comum que muitas TC possuam como “pano de fundo” alguns fatos, porém, a interpretação destes é mais importante.

Assim, em termos lógicos, é característico das teorias da conspiração que elas recolham, necessariamente, uma matriz de fatos, ainda que de qualidades diferentes e certamente questionáveis, e depois operem esta matriz (ou partes dela) a fim de construir uma gama de resultados aceitáveis que provem ou pelo menos sugerem uma real ameaça da conspiração. A falha lógica aqui não seria a teoria em si, mas a sua utilização como predicado e conclusão, sendo todas as provas que mostram o contrário ignoradas. No caso das *fake news*, este processo falhou, mas, internamente lógico, é excluído.

Por sua vez, conforme explicam Avramov, Gatov e Yablokov (2020, p. 516), para os criadores de *fake news*, os objetivos são, no entanto, mais importantes do que criar uma matriz de fatos de apoio, uma vez que, se necessário, um certo produtor de notícias falsas inventará um acontecimento, uma pessoa, circunstâncias ou ligações entre esses aspectos. Os autores colocam, ainda, que as TC são uma questão muito mais antiga na comunicação humana e, possivelmente, um fenômeno social e de comunicação muito mais antigo que as *fake news*.

Diante do que a contribuição dos autores demonstra (Avramov; Gatov; Yablokov, 2020, p. 516), a TC usa um fato, uma interpretação de um fato ou ambos combinados como ponto de partida (por exemplo, para os antissemitas, os judeus compõem uma etnia proporcionalmente pequena [fato], mas possuem uma parte desproporcionada da riqueza nacional [interpretação]). Então, em vez de fornecer um inquérito racional que poderia ter apresentado uma confirmação, negação ou explicação para esta hipótese, a TC sugere que o fato pode ser explicado com a existência de uma trama [teoria], encoberta para manter a percepção da realidade [interpretação]. Só depois de a teoria ser estabelecida antes do inquérito racional, o(s) criador(es) de uma TC começa(m) a sua 'investigação' por **fatos** adicionais ou indícios que apoiam sua **interpretação** e, portanto, legitimam a **teoria**.

Caracteristicamente, a narrativa conspiratória necessita ser bem elaborada e, constantemente, encontra-se vestígios de interdiscursividade religiosa, com o intuito de atrair seguidores ao longo do tempo, uma vez que oferece uma explicação duradoura da sociedade ou de fatos históricos que incomodam as pessoas de forma diacrônica, tais como a desigualdade econômica baseada na etnicidade, supressão de um grupo por outro em particular, doenças e epidemias etc.

Por outro lado, a *fake news* é, ao contrário da TC, uma lacuna passageira na comunicação (principalmente, a comunicação desenvolvida por veículos digitais). Neste caso, a fabricação totalmente deliberada é fulcral para as notícias falsas, quer aconteça sob a forma de mentira (invenção de um evento inexistente, fato ou mesmo pessoa que é a fonte de informação), de manipulação de contexto ou significado ou de uma substituição de um fato (que pode ou não ser real) pela opinião de alguém que afirma que esse fato é real.

Segundo o que consideram os autores em sua esquematização de como operam as *fake news* em relação às TC (Avramov; Gatov; Yablokov, 2020, p. 516), nem o **fato** nem a **teoria** são importantes para os produtores de *fake news* porque as descartam intencionalmente e ignoram a factualidade, uma vez que podem “vender” a sua produção apenas aos consumidores que já subscreveram uma ou outra narrativa partidária.

Finalmente, uma última problematização feita em termos de definição das TC se refere ao que se encontram em muitos trabalhos sobre o assunto, colocando as TC como explicações alternativas adotadas por uma representação mínima na sociedade. Nessa visão, o problema consiste no fato de ser um exercício complexo delimitar a partir de que medida podem ser chamados de minoria os grupos de pessoas que adotam como legítima a maneira conspiracionista de ver o mundo.

A seguir, faremos uma discussão acerca das especificidades da noção de poder e de que maneira se constrói a dialética de sua relação com crenças conspiratórias.

## 2.2 Crenças conspiratórias e a noção de poder

Quando se pensa nas acepções do termo ‘poder’, algumas outras palavras podem vir à tona, tais como noções de influência e controle, no sentido de fornecer ou negar recursos, alterar ou conservar estados de coisas. Uma definição de poder social largamente aceita, segundo Imhoff e Lamberty (2020, p. 194) é a de que ele consiste em um “controle assimétrico sobre recursos valorizados nas relações sociais”. Tais recursos não necessariamente são

materiais e acabam por delimitar aquilo que é definido por formas de poder legítimo e ilegítimo, o que estabelece diferenças entre os conceitos de poder e de controle.

De maneira semelhante, van Dijk, em sua obra *Discurso e Poder* (2010), distingue os poderes formal e informal ao considerar, por exemplo, a manipulação como uma forma ilegítima de controle, enquanto a persuasão é uma forma de controle legítima. Em sua perspectiva, aquela forma de controle é ilegítima, pois viola os direitos éticos das minorias vítimas de tal processo, gerando, em consequência, formas de desigualdade social. A persuasão, por outro lado, seria uma forma legítima de controle, pois mesmo sendo uma das formas de influir sobre a mente do interlocutor, este é livre para manifestar adesão ou não às proposições do falante/escritor.

Em suma, na visão de van Dijk (2010), evidenciam-se as aproximações em torno das noções de controle e poder. Entretanto, os autores Imhoff e Lamberty (2020, p. 194) traçam uma distinção conceitual entre ambos os termos. Para eles, enquanto o controle diz respeito à previsibilidade da influência sobre um certo resultado, pensamento ou comportamento, o poder, por sua vez, diz respeito a uma construção relacional que envolve influência sobre os outros e se desenvolve a partir do controle assimétrico de recursos socialmente valiosos (Farst *et al.* 2009 *apud* Imhoff; Lamberty, 2020).

A seguir, continuamos a discussão em torno da noção de poder, desta vez relacionando este conceito ao sentimento de impotência associado à exposição às TC.

### **2.3 O sentimento de impotência e a percepção de poder**

Um trabalho realizado por Oliver Klein e Kenzo Nera (2020), no qual as teorias conspiratórias eram analisadas sob a ótica do campo da Psicologia Social, inicia suas considerações retomando um pensamento de van Prooijen *et al.* (2015, p. 570) para o qual “o extremismo político prevê a crença em teorias da conspiração”.

A Psicologia Social, segundo o que explicam os autores, preocupa-se em encontrar modelos causais contextuais para fenômenos psicológicos, tais como obediência às autoridades, conformismo, formas de preconceito, entre outros. Levando em consideração que este campo se preocupa com processos gerais que regem o comportamento social, profissionais ligados a essa área de investigação não devem encarar as TC como “formas patológicas de crenças a que uma minoria pode aderir, mas um processo que pode impactar qualquer indivíduo independente de sua composição psíquica” (Klein; Nera, 2020, p. 122).

Em contraparte à proposição anterior, uma série de estudos são citados pelos mesmos autores para ilustrar a influência de aspectos como o medo, a autoestima, a personalidade e o sentimento de impotência no endosso às TC. São estes: Abalakina-Paap *et al.* (1999), cujo estudo investigou a relação entre crença em TC e diferentes traços de personalidade; Karen Douglas e Sutton (2011), cujo estudo demonstrou que os indivíduos não reconhecem sua própria permeabilidade às TC, enquanto julgam os outros como facilmente vulneráveis a elas; o experimento de Jolley e Douglas (2014), cuja conclusão foi de que, quanto mais determinados grupos são expostos à TC, menor será seu engajamento civil em contextos de eleição, por exemplo, pois cresce o sentimento de impotência diante das organizações poderosas que controlam os rumos sociais.

De modo similar, o estudo de Imhoff e Bruder (2014) parece confirmar a atenuação do engajamento social em decorrência do sentimento de impotência dos adeptos das TC. Os autores consideraram que este sentimento é gerado em função da crença de que reagir à conspiração não altera o resultado da sua influência, o que estaria intimamente ligado à falta de controle emocional (Klein; Nera, 2020, p. 197).

No entanto, uma das limitações do estudo de Imhoff e Bruder (2014) consiste na falta de respostas sobre se grupos com maior mentalidade conspiratória percebem entidades como poderosas por elas de fato possuírem tal poder ou se essa potência é enriquecida na cognição desses grupos por conta da sua crença em TC, que gera preconceito com organizações da elite. Isto é, não se sabe se a percepção e atribuição de poder a determinadas entidades é fabricada em função das TC e depende dessa mentalidade conspiratória ou não.

Somando contribuição a esta discussão, retomamos o estudo de Imhoff e Lamberty (2020, p. 198), para os quais as crenças políticas extremistas são mais carregadas de maniqueísmo que de conspiração. No entanto, não se sentir representado ou ser privado de alcançar objetivos de vida por figuras políticas evoca crenças conspiratórias.

Por fim, van Elk (2015 *apud* Klein; Nera 2020) considerou que teóricos da conspiração são mais propensos a concentrar sua atenção nos detalhes, em detrimento da imagem global. Daí a importância de analisar a influência de aspectos discursivos e multimodais presentes em TC veiculadas na internet, conforme propôs esta pesquisa. Seguimos adiante neste exercício expositivo-reflexivo, mas agora partindo de um questionamento oportuno para a temática da conspiração.

## 2.4 Quem são os teóricos da conspiração?

Existe uma preocupação exposta em estudos recentes acerca das TC que consiste em definir adequadamente alguns conceitos pertinentes a essa temática, tais como: **pensamento conspiratório, crença conspiratória, teoria da conspiração e teórico da conspiração**. A inquietação desses estudos nasce da observação de algumas colocações em estudos sobre o tema que confundem pensamento conspiratório e crença conspiratória e, por consequência, acabam por não delimitar de maneira satisfatória o que se pode entender por um indivíduo que se classifique como teórico da conspiração. Algumas das inquietações giram em torno de definir se existe uma quantidade de crenças conspiratórias capazes de delinear quem pode ser classificado como tal; Quem determina essa quantidade e com base em que critérios o faz sem beirar a arbitrariedade.

Para responder as questões acima, um estudo desenvolvido por Smallpage *et al.* (2020) nos trouxe uma base de dados demográficos atual, que possuem caráter transcultural, pois apresentam informações sobre o sexo, a escolaridade, a religião e as crenças gerais de um conjunto de indivíduos de sete países ao redor do mundo - Argentina, Alemanha, Grã-Bretanha, Itália, Polônia, Portugal e Suécia -, a fim de modificar o cenário estatístico comum que apenas explora dados acerca dos EUA.

Nesse contexto, os dados de Drochon (2018 *apud* Smallpage *et al.* 2020) mostram forte influência do contexto cultural de cada indivíduo na adesão a crenças conspiratórias, que, surpreendentemente, não são uniformes em um mesmo grupo demográfico. Aspectos como educação e renda, bem como religião e ideologias políticas influem diretamente no pensamento conspiratório dos indivíduos, uma vez que os grupos que mostraram maior nível de escolaridade, apresentaram maior poder analítico das informações.

Sob esse contexto, os dados mostram que o pensamento conspiratório costuma ser mais comum em grupos marginalizados ou que se veem dessa maneira (Smallpage *et al.* 2020, p. 268). Além disso, em termos de religião, existem estudos preliminares que atentam para a influência da crença em forças sobrenaturais em crenças conspiratórias.

Os mesmos dados mostram, ainda, que as TC são predominantes: todos os indivíduos pesquisados acreditam em pelo menos uma das teorias questionadas. Isto chamou atenção, por outro lado, para a cautela que o pesquisador deve ter em conceber medidas e escalas sofisticadas para apurar a relação de dados demográficos com as crenças e pensamentos conspiratórios, bem como para o cuidado minucioso acerca de como se redigem os itens que serão expostos aos participantes das pesquisas, uma vez que existem sentenças que são

consideradas TC e outras não: 'as vacinas causam doenças' certamente não pode ser considerada uma TC, enquanto a seguinte seria: 'os cientistas estão envolvidos na produção de vacinas que causam doenças na população'.

Ademais, perguntas acerca de os participantes concordarem ou discordarem de TC dispostas em forma de afirmativas ou se eles encaram-nas como completamente verdadeiras ou completamente falsas podem induzir a interpretações diferentes por parte dos participantes, alterando, também, as deduções que se podem extrair dos resultados de tais pesquisas. Além disso, o estudo de Smallpage *et al.* (2020) não conclui como podemos distinguir indivíduos enquanto teóricos da conspiração ou não, mas deixa o alerta para a necessidade desta precisão em estudos que fazem afirmativas acerca de determinados grupos sociais serem mais predispostos às crenças conspiratórias.

Sabe-se que a caricatura prototípica do teórico da conspiração nos EUA é um homem branco de meia idade, conforme afirma o trabalho de Smallpage *et al.* (2020, p. 267). Porém, dados como os trazidos por Drochon (2018 *apud* Smallpage *et al.* 2020) nos mostram outras faces por trás da ideiação conspiratória, evidenciando o quão complexo é definir uma quantidade ou temas específicos de TC acreditadas por um indivíduo para que este se enquadre como teórico da conspiração, levando em consideração, também, o contexto brasileiro.

Igualmente perigoso é designar por teórico da conspiração aquele indivíduo ou grupo de pessoas que se ocupa em disseminar conspirações na sociedade através de mídias digitais ou analógicas, tal como Alex Jones, nos EUA, uma vez que as estatísticas de estudos transculturais como esse em questão mostram que pelo menos uma TC é acreditada por cada indivíduo. Logo, a missão de definir o que seria um teórico da conspiração se torna cada vez mais complexa.

Propusemos, para tanto, uma aceção para este conceito, elaborada com base em estudos anteriores acerca do tema. Assim, teórico da conspiração seria um indivíduo para o qual uma teoria ou conjunto de teorias do mesmo universo temático representa uma parte central de seu sistema de crenças, moldando o modo como este indivíduo opera sua exposição de vieses para a sociedade, o fazendo, comumente, dentro de um grupo com o qual se identifica e se sente acolhido o suficiente para compartilhar suas impressões e afirmações conspiratórias em busca de validação da comunidade discursiva com a qual interage. A seguir, discorreremos sobre três noções, cujos significados, quando traduzidos para o português, apontam apenas para a desinformação, mas, na verdade, possuem nomenclatura e características bem consolidadas, as quais expusemos na próxima subseção.

## 2.5 *Disinformation, Misinformation e Malinformation*

Pensando nas diferentes práticas de uso da linguagem que protagonizam o cenário da desordem informacional e considerando os atuais debates sobre fenômenos como as *fake news* no fomento ao antagonismo sociopolítico, bem como as implicações de práticas discursivas em manutenções, alterações ou reconstruções de práticas sociais, Claire Wardle e Hossein Derakhshan desenvolveram e publicaram em 2017 um material vasto que ajudou a definir de maneira mais adequada práticas como as *fake news*, entendendo esta e tantas outras como componentes de uma matriz que distinguem a partir do grau de intencionalidade empregado na informação.

Dessa forma, as *fake news*, teorias da conspiração, uso de anúncios digitais falsos, entre outras práticas do uso prejudicial da informação estão inseridas em categorias que são distinguidas pelos autores como:

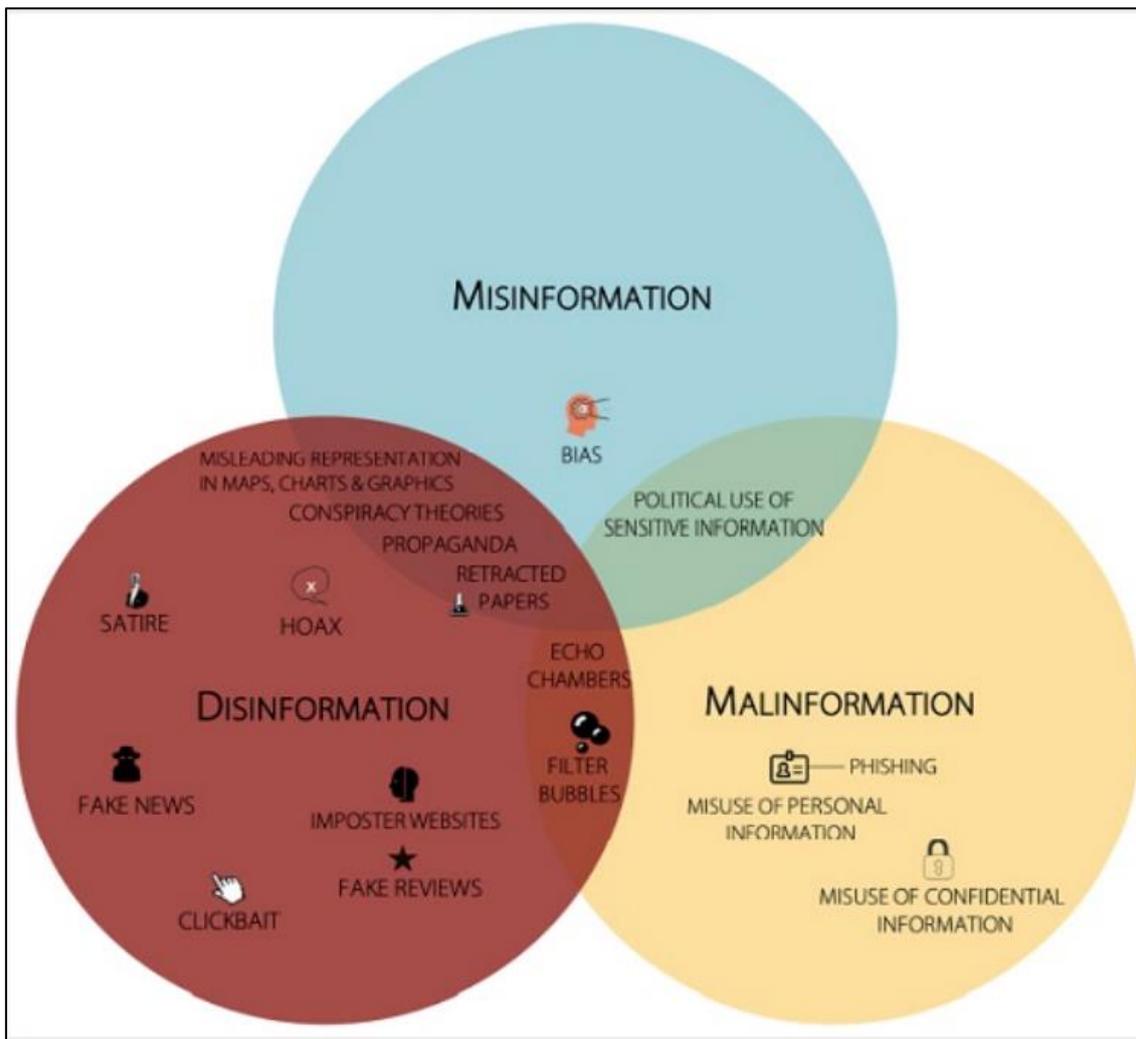
***Misinformation***: é a informação equivocada, incorreta, sem intenção de dano.

***Disinformation***: é a desinformação, isto é, informação que deliberadamente intenciona prejudicar ou causar dano.

***Malinformation***: é a má-informação, que ocorre quando informações genuínas são compartilhadas para causar danos, muitas vezes por mover informações projetadas para permanecer privadas na esfera pública.

Abaixo, segue uma figura que localiza especificamente algumas das mais comuns práticas linguageiras na dinâmica da desordem informacional.

Figura 3 – Espécies da desinformação, de acordo com sua intencionalidade



Fonte: <https://www.redalyc.org/journal/147/14768130011/html/>.

Ao se debruçarem sobre o papel da intencionalidade nos processos que constituem a desordem informacional, mais especificamente, a desinformação (ou *disinformation*), Wardle e Derakhshan (2017) acabam por dialogar com os postulados do estudioso da argumentação, Philippe Breton, na obra publicada antes da virada do último século acerca da noção de desinformação.

Para Breton (1999), a desinformação é a técnica de comunicação que corrompe de maneira mais segura a causa que pretende defender. Efetivamente, a desinformação é uma ação que consiste em fazer validar, por um receptor que se quer enganar, certa descrição de real favorável ao emissor. Desse modo, toda a habilidade técnica da desinformação reside justamente no mecanismo que permite travestir uma informação falsa em uma informação "verdadeira" que seja perfeitamente crível e que oriente a ação daquele que a recebe em um

sentido que lhe é desfavorável. Assim, trata-se de um jogo com base nas aparências, que necessita de uma compreensão segura do que é uma informação verdadeira, ao menos aos olhos do público.

Nesse sentido, a desinformação só tem sentido como procedimento que visa convencer um público em um contexto em que ele poderia duvidar da realidade de um fato dado. A intenção da desinformação é, portanto, deliberadamente enganosa e a grande dificuldade consiste em percebê-la, pois sua natureza faz dela um instrumento poderoso, mas discreto. Além disso, aqueles que a ela recorrem raramente proclamam esse fato, pois esses métodos não indicam boa reputação.

Por fim, ressaltamos, a partir dessas considerações, que representou uma inquietação para nós a impossibilidade de precisar o grau de intencionalidade por trás dos textos do website MSM. Acreditamos, no entanto, e respaldados pela figura anterior, na qual as TC estão concentradas em uma intersecção das esferas de *misinformation* e *disinformation*, que, apesar de não ser possível “prever que características de textos falados ou escritos provocarão efeitos de formação e mudança de crenças complexas sobre as mentes de determinados receptores” (van Dijk, 2010, p. 123), é possível identificar ideologias políticas que apontam para uma intenção favorável à apresentação das ações em torno do endogrupo do qual fala a redatora, ao passo que manifesta intenções desfavoráveis ao exogrupo, do qual ela fala.

Em síntese, as escolhas lexicais envolvidas na produção das narrativas conspiratórias do MSM nos permitiram argumentar que as TC, na realidade, **entremeiam** as esferas de *misinformation* – por envolver informações equivocadas em sua produção – e de *disinformation* – porque intenta causar danos, em maior ou menor grau, aos alvos dessa produção.

A seguir, faremos a apresentação dos pressupostos teórico-metodológicos em torno do conceito de manipulação, segundo a perspectiva sociocognitiva de van Dijk (2005; 2010), propondo uma discussão acerca de sua influência nas dimensões discursiva e cognitiva, bem como na interrelação indivíduo-sociedade.

## 2.6 A abordagem sociocognitiva da ADC

Em sua obra *Discurso e Poder*, van Dijk (2010, p. 113) define a ADC como um campo de estudos que investiga, sobremaneira, o modo como o abuso do poder social, a dominância e a desigualdade são reproduzidas, e o modo como se lhes resiste, pelo texto e pela fala, nos contextos social e político. Entendemos a ADC, portanto, como um campo

epistemológico transdisciplinar que, a partir das contribuições de suas análises com vistas na transformação social, acabam por evidenciar a importância da atuação conjunta entre linguistas, cientistas sociais e profissionais da Psicologia e da comunicação.

Vale ressaltar uma proposição de mudança à sigla amplamente adotada, ADC, para ECD (Estudos Críticos do Discurso). Segundo van Dijk (2010, p. 10), o principal motivo para isto seria que os ECD não são um método de análise do discurso. Antes, “usam qualquer método que seja relevante para os objetivos de seus projetos de pesquisa”. Dessa maneira, não existiria “uma” análise do discurso como método, bem como não existe uma só análise cognitiva e uma só análise social, podendo um estudioso crítico do discurso analisar seus dados a partir de diferentes métodos<sup>19</sup> de observação, descrição e análise, que podem se combinar e se sobrepor de muitas formas. Nesse sentido, uma investigação pode se concentrar na semântica da narrativa, na retórica do discurso político, na pragmática da conversação ou na semiótica do estilo.

Giddens (1991) considera que a ADC está inserida na esteira dos estudos críticos das mudanças da sociedade moderna posterior, em que os avanços tecnológicos apartaram os signos de sua localização específica, permitindo sua livre circulação nos limites temporais e espaciais.

Na sequência, o prefácio da obra "Discurso, notícia e ideologia: estudos na Análise Crítica do Discurso" (van Dijk, 2005), escrito por Maria Zara Pinto-Coelho, nos introduz aos percursos de pesquisa trilhados por van Dijk, compreendendo de que maneira seus interesses de estudo foram mudando, desde sua formação acadêmica até se fixar como um dos autores de base no cenário do que ele propõe designar por Estudos Críticos do Discurso.

Assim, a autora nos explica que o linguista holandês migrou da Gramática do Texto, com estudos em torno de análises semióticas dos significados nos textos, bem como em torno de teorias da argumentação, passando pelo interesse investigativo por aspectos da Psicolinguística, como o processamento mental dos textos, até chegar na ADC, no qual ele prefere empregar a nomenclatura Estudos Críticos do Discurso.

Na referida obra de 2005, van Dijk lista uma série de requisitos que as investigações críticas do discurso precisam cumprir para efetivar o alcance aos seus objetivos que – ressalte-se – são sociopoliticamente orientados de modo a vislumbrar caminhos de resistência às

---

<sup>19</sup> Van Dijk (2010, p. 11) cita alguns exemplos como: análise gramatical (fonológica, lexical, sintática e semântica), análise pragmática (atos de fala), análise retórica, análise estilística, análise de estruturas específicas (narrativas, argumentação, notícias jornalísticas, materiais didáticos), análise conversacional da fala em interação e análise semiótica dos sons, imagens e outras propriedades multimodais dos discursos e da interação.

relações de dominância que perpetuam injustiças e violações sociais. Dentre esses requisitos, por enxergarmos aproximações com as questões que subjazem nosso objeto de estudo, destacamos os seguintes:

1. A análise crítica de *problemas sociais* empiricamente adequada é, normalmente, *multidisciplinar*;
2. Em vez de, meramente, *descrever* estruturas do discurso, a ADC procura *explicá-las* em termos das propriedades da interação social e especialmente da estrutura social;
3. A ADC enfoca, mais especificamente, os modos como as estruturas do discurso produzem, confirmam, legitimam, reproduzem ou desafiam as relações de *poder* e de *dominação* na sociedade.

Nessa perspectiva, nos chamou atenção o grifo do autor nos termos poder e dominação, na última proposição, uma vez que são alguns dos conceitos-chave de sua abordagem. Em relação ao poder como controle, além do que já foi destacado na segunda subseção deste capítulo, convém trazer mais alguns pensamentos vandijkianos, para quem é possível distinguir os tipos de poder em termos de recursos empregados para exercê-lo.

Dessa maneira, o poder exercido pelos militares, por exemplo, pode ser categorizado como coercitivo, pautado no uso da força. Por outro lado, o poder dos ricos reside no seu dinheiro. Por sua vez, os pais, professores ou jornalistas, por exemplo, exercem poder baseado no conhecimento, na informação e na autoridade.

O autor prossegue, ainda, resumindo os principais pressupostos da ADC, que foram organizados, na verdade, pelos também analistas críticos do discurso Fairclough e Wodak (1997, p. 271-280 *apud van Dijk*, 2005, p. 20):

- A ACD dedica-se a problemas sociais;
- As relações de poder são discursivas;
- O discurso constitui a sociedade e a cultura;
- O discurso tem um funcionamento ideológico;
- O elo entre texto e sociedade é mediado;
- A análise do discurso é interpretativa e explicativa;
- O discurso é uma forma de ação social.

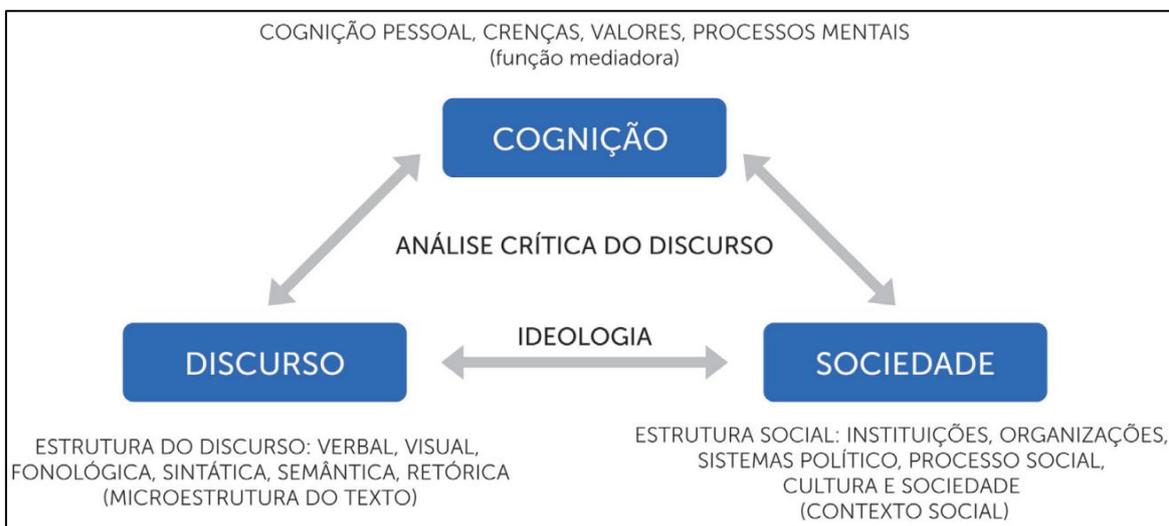
A seguir, situamos e explicamos as entrelaçamentos das três dimensões que congregam o modelo de análise crítica dos discursos, sob a perspectiva vandijkiana, bem como

algumas categorias importantes para a posterior compreensão de decisões metodológicas que tomamos no tratamento com os dados a que chegamos.

### 2.6.1 Discurso e sociedade

Em obra posterior, van Dijk (2010) estabelece, conforme demonstra a Figura 4, o elo que intermedia a ligação entre as interfaces do discurso e da sociedade: a cognição. Assim, van Dijk institui uma concepção sociocognitiva para pesquisas em ADC, dentre as tantas abordagens que este campo possui.

Figura 4 - Dimensões de análise na abordagem sociocognitiva da ACD



Fonte: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/143927>.

Partindo do que preceitua a triangulação exposta acima, iniciando pelo discurso, este é entendido pelo autor em seu sentido amplo, contemplando, não só as estruturas da modalidade verbal de produção de textos falados e escritos, mas, também, elementos não verbais, tais como gestos, expressões faciais, layouts de texto, imagem, som, música e assim por diante.

Para o autor, esses recursos circunscrevem estratégias de produção com vistas ao controle e à manipulação de representações mentais que se pode ter dos eventos no mundo. Tais estratégias exercem, sobretudo, um efeito de sentido que (des)enfatiza pontos negativos ou positivos sobre Nós ou Eles.

Também constitui interesse de pesquisa de van Dijk explicar a importância do contexto nas escolhas lexicais e como estas revelam estratégias de autorrepresentação positiva

ou negativa nos discursos de grupos hegemônicos. Dessa forma, o léxico compõe uma categoria importante em seu quadro conceitual que é o significado do discurso, este se desdobra em significados globais e locais. Assim, van Dijk (2005, p. 43) concebe que:

Os significados locais constituem o resultado da seleção feita pelos falantes ou escritores dos seus modelos mentais dos acontecimentos, ou das suas crenças mais gerais socialmente partilhadas. Ao mesmo tempo, constituem o tipo de informação que (sob o controle geral dos tópicos globais) influencia os modelos mentais de forma mais direta e, por este motivo, as opiniões e atitudes dos receptores. Juntamente com os tópicos, estes significados são mais bem lembrados e mais facilmente reproduzidos pelos receptores, e podem ter assim consequências sociais mais óbvias. Embora haja muitos modos de estudar o significado, iremos mencionar apenas alguns aqui. A investigação na ACD está frequentemente interessada no estado dos discursos ideologicamente enviesados e nos modos como estes polarizam as representações de nós (endogrupos) e eles (exogrupos). Tanto ao nível da análise do significado global como local.

Cabe lembrar, aqui, nossa premissa geral, segundo a qual as NC do website Mídia sem Máscara puderam ser entendidas como investimentos discursivos manipulatórios das representações mentais do público acerca do contexto da pandemia de covid-19. Em vista disso, nossa escolha por utilizar como aporte teórico os pressupostos da abordagem sociocognitiva da ADC se justifica na análise especial que ela permite acerca do fenômeno sócio-discursivo-cognitivo da manipulação, empreendida por instituições que naturalizam esta forma ilegítima de poder sobre seus interlocutores.

Isto quer dizer, ainda, que, na prática, as NC acerca de elementos concernentes à pandemia de covid-19 são emolduradas em um suporte genérico, que são os artigos de opinião, veiculados em uma plataforma digital, que é o website MSM. A redatora das NC que foram analisadas se valeu de estruturas discursivo-multissemióticas diversas como imagens, hiperlinks e fontes salientes para induzir que seus leitores tomassem como verdades irrevogáveis e absolutas as suas próprias representações mentais acerca da pandemia.

Em decorrência disso, tópicos como “a exigência do passaporte sanitário”, por exemplo, foram, a partir de sua construção com base em escolhas lexicais ideologicamente orientadas e planejadas, alterados na cognição dos receptores a fim de que eles passassem a enxergá-la não mais como símbolo de proteção mútua, mas como marca de opressão e de promoção do medo, o que influencia uma manifestação discursiva desfavorável ao porte do comprovante vacinal para circular em ambientes públicos.

### ***2.6.2 Manipulação discursiva na perspectiva sociocognitiva***

Está claro que todo o nosso estudo gira em torno, sobretudo, da análise da **manipulação discursiva** em NC. Por manipulatória, van Dijk (2010, p. 234) compreende toda prática interacional e comunicativa na qual o manipulador exerce controle sobre outras pessoas, normalmente, contra o interesse delas. Neste sentido, destaca, ainda, que a manipulação implica uma forma de influência deslegitimada, ou seja, abusiva de poder, no uso discursivo, fazendo com que as vítimas do processo acreditem ou procedam da maneira que mais convém aos interesses do manipulador.

Isso é possível porque, nestes casos, os manipulados não têm domínio sobre as intenções – confessas ou não – dos produtores das informações às quais foram expostos, não sendo capazes de resistir a tal dinâmica. O exercício manipulador representa uma violação de interesses uma vez que se prejulgam como interesses do manipulado, por exemplo, ser bem informado, o que não ocorre, principalmente se considerarmos a consequente desordem informacional na dinâmica das contemporâneas revoluções digitais.

O autor aproveita para destacar que a diferença entre manipulação – forma ilegítima de poder discursivo – e persuasão – forma legítima<sup>20</sup> de poder discursivo – se estabelece no nível contextual. Isso porque muitas formas de persuasão comercial, religiosa ou política podem ser, de maneira formal, eticamente legítima, mas serem julgadas como manipuladoras por alguns sujeitos, dependendo de seus papéis sociais e grupos ideológicos com os quais se identifica.

Nesse sentido, acerca dessa fluidez de atribuição de caráter manipulador a determinados textos e discursos, van Dijk (2010, p. 251) estabelece que os modelos de contexto devem ser previamente analisados em relação às estruturas discursivas porque “Estruturas do discurso, em si, não são manipuladoras, elas somente possuem tais funções ou efeitos em situações comunicativas específicas e na maneira pela qual estas são interpretadas pelos participantes em seus modelos de contexto”.

Por fim, aproveitamos para listar algumas estratégias comuns ao discurso manipulador que são postuladas por van Dijk (2010, p. 252-253):

---

<sup>20</sup> Porque permite o uso da palavra/do discurso, por parte do interlocutor, com quem pode debater o manipulador, podendo não lograr êxito em suas investidas.

- Estratégias de interação gerais:
  - autoapresentação positiva;
  - outro-apresentação negativa;
- Macroato de fala indicando nossos “bons” atos e os “maus” atos dos outros, por exemplo: acusação, defesa;
- Macroestruturas semânticas: seleção de tópicos
  - (des)enfatizar pontos negativos ou positivos sobre nós/eles;
- Atos de fala locais de discurso estabelecendo e sustentando atos de fala globais, por exemplo, declarações que comprovem acusações;
- Significados locais de ações positivas/negativas nossas/deles:
  - fornecer muitos/poucos detalhes;
  - generalizar/ ser específico;
  - ser vago/ ser preciso;
  - ser explícito/ ser implícito;
- Léxico: selecionar palavras positivas para nós e negativas para eles;
- Sintaxe local: orações ativas x passivas;
  - nominalizações;
  - (des)enfatizar a agência ou responsabilidade positiva nossa e negativa deles;
- Figuras retóricas:
  - hipérboles x eufemismos para significados positivos/negativos;
  - metonímias e metáforas enfatizando propriedades positivas/negativas nossas/deles;
- Expressões sonoras e visuais:
  - enfatizar (volume alto, fonte grande, em negrito etc.);
  - ordem (significados positivos/negativos vindo em primeiro ou segundo plano, na parte superior ou inferior da página etc.)

Conforme será exposto nos capítulos de Metodologia e de Confrontação e Análise de Dados, muitas dessas categorias propostas, de fato, figuraram nos dados flagrados por nossa análise. Isto significa dizer que, mais adiante, neste trabalho, as categorias mais produtivas nesta investigação serão devidamente comentadas e aprofundadas.

### **2.6.3 O papel da cognição**

Por conseguinte, ao discorrer acerca da instância cognitiva, van Dijk (2005, p. 53), considera elementos como os conhecimentos, atitudes, ideologias, normas e valores, formas de cognição social coletivamente partilhadas e que, pelo fato de a ADC se preocupar com estruturas de poder, práticas de dominação e desigualdades sociais, ela também precisa fornecer explicações acerca de como operam estes elementos na interface cognitiva dos indivíduos e que tipo de influência exercem. Em síntese, para o autor, as representações sociais de fatos, eventos ou situações no mundo podem ser entendidas como modelos mentais particularizados, sendo frequentemente expressos nos textos e nas falas.

Sob esse contexto, van Dijk (2005, p. 53) explica que é através dos modelos mentais dos discursos cotidianos, tais como conversações, relatos noticiosos da imprensa escrita ou em manuais, que adquirimos nosso conhecimento de mundo, nossas atitudes socialmente compartilhadas e, por último, nossas ideologias, normas fundamentais e valores. Esse esquema traz um retrato de como grupos de poder podem afetar as estruturas do discurso e vice-versa: “Nomeadamente, através das representações sociais partilhadas por grupos, e os modelos mentais que, por sua vez, constituem instâncias específicas desses modelos mentais”.

Van Dijk (2016), em sua obra *Discurso, Cognição e Sociedade: estado atual e perspectivas da abordagem sociocognitiva do discurso*, discorre sobre determinados mecanismos que concernem à interface cognitiva, responsáveis pelo processamento de informações de textos escritos ou falados. Tal interface é constituída de duas dimensões: uma individual, em que residem modelos mentais pessoais chamados de Modelos de Contexto – que controlam o conteúdo e o estilo do que é dito quando produzimos nossa retórica a depender da situação/ambiente – e Modelos de Situação - que envolvem retenção de informações importantes na construção de representações semânticas do evento de que se fala –; e a outra dimensão é socialmente compartilhada e envolve crenças e ideologias que podem ser partilhadas entre grupos identitários.

Esses modelos mentais estariam, ainda, inseridos em dois tipos de memória: a memória de curto prazo e a memória de longo prazo, onde também se aloca a memória episódica, fundamental para a lógica de manipulação cognitiva.

A memória de curto prazo, ou MCP, funciona à base de uma compreensão mais imediata da informação. Inputs como sinais verbais, sonoros e visuais, fonte saliente em cores e tamanhos, posições ou planos de uma imagem, entre outros elementos, podem funcionar como gatilhos que ativam blocos de informação mais solidificados.

Esses blocos de informação são os modelos mentais armazenados na memória de longo prazo, ou MLP, mas, mais especificamente em um “compartimento” da MLP que se chama Memória Episódica, que nos permite tanto recuperar experiências marcantes, quanto armazenar e até mesmo formular novos modelos mentais, envolvendo crenças, atitudes, ideologias.

#### ***2.6.4 Ideologias e o poder como controle sobre os níveis cognitivo e social***

Outra noção importante em seu quadro conceitual é a de Ideologia, a qual o autor considera como sendo representações básicas de grupos sociais que baseiam os conhecimentos e as atitudes incorporadas por agremiações ideológicas como socialistas, neoliberais, feministas, antifeministas, ecologistas etc. Assim, é a ideologia que organiza as atitudes dos agrupamentos sociais em relação aos eventos no mundo.

Então, uma ideologia racista organizará atitudes de grupos que partilham dela em relação a tópicos como imigração, mercado de trabalho, educação etc., abrangendo níveis de pertença, objetivos, percepção de autoimagem, normas e recursos de cada grupo.

A fim de oportunizar um diálogo teórico com as proposições vandijkianas, pusemos em cena o preconizador da abordagem dialético-funcional da ADC, Norman Fairclough, que tem uma percepção semelhante do papel das ideologias na reprodução de poder hegemônico através da generalização de representações sociais, em primeira análise, particulares.

As pesquisadoras Ramalho e Resende (2011), em *Análise de Discurso (para a) Crítica: o texto como material de pesquisa*, resgatam noções preliminares nas reflexões empreendidas por Fairclough, para quem o discurso, o poder como hegemonia e a ideologia são fundamentos da linguagem como prática social.

Nesse sentido, Fairclough (2001) argumenta, com base no conceito de hegemonia oriundo da acepção de Gramsci (1971), que as relações assimétricas de poder são instauradas e passíveis de superação pela linguagem, que exerce efeitos morais, políticos e ideológicos. Considera, ainda, que grupos de poder disseminam representações particulares como gerais e, através do consenso, conquistam sua hegemonia.

A compreensão faircloughiana acerca do papel assegurador de hegemonias e de relações de dominação que exerce a ideologia influenciou a categorização de ideologia como negativa, adotando a perspectiva de ideologia negativa de Thompson (1984). Assim, desvelar ideologias que sustentam grupos hegemônicos é o primeiro passo em direção à emancipação social.

Entidades que exercem o poder social normalmente gozam de livre acesso a recursos como os meios de comunicação, para, por intermédio desses canais, concretizarem seu exercício manipulador. Van Dijk (2010) considera que o poder moderno prima por um caráter mais sutil e persuasivo que propriamente coercitivo.

Para efetivar essa dominância, o controle da dimensão cognitiva, segundo o que viemos demonstrando até aqui, é crucial. Portanto, entidades que possuem acesso especial aos meios de comunicação de massa podem influenciar estruturas textuais de modo que, como resultado deste processo, as crenças e representações de mundo, ou seja, elementos subjacentes à cognição dos receptores, sejam mais ou menos alteradas e afetadas em torno dos interesses dos grupos que agem por esta prática, pois “de um modo geral, o que está envolvido aqui é a manipulação de modelos mentais de eventos sociais através do uso de estruturas discursivas específicas, como estruturas temáticas, manchetes, estilo, figuras retóricas, estratégias semânticas etc.” (van Dijk, 2010, p. 89).

Após essa longa imersão sobre o quadro conceitual vandijkiano para o empreendimento de análises críticas dos discursos, nos encaminhamos para a finalização deste capítulo. Antes, porém, vejamos como se configurou a seleção das categorias de estudo, que guiaram nosso exercício metodológico e analítico dos dados, e que, portanto, manifestam-se com frequência nos dois próximos capítulos.

### ***2.6.5 Delimitação de categorias: ajustando as velas***

Para os fins deste estudo, julgamos prudente realizar uma filtragem das categorias de trabalho, dentre as demais noções anteriormente expostas, considerando aquelas que acreditamos ser mais produtivas em relação ao nosso *corpus* selecionado. Sendo assim, recortamos como categorias de análise os seguintes conceitos:

Significados do discurso globais;

Significados do discurso locais;

Formas locais do discurso;

Representações mentais.

Sobre os significados globais, conforme já citado anteriormente, van Dijk (2005, p. 41-42) compreende que “os utilizadores da linguagem são incapazes de memorizar e de controlar todos os detalhes significativos de um discurso, e por esta razão, organizam

mentalmente estes significados através de significados globais ou tópicos discursivos” – os quais define, também, por **macroproposições** -, que são inferíveis porque são expressos no micronível do texto. O autor considera que, na dinâmica de manipulação, os falantes e escritores podem realçar o significado, controlar a compreensão e influenciar a formação dos modelos mentais de seus interlocutores.

Por conseguinte, o micronível do texto compreende o que o autor concebe por significados locais, que são resultado da seleção de modelos mentais do produtor do texto e como estes são representados a nível lexical. Portanto, aqui importa relacionar **escolhas lexicais** às **representações semânticas** as quais aludem.

Quanto às formas locais, van Dijk (2005, p. 46) considera como microestruturas mais sutis ao nível da **sintaxe**. Tais estruturas constituem a relação formal entre as orações em sequência de **ordenação, primazia, relações pronominais, voz ativa e/ou passiva, nominalizações**, entre outras características formais das frases e sequências.

Assim como as escolhas lexicais subjacentes aos significados locais, as formas locais são resultado da seleção, feita pela redatora da NC, dos seus modelos mentais ou crenças particulares em relação às situações sobre as quais faz referência e deseja generalizar. Portanto, essas são as espécies de informações que influenciam (sob articulação, também, dos significados globais) os modelos mentais, opiniões e atitudes de seus interlocutores de maneira mais direta.

Finalizado o percurso de embasamento teórico dos conceitos que fundamentaram esta pesquisa, passemos, então, à descrição das decisões metodológicas tomadas para operacionalizar nossas questões em função do alcance dos objetivos específicos, os quais foram rememorados no capítulo subsequente.

### 3 O FAZER METODOLÓGICO EM FOCO

A ACD tem uma relação dialógica com outras teorias e métodos sociais, com eles engajando-se não apenas de maneira interdisciplinar, mas transdisciplinar, entendendo que coengajamentos particulares sobre determinados aspectos do processo social devem suscitar avanços teóricos e metodológicos que perpassem as fronteiras das várias teorias e métodos (Fairclough, 2012, p. 308).

Neste capítulo, apresentamos as etapas e os critérios que orientaram as decisões metodológicas tomadas para viabilizar a investigação das questões deste estudo. Iniciamos a partir da caracterização da pesquisa, no intuito de conceber uma relação entre o tipo e a abordagem metodológica escolhida com a natureza do objeto de estudo, marcado por textos produzidos em contextos de interação virtual.

Em seguida, delimitamos o universo e a amostra de pesquisa, detalhando características gerais do *locus*, bem como dos materiais textuais que constituíram nossos *corpora* de pesquisa. Adiante, prosseguimos com a exposição dos procedimentos de coleta e análise de dados, discriminando os critérios de seleção de cada *corpus* utilizado neste exercício investigativo. Por fim, fazemos o levantamento de categorias que atuaram como baliza para a interpretação dos resultados a serem sistematizados no capítulo posterior.

#### 3.1 Caracterização da pesquisa

Em primeiro plano, a presente pesquisa se caracterizou por ser do tipo documental, de orientação qualitativa/interpretativa, com finalidade descritiva. As pesquisas do tipo documental se valem de “materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”, conforme define Gil (2008). Para o autor:

Existem, de um lado, os documentos de primeira mão, que não receberam qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc. De outro lado, existem os documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc. (Gil, 2008, p. 51).

Considerando o que foi postulado acima, destacamos que os materiais textuais com os quais lidamos neste estudo são de primeira mão, uma vez que são textos de domínio público de uma plataforma da web, cujas informações e características serão pormenorizadas na subseção a seguir.

Segundo postula Appolinário (2009, p. 27), as pesquisas documentais, normalmente, utilizam a análise de conteúdo como técnica de investigação. Assim, neste processo, “os elementos fundamentais da comunicação são identificados, numerados e categorizados. Posteriormente, as categorias encontradas são analisadas face a uma teoria específica”.

A análise de conteúdo permite, ainda, apreender significados a partir da decomposição do texto em fragmentos mais simples, que revelam, a partir da frequência de citação de termos ou ideias, os sentidos - confessos ou não - que seus produtores pretendem inculcar em seus interlocutores (Chizzotti, 2006 *apud* Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009, p. 11).

Acerca da abordagem qualitativa de pesquisa, Hofstatter (1957, p. 315) considera que: “explicamos a natureza, compreendemos a vida mental”. A pesquisa qualitativa, diferente da abordagem quantitativa, é caracterizada por um espectro de métodos e técnicas, adaptados ao caso específico de estudo, ao invés de um método padronizado único. Assim, o método deve se adequar ao objeto de estudo:

A pesquisa qualitativa é uma ciência baseada em textos [...] além do mais, a concepção do objeto de estudo qualitativo sempre é vista na sua historicidade, no que diz respeito ao processo desenvolvimental do indivíduo e no contexto dentro do qual o indivíduo se formou (Gunther, 2006, p. 5).

Sob esse viés, ressalta-se que na pesquisa qualitativa é possível, segundo o que ponderam Magalhães, Martins e Resende (2017), examinar uma vastidão de aspectos do processo social, “como o tecido social da vida diária, o significado das experiências e o imaginário dos participantes da pesquisa; a forma como se articulam os processos sociais, as instituições, os discursos e as relações sociais, e os significados que produzem”.

Ademais, os estudos em ADC, normalmente, adotam uma postura epistemológica interpretativista. Isto significa que “o ponto principal é o significado das ações sociais. Uma ação social é significativa quando apresenta um conteúdo intencional” (Schwandt, 2006 *apud* Magalhães; Martins; Resende, 2017, p. 31).

De maneira semelhante, o paradigma interpretativista, segundo concebe Bortoni-Ricardo (2008), congrega um conjunto de métodos típicos da pesquisa qualitativa, cujos procedimentos desvelam minúcias dos fenômenos e práticas cotidianas dos sujeitos que se tornam implícitas devido a sua atividade rotineira no mundo. A pesquisa interpretativa objetiva, então, “entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto” (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 34).

Assim, interpretamos os processos imbricados na produção discursiva manipulatória das NC, publicadas na plataforma digital Mídia sem Máscara. Buscamos testar nossa suposição de trabalho, segundo a qual, através de recursos linguístico-discursivos, mobilizados nas NC de temática pandêmica, o sistema de representações mentais de seus interlocutores é afetado, em relação aos protocolos de enfrentamento da pandemia de covid-19, bem como em relação aos representantes políticos que os executam nas regiões sob sua jurisprudência. Nesta empreitada, os pressupostos da abordagem Sociocognitiva (van Dijk, 2005; 2010) dos Estudos Críticos do Discurso nortearam nossos esforços analíticos.

As categorias de análise propostas nesta seção lançaram luz à dinâmica de promoção do pensamento conspiratório na web por força da mobilização de textos e discursos cuidadosamente elaborados para atingir tal fim. Desta maneira, pudemos cercar o fenômeno das teorias da conspiração a partir de uma ótica linguística, para além das abordagens, nas quais pesquisas com esta temática já se mostram profícuas: Sociologia (Nefes; Romero-Reche, 2020; Smallpage *et al.*, 2020; Bergmann; Butter, 2020); Psicologia (van Prooijen; Klein; Dordevic, 2020; Douglas, Cichocka, Sutton, 2020; Lantian; Wood; Gjoneska, 2020; Imhoff; Lamberty, 2020).

Finalizada a caracterização da pesquisa, seguimos adiante com a delimitação de seu universo e amostra, a fim de caracterizarmos os tipos de materiais dos quais a nossa análise deu conta, os critérios que nortearam sua triagem, bem como seu ambiente de produção e circulação. Essas informações suscitaram uma análise contextual da plataforma e dos textos observados, bem como propiciaram nossas primeiras provocações no capítulo de Análise de Dados, que ainda será apresentado.

## **3.2 Delimitação do universo e da amostra de pesquisa**

### ***3.2.1 Locus de pesquisa***

Selecionamos o website Mídia sem Máscara (MSM), cujos conteúdos publicados versam desde política e economia até cultura geral e religião, em um esforço de trazer à tona “trechos da mídia nacional que passam despercebidos aos olhos do público”. Vejamos o layout inicial da página na figura a seguir.

Figura 5 – Layout de cabeçalho da página Mídia sem Máscara



Fonte: <https://midiasemmascara.net/>.

Seu slogan – *media watch*<sup>21</sup> desde 2002 - revela a intencionalidade da página de fazer seu público entender a influência oculta da esquerda, que, segundo o que considerou seu fundador, Olavo de Carvalho, na aba Quem Somos, através do aparelhamento da grande mídia brasileira, intenta manipular e controlar as consciências do grande público, omitindo ou distorcendo informações sobre marcos sociais de grande relevância.

Ao enumerar algumas notícias<sup>22</sup> as quais, supostamente, o público não teve acesso, por interesse do que entendia por mídia esquerdista, Olavo se enxergava como um dissidente de tal espectro, contra o qual afirmou: na grande mídia brasileira não existe jornalismo nenhum. Existe apenas manipulação a serviço da esquerda. Considerou ainda, que:

<sup>21</sup> “Observador de mídia” (tradução nossa).

<sup>22</sup> “Desde a década de 80 os brasileiros estão privados de informações, por exemplo, sobre tortura e mortes de prisioneiros em Cuba, sobre as contínuas fugas de funcionários importantes do regime cubano, sobre o envolvimento pessoal de Fidel Castro no tráfico de drogas etc. Estão privados de informações sobre os contínuos preparativos da China para uma guerra nuclear, sobre o apoio da Rússia e da China aos movimentos terroristas, sobre as novas e mais temíveis funções da KGB etc. Estão privados de informações até mesmo sobre a direita norte-americana, cujos atos e palavras só nos chegam na sua versão monstruosamente distorcida fabricada pelos Clintons et caterva. Estão privados de informações sobre praticamente tudo o que os historiadores descobriram, ao longo de mais de uma década, em pesquisas nos arquivos de Moscou” (MÍDIA SEM MÁSCARA, [s.d]). Disponível em: <https://midiasemmascara.net/quem-somos/>.

O que torna as coisas ainda mais difíceis é que nos últimos anos o estímulo geral à expressão de crenças esquerdistas encorajou todos os analfabetos do país a dar opiniões. Cada um deles, armado do sentimento de certeza que lhe infunde o fato de estar do lado da maioria falante, recorre com a maior sem-cerimônia ao *argumentum ad ignorantiam* (“isso nunca chegou ao meu conhecimento, portanto isso não existe”) e é reforçado nesse vício pela totalidade da mídia que lhe sonega, precisamente, os conhecimentos que ele não deseja ter (MÍDIA SEM MÁSCARA, [s.d.]).

Percebemos uma preocupação do fundador e, também, conforme veremos mais adiante, de uma de suas articulistas, que assume a autoria da NC que analisamos no capítulo seguinte, em aplacar os esforços das mídias tradicionais brasileiras, segundo ele, ligadas a um projeto político da esquerda. A referida articulista empenha-se, mais especificamente, em sugerir ou mesmo demonstrar a pretensão da esquerda em reduzir ao absoluto, porém paulatinamente, as liberdades individuais da sociedade no contexto da pandemia de covid-19.

Retornando às palavras de Olavo, salientamos o trecho em que expõe: “Contra tudo isso, quê podemos fazer? MÍDIA SEM MÁSCARA é composto de colaboradores que trabalham de graça, por generosidade, patriotismo e senso do dever”; consolidando o posicionamento da página nesse cenário de luta sociopolítica.

A seguir, tratamos da delimitação dos materiais que constituíram nosso *corpora* de pesquisa, apresentando os critérios que orientaram a seleção de texto no website MSM, bem como justificando a quantidade de tais materiais que pensamos ser adequada para integrar nossa análise.

### 3.2.2 Amostra

O material textual investigado constituiu *corpora* a partir de dois *corpus* de naturezas genéricas distintas. O primeiro *corpus* foi constituído por um artigo de opinião, a qual preferimos nos referir como narrativa conspiratória, publicada no website MSM, sob o recorte temporal de maio de 2022, ano marcado pela estabilização e discretas variações nas taxas de positividade para a covid-19.

Nesse sentido, o critério de seleção da NC foi norteado pelo fator temática: apesar de o website publicar conteúdo acerca de outros domínios e acontecimentos sociais, selecionamos aquele cujo tema versa sobre elementos pertinentes ao contexto da pandemia de covid-19, em virtude do qual, desde 2020, se discutiu sobre a necessidade de medidas como o isolamento social, o uso do passaporte sanitário e as vacinas contra a covid-19, tópicos abrangidos na NC selecionada. Salientamos que a quantidade do texto-fonte selecionado (um),

justifica-se devido a sua grande extensão e sua complexidade de constituição multissemiótica disponível para análise.

O segundo *corpus* de análise, por sua vez, foi constituído de 5 interações na seção de Comentários relacionados à referida NC, que evidenciaram pistas linguístico-discursivas dos modelos mentais já afetados após a leitura do material. Assim, partindo das marcas nas superfícies textuais dessas interações, pudemos construir interpretações acerca do fenômeno de manipulação discursiva, que instrumentalizou textos no fomento ao pensamento conspiratório no contexto da pandemia de covid-19.

Adiante, seguimos traçando os esquemas metodológicos adotados na coleta de dados, elencando os procedimentos que nos favoreceram o teste de nossas suposições de trabalho e o atingimento dos objetivos específicos deste projeto.

### 3.3 Procedimentos de coleta de dados

Dado que nosso estudo propõe analisar tanto a NC quanto os comentários produzidos pelos sujeitos interlocutores, nossas etapas demandaram especificidade para cercar aspectos de cada um dos *corpora* os quais foram organizados à luz dos objetivos de pesquisa.

Portanto, para facilitarmos ao leitor a compreensão de quais gêneros textuais foram investigados em cada objetivo, informamos que, no Objetivo Específico I, os procedimentos metodológicos se ergueram com base na coleta de uma NC, enquanto, no Objetivo Específico II, coletamos os comentários deixados pelo público leitor do website ao final do texto-fonte. Já no Objetivo Específico 3, mesclamos os dados obtidos do exame tanto da NC quanto dos comentários, focalizando a expressão de suas representações mentais e os problemas sociais aos quais estão associadas.

Para o alcance do Objetivo Específico I, descrever as estratégias de manipulação discursiva empregadas na produção de narrativas conspiratórias sobre a covid-19 do website Mídia sem Máscara, considerando a construção de significados globais e locais, priorizamos a análise de duas categorias, as **macroproposições** da NC ao longo de cada parágrafo, bem como os **modelos mentais** que emergem da sua materialidade escrita. Assim, adotamos os seguintes procedimentos de construção de dados:

- a) emprego da palavra-chave ‘covid-19’ no mecanismo de busca do site MSM;
- b) seleção de duas NC com o maior número de comentários;

- c) análise comparativa prévia, mediante observação de vestígios linguístico- discursivos, para filtragem daquela NC que nos pareceu mais produtiva, visando os objetivos específicos de pesquisa;
- d) construção de um quadro relacional de **significados globais** – em termos de macroproposições gerais da NC -, **significados locais** – em termos de estratégias em nível sintático para construção da argumentação da redatora – e **representações mentais** que a redatora da NC expressa – mediante exercício inferencial da pesquisadora.

Para o alcance do Objetivo Específico II, definir as representações mentais acerca da covid-19, considerando as associações negativas feitas pelos comentaristas em relação à pandemia como a ditadura e ao exogrupo e suas ações como criminosos, ditatoriais e diabólicos, utilizamos a proposta de van Dijk (2005) para a análise de **significados locais** nos comentários, em termos da dialética entre **escolhas lexicais** e **representações mentais** as quais aludem. Isto considerado, as etapas foram as seguintes:

- a) transcrição dos comentários;
- b) seleção de itens léxico-semânticos que marquem o posicionamento discursivo dos comentaristas;
- c) anotação de inferências acerca das representações mentais as quais alude cada comentário;
- d) construção de um quadro relacional das escolhas lexicais e representações mentais criadas/afetadas, considerando os comentários selecionados.

Por fim, para o alcance do Objetivo Específico III, Relacionar as representações mentais de quem produz e de quem consome as narrativas conspiratórias aos problemas sociais decorrentes da crença conspiratória acerca da covid-19, considerando a cisão ideológica entre endo e exogrupo, bem como o ideário antivacina, com relação ao tratamento do impacto dessas estratégias de manipulação – em termos de escolhas lexicais e macroproposições - e da partilha de modelos mentais entre redatora e comentaristas na instauração ou manutenção de problemas sociais, os procedimentos foram:

- a) captura de tela dos comentários;
- b) codificação do nome dos usuários e utilização de mecanismo de desfocamento de foto de perfil dos atores tecnossociais, como procedimento ético de preservação da identidade dos comentaristas;

- c) identificação de representações mentais congruentes, partindo dos dados dos dois quadros anteriores, nos quais foram discriminados os modelos mentais da redatora e dos comentaristas;
- d) construção de um quadro relacional entre representações mentais congruentes e dos problemas sociais aos quais estão relacionados.

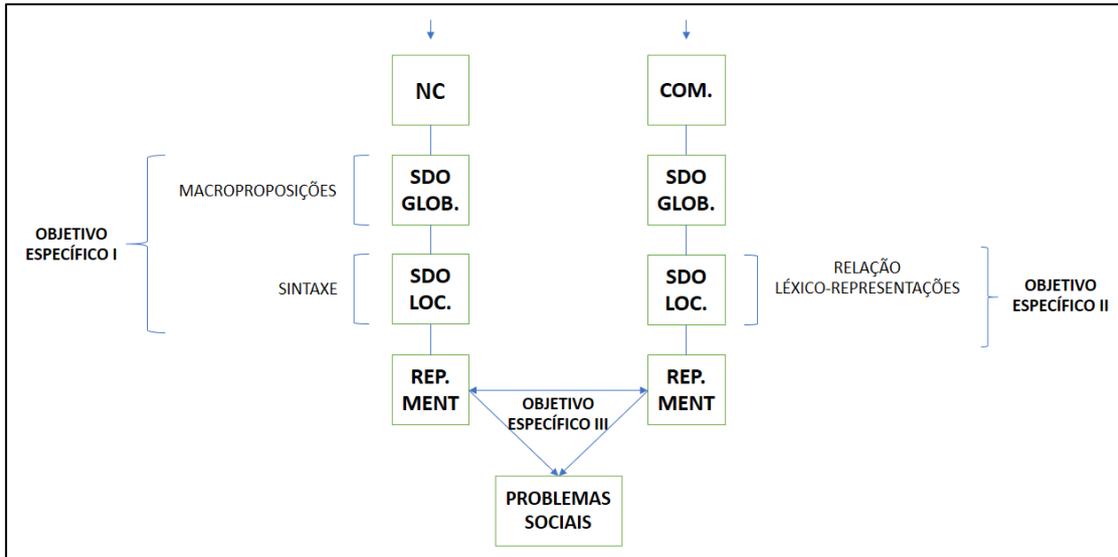
Considerando que o principal aporte teórico desta pesquisa propõe estudos sobre os discursos em pelo menos três níveis, discursivo, cognitivo e social, nos interessou, também, nos alinharmos a essa lógica, partindo do exame dos investimentos linguístico-discursivos engendrados na retórica conspiratória da redatora da NC para explorar a adesão dos comentaristas às representações mentais que a redatora quis desenvolver ou modificar na cognição de seu público com relação à pandemia de covid-19.

Só após relacionar esses dados cognitivos de ambos os atores tecnossociais, pudemos fazer uma análise propositiva dos problemas sociais que podem ser instaurados ou mantidos pelos que aderem a determinadas macroproposições discursivas, uma vez que podem, também, fomentar posturas prejudiciais ao enfrentamento da pandemia de covid-19.

De modo geral, a consolidação do efeito manipulatório foi tangível à nossa interpretação à medida em que as pistas textuais deixadas nos comentários ao final da NC apontaram certo grau de alinhamento/aceitação aos posicionamentos expostos pela redatora do texto-fonte.

A fim de facilitar a compreensão em torno das etapas de investigação de nosso objeto de estudo, dispomos, abaixo, de uma figura ilustrativa do esquema de procedimentos que esboçamos para operacionalizar a coleta dos dados e, logo em seguida, explicamos os procedimentos de análise, a partir dos dados que o esquema proposto nos fornece:

Figura 6 - Esquema de etapas procedurais do projeto



Fonte: elaborado pela autora.

Conforme exposto na figura acima, concentramos esforços na análise de dois materiais textuais, as narrativas conspiratórias, representada pela sigla NC, e os comentários associados a ela, representados pela sigla COM. A fim de darmos encaminhamento ao nosso primeiro objetivo específico de pesquisa, tecemos observações e interpretações acerca dos significados globais e locais envolvidos na produção argumentativa da NC.

As escolhas lexicais manifestadas em cada parágrafo da NC nos apontam macroproposições (van Dijk, 2005), ou seja, tópicos discursivos (significados globais) em torno dos quais a redatora constrói sua retórica, expondo sua linha de raciocínio. Os significados globais só foram apreensíveis porque refletiram os significados locais, tomados aqui em nível de estratégias sintáticas, que organizam a ordenação entre frases, relações de primazia entre determinadas informações apresentadas, recursos de ênfase, entre outros aspectos que evidenciam o encadeamento lógico que a redatora empreende para conferir plausibilidade e fiabilidade às proposições que faz, com base na mescla da representação subjetiva dos fatos, mobilizados para embasar suas opiniões em torno deles.

Com relação aos significados locais, priorizados em nossa análise dos comentários, a fim de dar alcance ao segundo objetivo específico, estes são tomados em termos da relação entre escolhas léxico-semânticas e as representações mentais (van Dijk, 2005) que elas refletem. Aqui, cabe destacar que não sinalizamos o tratamento dos significados globais. Isto porque, dada a extensão curta dos comentários analisados, não se tornou evidente a construção retórica em torno da mobilização de diferentes tópicos discursivos. No entanto, suas escolhas lexicais

são insumos suficientes para produzirmos inferências sobre as representações mentais que mais se consolidaram na cognição dos comentaristas após a leitura das NC.

Por fim, de posse da descrição detalhada das representações mentais expressas na NC e nos comentários, pudemos vislumbrar o caminho para alcançar o terceiro objetivo específico, em torno do qual faremos uma exposição da relação dialética entre modelos ou representações mentais afetadas e seus desdobramentos nas práticas sociais, evidenciando os problemas políticos e de saúde pública que são/podem ser fomentados por tensões instauradas em níveis discursivos.

Desta maneira, além de ter sido possível descrever o processo de manipulação em suas dimensões discursiva e cognitiva, entendemos como estratégias discursivas podem afetar o sistema de crenças e comportamentos na práxis dos interlocutores do MSM. Após as provocações do próximo capítulo, veremos como é possível soerguer mecanismos de combate à dinâmica de desordem informacional nesse contexto.

A seguir, levantamos os procedimentos que foram tomados para o tratamento analítico dos dados coletados, explicando de que forma atuaram os referidos quadros relacionais na organização, defrontação e, principalmente, no desenvolvimento de reflexões a partir dos achados.

### **3.4 Procedimentos de análise de dados**

Levando em conta ser este estudo situado no campo da ADC, principalmente, em sua abordagem sociocognitiva, preconizada por van Dijk, é importante nos alinharmos aos procedimentos teórico-metodológicos comuns a este campo, a fim de nos aproximarmos dos processos investigativos que compõem suas análises, mantendo vivas, neste exercício, as coerências epistemológica e ontológica.

Dessa forma, Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 56) concebem alguns questionamentos norteadores acerca dos quais os pesquisadores em ADC devem partir em suas análises:

- a) trata-se de uma situação concreta de injustiça, desigualdade social, manipulação do poder ou do controle?
- b) a linguagem é utilizada de modo específico, institucionalizado e rotineiro, como meio de representar de modo desfavorável o(s) grupo(s) em desvantagem?

- c) a linguagem é utilizada de modo específico, institucionalizado e rotineiro, como meio de direcionar a compreensão do problema?
- d) a linguagem é utilizada de modo específico, institucionalizado e rotineiro, como meio de construir uma identidade social específica?
- e) a investigação do problema pode esclarecer a situação em si e contribuir para o fortalecimento dos grupos ou pessoas em desvantagem?

Na investigação propriamente dita, que virá a seguir, analisamos a maneira pela qual a produção discursiva da NC selecionada atuou em função da manipulação sociocognitiva dos modelos mentais de seu público. Em suma, os aspectos léxico-semânticos observados operaram em duas frentes: na primeira, como indícios das macroproposições, isto é, os tópicos discursivos, que estruturaram a retórica da redatora ao longo de cada parágrafo, evidenciando os símbolos mais importantes de sua linha de raciocínio, no exercício de sua progressão textual; na segunda, como estruturas linguístico-discursivas que podem ser rapidamente processadas pela MCP (memória de curto prazo) dos comentaristas — considerando o que postula van Dijk (2010) acerca dos tipos de memória —, e que atingem representações mentais mais solidificadas, situadas na MLP (memória de longo prazo).

Desta maneira, pudemos compreender a relação entre os mecanismos linguísticos que auxiliam estrategicamente na manipulação discursivo-cognitiva, como eles recuperam vieses cognitivos previamente estabelecidos e quais são as representações mentais afetadas acerca dos tópicos “isolamento social”, “vacinas contra a covid-19” e “passaporte sanitário”, bem como aos representantes políticos envolvidos na execução dessas medidas anticovid-19.

Por fim, importou-nos analisar as produções discursivas de redatora e comentaristas para compreendermos as aproximações ideológicas que eles manifestam. De posse desses dados, pudemos encarar os possíveis problemas sociais aos quais estão associados esses discursos e representações, como a falta de adesão popular aos protocolos sanitários de proteção à covid-19, o que nos fornece, em contrapartida, condições para visualizarmos mecanismos de resistência à manipulação discursiva empreendida nesses textos.

## 4 CONFRONTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Tal como uma infecção que resiste aos antibióticos, uma teoria da conspiração virulenta pode afastar até fatos incontestáveis. A sua força popular não depende de evidências, mas de sentimentos [...] (D'ancona, 2018, p. 46).

No presente capítulo, damos seguimento à análise dos dados provenientes do exercício metodológico, cujas etapas foram descritas no capítulo anterior, buscando criar inteligibilidade sobre eles à luz das categorias de estudo oriundas da abordagem Sociocognitiva da Análise de Discurso Crítica (van Dijk, 2005; 2010). Assim, procuramos explorar os investimentos discursivos que constituem a retórica das narrativas conspiratórias selecionadas, com o intuito de compreender sua influência na formação de crenças conspiratórias acerca da covid-19 nos potenciais interlocutores.

Conforme nos respalda Silva (2020, p. 29), a etapa em que são sistematizados os resultados e discussões mostra-se, sobremaneira, como um espaço privilegiado de manifestação e marcação da voz do(a) pesquisador(a) que, versando acerca de suas interpretações dos dados, constitui uma etapa rica em informações originais. É nesta grande seção que, normalmente, “os autores apresentam suas descobertas e procuram estabilizar a importância delas” (Yang; Alison, 2003, p. 366).

Nessa perspectiva, a construção das reflexões deste capítulo obedeceu um fluxo sociorretórico que se iniciou com a apresentação dos achados, seguido de uma dissertação-analítica, na qual pormenorizamos os achados em quadros demonstrativos e os discutimos em função dos aspectos introdutórios gerais e específicos desta pesquisa. Essa tarefa, portanto, foi organizada em subseções particionadas segundo a ordem da apresentação de nossos objetivos específicos, que analisaram, respectivamente, a título de recordação: **estratégias discursivas das NC; os modelos mentais dos comerntaristas; a relação dos modelos mentais com os problemas sociais** mantidos na práxis. Feitas as primeiras considerações acerca desta investigação, iniciamos o escrutínio do primeiro objetivo específico.

### 4.1 Estratégias discursivas nas narrativas conspiratórias: descrever para compreender

A primeira etapa desta análise se baseou na coleta da NC da plataforma brasileira Mídia sem Máscara acerca da covid-19. Ao efetuar uma busca na plataforma pela palavra-chave “*covid-19*”, encontramos dez artigos de opinião. Através do mecanismo que contabilizou o

número de comentários que cada texto possuía, vimos que três tinham um maior número de comentários os quais expusemos em ordem decrescente a seguir:

- Covid-19: Hospital Albert Einstein tem estudo contra uso da hidroxiquina rejeitado pela McMaster University – 8 comentários<sup>23</sup>;
- Covid-19: O vírus se vai mas a sanha totalitária fica – 5 comentários<sup>24</sup>;
- Covid-19: Que a farsa chegue ao fim de uma vez por todas – 4 comentários<sup>25</sup>.

A escolha pelo texto com o segundo maior número de comentários registrados se deu por algumas razões já justificadas no capítulo anterior. Contudo, vale destacar que um dos principais critérios de seleção foi o fato de esta NC congregar tópicos também explorados nas duas outras matérias com maior índice de comentários. Isto foi identificado através da observação dos *inputs* linguístico-discursivo-manipulatórios constituintes da NC selecionada, cujo potencial para gerar efeitos disruptivos ao nível cognitivo do leitor foi por nós constatado. A seguir, uma figura demonstrativa da ferramenta que permite ao pesquisador contabilizar o número de comentários registrados por texto na plataforma MSM.

Figura 7 – Índice de comentários por matéria no MSM

Covid-19: O vírus se vai mas a sanha totalitária fica  
MSM • 12 de maio de 2022 4:23 pm 5



Foto: Rafael Greca, prefeito de Curitiba, que criou o crime de "infração sanitária", imputado a quem se recusar a tomar as vacinas experimentais. A Assembléia Legislativa de Goiás aprovou projeto de lei que proíbe a exigência do cartão de vacinação para o ingresso em locais públicos e privados, nesta terça-feira (10). A proposta dos deputados estaduais Humberto Teófilo e Cairo Salim vai ao encontro da luta do grupo Médicos Pela Vida e de advogados sérios que, por meio da participação em audiências públicas...

Covid-19: Hospital Albert Einstein tem estudo contra uso da hidroxiquina rejeitado pela McMaster University  
MSM • 5 de maio de 2022 5:39 pm 8



Quantas pessoas poderiam ter sido salvas se tivessem tido acesso a um medicamento baratinho, de eficácia comprovada por dezenas de médicos mundo afora e reafirmada pelos pacientes curados (eu mesma sou um deles)

Fonte: <https://midiasemmascara.net/?s=covid-19>.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://midiasemmascara.net/albert-einstein-estudo-hdc-rejeitado/>.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://midiasemmascara.net/virus-vai-sanha-totalit-fica/>.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://midiasemmascara.net/covid-farsa-fim/>.

Os efeitos cognitivos são comprovados a partir do que representam as escolhas lexicais dos leitores-comentaristas, a serem desdobrados mais adiante, mas que, de antemão, expressam inconformismo, impotência e, sobretudo, uma aversão taxativa a determinadas entidades sociais situadas na redação da NC como símbolos conspiracionistas.

Partindo do pressuposto teórico no qual, para o circuito discurso-poder, aqueles que controlam o discurso, exercem controle, também, sobre as crenças e ações dos outros (van Dijk, 2010, p.118), em geral, representantes políticos que implementam medidas anticovid-19, quando situados na NC, são atrelados a um papel de agentes atrozés, cujas ações são tidas como planos intencionalmente danosos à população subordinada a tais regimentos. Vejamos, pois, na figura abaixo, a NC que nos serviu as primeiras contribuições investigativas.

Figura 8 – Prints da narrativa conspiratória analisada





Foto: Rafael Greca, prefeito de Curitiba, que criou o crime de "infração sanitária", imputado a quem se recusa a tomar as vacinas experimentais.

A Assembléia Legislativa de Goiás aprovou projeto de lei que proíbe a exigência do cartão de vacinação para o ingresso em locais públicos e privados, nesta terça-feira (10). A proposta dos deputados estaduais Humberto Teófilo e Cairo Salim vai ao encontro da luta do grupo Médicos Pela Vida e de advogados sérios que, por meio da participação em audiências públicas realizadas em câmaras municipais e assembleias legislativas Brasil afora, têm levado a verdade sobre o abuso ditatorial que é o passaporte sanitário. Algo que em nada tem a ver com saúde, e sim com a implantação de um sistema controle social no qual a liberdade dos indivíduos não é mais considerada e a vida diária do cidadão comum fica inviabilizada.

No Paraná e em Mato Grosso já foram aprovados projetos semelhantes. Rondônia foi o primeiro estado brasileiro a impedir essa exigência, mas o Tribunal de Justiça do estado, ignorando os preceitos constitucionais que impedem a discriminação de qualquer pessoa em território nacional, derrubou a lei declarando-a inconstitucional. A pedido de quem? Do Partido dos Trabalhadores, é claro. Não é a primeira vez que partidos de esquerda acionam o Judiciário para impedir que as leis aprovadas nos legislativos municipais e estaduais que vão contra a ideologia totalitária sejam sancionadas. Quando não é PT, é a Rede, o PSOL, o Sustentabilidade, ou qualquer outro – eles se revezam para disfarçar. Isso já virou rotina, o que nos leva a lembrar o aviso de Rui Barbosa: "a pior ditadura é a do Judiciário, pois contra ela não há a quem recorrer".

Se há algum legado do mundo pós-"pandemia", foi a revelação dos espíritos tirânicos, agora evidentes a todos: na semana passada, o prefeito de Curitiba, Rafael Greca, exonerou por decreto servidores concursados que se recusaram a tomar o experimento contra a Covid-19. Entre eles estão um médico e uma enfermeira que trabalharam arduamente no tratamento de pacientes durante a crise do Covid-19. Ignorando a lei estadual que impede a exigência do cartão de vacinação e demais preceitos constitucionais, Rafael Greca inventou um crime para quem se recusa a ser cobaia de experimento genético: "infração sanitária".

Ora, se um médico que estudou tanto para exercer a medicina não tem capacidade de avaliar se deve ou não se submeter a uma terapia, significa que não estamos mais vivendo num mundo livre. E se o médico não é livre para ser uma autoridade de saúde para si próprio, quem mais terá liberdade sobre o próprio corpo?

Isso é grave. Nem precisa voltar muito na história para citar o comunismo e o nazismo. Basta olhar para a China hoje e ver as pessoas, em Xangai, sendo arrastadas para verdadeiros campos de concentração, por supostamente estarem contaminadas com o vírus. Ver as pessoas saudáveis sendo testadas diariamente e impedidas de sair de suas casas há mais de 40 dias porque o satanista do ditador chinês estabeleceu que quer erradicar o vírus para sempre. Você não verá tais imagens na Globo, porque a mídia de massa no Brasil está sob pesada influência tanto do comunismo em geral, como do comunismo chinês em específico. Mas você pode ver alguma coisa a respeito seguindo os perfis de brasileiros que moram lá e estão sofrendo os horrores do totalitarismo comunista, sem se darem conta do que realmente está por detrás dessa política de "Covid Zero".

... para  
ver aqui.  
**Ainda.**

Quando houver, os Tweets serão exibidos aqui.

[Ver no Twitter](#)

#### Comentários

Fabio Reis em Ambientalismo: O mito da "energia limpa"

Emanuel em O futuro incerto de Putin e a ameaça nuclear ao Ocidente

Divino Souto em Olavo: Ele buscou as coisas do alto

Marcio+Oliveira em Os "direitos constitucionais" da corrupção

Paulo Giurni Pires em Os "direitos constitucionais" da corrupção

Quando houver, os Tweets serão exibidos aqui.

[Ver no Twitter](#)

#### Comentários

Fabio Reis em Ambientalismo: O mito da "energia limpa"

Emanuel em O futuro incerto de Putin e a ameaça nuclear ao Ocidente

Divino Souto em Olavo: Ele buscou as coisas do alto

Marcio+Oliveira em Os "direitos constitucionais" da corrupção

Paulo Giurni Pires em Os "direitos constitucionais" da corrupção

O que o prefeitinho de Curitiba e o ditador chinês têm em comum? Mais do que muitos gostariam de admitir. Com sua ação, escandalosamente criminosa, Greca ataca o direito do ser humano de continuar sendo humano. O que é o homem sem a liberdade de pensar e tomar decisões baseadas em seu conhecimento e horizonte de consciência? Um homem sem alma. E é como seres desalmados que a população chinesa é tratada por Xi Jinping e seu partido assassino. E é dessa forma que, no Ocidente em geral, e no Brasil, muitos promotores de Justiça, **muita gente influente da classe médica**, conselheiros tutelares, jornalistas, políticos de esquerda e tantas outras personalidades estão tratando o povo. Como gado que deve fechar os olhos, tapar os ouvidos, correr para a fila e tomar cada dose de “vacina” que essa elite maldita arbitrariamente decidir, com base em seus interesses escusos.

Que a Justiça seja feita e que todos os déspotas paguem pelos seus crimes, pois nos dias de hoje muitas pessoas estão sofrendo. Ou **porque adoeceram com essa picada, ou porque perderam seus filhos em decorrência dessa ação demoníaca**, que cada vez mais se parece, em vários aspectos, com a implementação de um plano macabro de extermínio populacional.

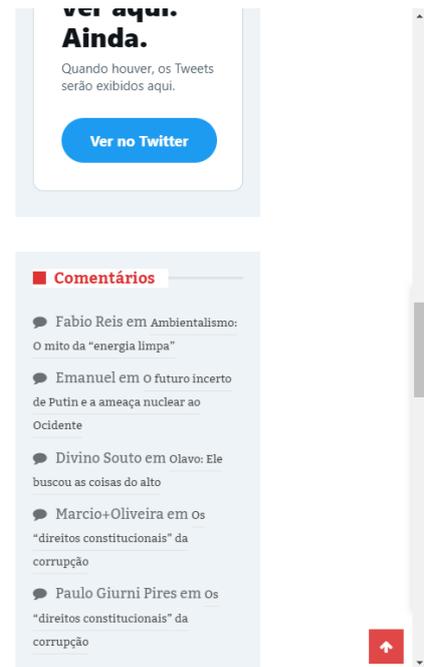
Leia também: [Mentiras covidianas e os crimes da classe médica no Brasil](#)

**Patrícia Castro** é esposa, mãe, e jornalista.

Telegram: [t.me/apatriciacaastro](#)

Instagram: [@acastropatricia](#)

© 2022 MidiaSemMascara.net



Fonte: <https://midiasemmascara.net/virus-vai-sanha-totalit-fica/>.

Para iniciarmos as discussões acerca da peça conspiratória apresentada, queremos destacar que, apesar de neste exame nos interessar, essencialmente, dar destaque ao conteúdo propriamente dito, damos certo espaço à observação de outros aspectos da materialidade textual, desde a escolha da imagem que se antepõe ao título do texto-fonte, a proposta temática anunciada no título e os aspectos tecnodiscursivos sobressalentes ao longo da leitura. Isto porque todos esses recursos verbo-imagéticos e hipertextuais servem à dinâmica de construção de sentidos pretendidos pela autora do texto, que conhece os mecanismos que compõem a cultura da leitura em mídias digitais, em torno da qual ela está circunscrita.

Ademais, é importante demarcar um recurso retórico comum a textos de orientação argumentativa, e que vai ao encontro do que postulou Avramov, Gatov, Yablokov (2020), no que diz respeito à necessidade de um (re)produtor de teorias conspiratórias construir uma espécie de quadro mental que emule efeitos de verdade, respaldando os vieses cognitivos de si e visando, com isso, atingir seu público-alvo.

Dessa forma, é corriqueiro, no texto da figura acima, a mescla de informações subjetivas como questionamentos, exclamações reprovadoras e associações negativas com a apresentação de indícios factuais comentados de forma a corroborar a ideia sustentada, ainda que a interpretação sobre esses indícios se dê de maneira equivocada ou aberta à constatação da incomprovada ligação entre os fatos aludidos e as opiniões mobilizadas em torno deles.

Assim, a autora Patrícia Castro escolheu iniciar suas provocações acerca do que

chama de “*sanha totalitária*” com uma imagem de Rafael Greca para demonstrar que ele é a figura central de sua produção escrita, ainda que para tecer sua linha de raciocínio ela recorra à menção de outras personagens. Na legenda abaixo da imagem consta o seguinte texto em cores menos saturadas: “*Rafael Greca, prefeito de Curitiba, que criou o crime de “infração sanitária”, imputado a quem se recusar a tomar as vacinas experimentais*”.

Nos chama a atenção a frequência com que Patrícia se refere às vacinas contra a covid-19 como “experimentais”, mesmo tendo sido o texto publicado em 2022. Ora, desde dezembro de 2020, países da América do Sul como, por exemplo, Chile, Argentina e Costa Rica<sup>26</sup> já administravam doses de vacinas contra a covid-19.

Vale ressaltar que, desde o início da pandemia de covid-19, o posicionamento discursivo-ideológico de Jair Bolsonaro, à época presidente do Brasil, em relação à emergência da compra de vacinas e à promoção de campanhas de vacinação, era notadamente indiferente. Nota-se, portanto, que a redatora manifesta um projeto de dizer conspiratório amparado, primordialmente, no discurso negacionista e anticientificista do principal representante de poder geopolítico de seu contexto.

Sob esse viés, observamos o modo como a redatora atribui uma espécie de desprestígio às medidas de combate à covid-19, bem como aos representantes políticos que se mostram a favor da execução desses protocolos nas regiões que estão sob sua jurisdição, ao passo que confere valorização privilegiada aos médicos que ela cita como exemplos daqueles que se recusam a ser “cobaias” do que ela categoricamente define como “*a implantação de um sistema controle social no qual a liberdade dos indivíduos não é mais considerada*”.

Nesse sentido, recursos como generalizações, a outroapresentação negativa e a autoapresentação positiva, bem como escolhas lexicais que evocam símbolos inegociáveis da democracia como a “justiça” e a “liberdade” dos indivíduos são mobilizados, visando criar suspeição sobre as vacinas, seus promotores e demais protocolos anticovidianos, desqualificando-os em virtude da consecutiva recusa social a eles.

Para dar andamento à discussão acerca das estratégias discursivas concernentes ao texto da figura anterior, entendemos que a disposição pormenorizada desses recursos, através de quadros demonstrativos, auxiliaria na compreensão de seus significados globais e locais, tomando

---

<sup>26</sup>Mais informações disponíveis em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/quais-os-paises-que-ja-comecaram-a-vacinacao-contr-a-covid-19/#:~:text=A%20imuniza%C3%A7%C3%A3o%20no%20pa%C3%ADs%20come%C3%A7ou,Sul%20a%20v%20acinar%20a%20popula%C3%A7%C3%A3o.>

por base o aparato teórico de van Dijk (2005). Vejamos, então, as macro e microestruturas que conseguimos mapear neste exercício analítico:

Quadro 1 - macro e microestruturas mapeadas do texto-fonte

PARÁGRAFOS DA NC	SIGNIFICADOS GLOBAIS	FORMAS LOCAIS	REPRESENTAÇÕES MENTAIS DA PRODUTORA
<p>A Assembleia Legislativa de Goiás aprovou projeto de lei que proíbe a exigência do cartão de vacinação para o ingresso em locais públicos e privados, nesta terça-feira (10). A proposta dos deputados estaduais Humberto Teófilo e Cairo Salim vai ao encontro da luta do grupo Médicos Pela Vida e de advogados sérios que, por meio da participação em audiências públicas realizadas em câmaras municipais e assembleias legislativas Brasil afora, têm levado a verdade sobre o abuso ditatorial que é o passaporte sanitário. Algo que em nada tem a ver com saúde, e sim com a implantação de um sistema controle social no qual a liberdade dos indivíduos não é mais considerada e a vida diária do cidadão comum fica inviabilizada.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Respaldo na lei da não-exigência de máscaras em Goiás.</li> <li>- Próprios membros da classe médica chancelam o abuso na exigência do passaporte sanitário.</li> <li>- Passaporte sanitário é símbolo do plano de dominação e controle da população comum.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <b>Relação pronominal</b> (<i>algo - anáfora</i>)</li> <li>- <b>Inversão</b> (<i>em nada tem a ver com saúde</i>)</li> <li>- <b>Nominalização</b> (<i>abuso ditatorial / sistema de controle social</i>)</li> </ul>	<p>Pandemia como pretexto para a implantação de ações conspiratórias.</p>
<p>No Paraná e em Mato Grosso já foram aprovados projetos semelhantes. Rondônia foi o primeiro estado brasileiro a impedir essa exigência, mas o Tribunal de Justiça do estado, ignorando os preceitos constitucionais que impedem a discriminação de qualquer pessoa em território nacional, derrubou a lei declarando-a inconstitucional. A pedido de quem? Do Partido dos Trabalhadores, é claro. Não é a primeira vez que partidos de esquerda acionam o Judiciário para impedir que as leis aprovadas nos legislativos municipais e estaduais que vão contra a ideologia totalitária sejam sancionadas. Quando não é PT, é a Rede, o PSOL, o Sustentabilidade, ou qualquer outro – eles se revezam para disfarçar. Isso já virou rotina, o que nos leva a lembrar o aviso de Rui Barbosa: “a pior ditadura é a do Judiciário, pois contra ela não há a quem recorrer”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Outras regiões do país aderem à flexibilização da exigência do passaporte sanitário.</li> <li>- TJRO vai na contramão e toma decisão anticonstitucional de impedir a flexibilização.</li> <li>- Partidos de esquerda, principalmente o PT, orquestram práticas totalitárias, influenciando até sobre o poder judiciário.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <b>Relações pronominais</b> (<i>essa exigência - catáfora; eles se revezam - anáfora</i>)</li> <li>- <b>Desfocalização</b> (<i>mas o Tribunal de Justiça do estado, [...] derrubou a lei declarando-a inconstitucional.</i>)</li> <li>- <b>Voz ativa</b> (<i>Não é a primeira vez que partidos de esquerda acionam o Judiciário para impedir que as leis [...]</i>)</li> <li>- <b>Voz passiva</b> (<i>já foram aprovados projetos semelhantes</i>)</li> <li>- <b>Enumeração</b> (<i>Quando não é PT, é a Rede, o PSOL, o Sustentabilidade, ou qualquer outro</i>)</li> <li>- <b>Nominalização</b> (<i>a ideologia totalitária</i>)</li> </ul>	<p>Polarização ideológica entre endogrupo (constituído por políticos, médicos e cidadão comuns favoráveis à flexibilização de medidas anticovid-19) e exogrupo (constituído por figuras públicas e cidadãos comuns favoráveis à implementação de medidas anticovid-19)</p>

<p>Se há algum legado do mundo pós-“pandemia”, foi a revelação dos espíritos tirânicos, agora evidentes a todos: na semana passada, o prefeito de Curitiba, Rafael Greca, exonerou por decreto servidores concursados que se recusaram a tomar o experimento contra a covid-19. Entre eles estão um médico e uma enfermeira que trabalharam arduamente no tratamento de pacientes durante a crise do Covid-19. Ignorando a lei estadual que impede a exigência do cartão de vacinação e demais preceitos constitucionais, Rafael Greca inventou um crime para quem se recusa a ser cobaia de experimento genético: “infração sanitária”.</p>	<p>- O contexto da covid-19 revelou agentes do mal social.</p> <p>- Políticos agem acima da lei ao exigirem protocolos anticovid-19; são perseguidores do cidadão comum.</p> <p>- Políticos envolvidos no combate à covid-19 fazem a lei de acordo com suas ideologias particulares.</p>	<p>- <b>Relação pronominal</b> (<i>Se há algum legado do mundo pós-“pandemia”, foi a revelação dos espíritos tirânicos, agora evidentes a todos: na semana passada, o prefeito de Curitiba, Rafael Greca, exonerou por decreto servidores concursados [...] - catáfora</i>)</p> <p>- <b>Nominalização</b> (<i>espíritos tirânicos; cobaia de experimento genético</i>)</p> <p>- <b>Voz ativa</b> (<i>Rafael Greca, exonerou por decreto servidores concursados; Rafael Greca inventou um crime</i>)</p>	<p>Políticos que implementam/forçam a implementação de medidas anticovid são criminosos e perseguidores anticonstitucionais</p>
<p>Ora, se um médico que estudou tanto para exercer a medicina não tem capacidade de avaliar se deve ou não se submeter a uma terapia, significa que não estamos mais vivendo num mundo livre. E se o médico não é livre para ser uma autoridade de saúde para si próprio, quem mais terá liberdade sobre o próprio corpo?</p>	<p>- A covid-19 desautoriza desde a classe médica até o cidadão comum, em relação às suas liberdades individuais.</p>	<p>- <b>Lógica proposicional</b> – estrutura ‘Se / então’ (<i>se um médico que estudou tanto para exercer a medicina não tem capacidade de avaliar se deve ou não se submeter a uma terapia, (então) significa que não estamos mais vivendo num mundo livre.</i>)</p>	<p>As medidas anticovid-19 são conflitos inescapáveis em direção à perda de direitos básicos</p>

<p>Isso é grave. Nem precisa voltar muito na história para citar o comunismo e o nazismo. Basta olhar para a China hoje e ver as pessoas, em Xangai, sendo arrastadas para verdadeiros campos de concentração, por supostamente estarem contaminadas com o vírus. Ver as pessoas saudáveis sendo testadas diariamente e impedidas de sair de suas casas há mais de 40 dias porque o satanista do ditador chinês estabeleceu que quer erradicar o vírus para sempre. Você não verá tais imagens na Globo, porque a mídia de massa no Brasil está sob pesada influência tanto do comunismo em geral, como do comunismo chinês em específico. Mas você pode ver alguma coisa a respeito seguindo os perfis de brasileiros que moram lá e estão sofrendo os horrores do totalitarismo comunista, sem se darem conta do que realmente está por detrás dessa política de “Covid Zero”.</p>	<p>- A gestão anticovid-19 na China se compara ao nazismo.</p> <p>- A mídia tradicional brasileira é controlada pelo comunismo, principalmente, o chinês.</p>	<p><b>Inversão</b> (<i>pesada influência</i>)</p> <p><b>Comparação implícita</b> (<i>Nem precisa voltar muito na história para citar o comunismo e o nazismo. Basta olhar para a China hoje e ver as pessoas, em Xangai, sendo arrastadas para verdadeiros campos de concentração</i>)</p> <p><b>Nominalização</b> (<i>verdadeiros campos de concentração; satanista do ditador chinês; horrores do totalitarismo comunista</i>)</p> <p><b>Relações pronominais</b> (<i>Isso é grave; que moram lá - anáfora; dessa política de “Covid Zero”. – catáfora</i>)</p>	<p><b>Polarização ideológica:</b> políticos que implementam/forçam a implementação de medidas anticovid são ditadores criminosos e perseguidores anticonstitucionais</p>
<p>O que o prefeitinho de Curitiba e o ditador chinês têm em comum? Mais do que muitos gostariam de admitir. Com sua ação, escandalosamente criminosa, Greca ataca o direito do ser humano de continuar sendo humano. O que é o homem sem a liberdade de pensar e tomar decisões baseadas em seu conhecimento e horizonte de consciência? Um homem sem alma. E é como seres desalmados que a população chinesa é tratada por Xi Jinping e seu partido assassino. E é dessa forma que, no Ocidente em geral, e no Brasil, muitos promotores de Justiça, <u>muita gente influente da classe médica</u>, conselheiros tutelares, jornalistas, políticos de esquerda e tantas outras personalidades estão tratando o povo. Como gado que deve fechar os olhos, tapar os ouvidos, correr para a fila e tomar cada dose de “vacina” que essa elite maldita arbitrariamente decidir, com base em seus interesses escusos.</p>	<p>- Greca e Xi Jinping são criminosos totalitaristas.</p> <p>- A elite associada ao campo político-ideológico de esquerda subjuga e aliena a população comum como a animais ao seu bel prazer.</p>	<p><b>Comparação explícita</b> (<i>O que o prefeitinho de Curitiba e o ditador chinês têm em comum? [...] Greca ataca o direito do ser humano de continuar sendo humano. [...] E é como seres desalmados que a população chinesa é tratada por Xi Jinping; [...] estão tratando o povo. Como gado que deve fechar os olhos, tapar os ouvidos, correr para a fila e tomar cada dose de “vacina” [...]</i>)</p> <p><b>Voz ativa</b> (<i>Greca ataca o direito do ser humano de continuar sendo humano.</i>)</p> <p><b>Voz passiva</b> (<i>E é como seres desalmados que a população chinesa é tratada por Xi Jinping</i>)</p> <p><b>Enumeração</b> (<i>muitos promotores de Justiça, <u>muita gente influente da classe médica</u>, conselheiros tutelares, jornalistas, políticos de esquerda e tantas outras personalidades [...]</i>)</p>	<p><b>Polarização ideológica:</b> políticos que implementam/forçam a implementação de medidas anticovid são ditadores criminosos e perseguidores anticonstitucionais</p>

		<b>Nominalização</b> ( <i>ação escandalosamente criminosa; um homem sem alma; seres desalmados; gado; elite maldita</i> )	
Que a Justiça seja feita e que todos os déspotas paguem pelos seus crimes, pois nos dias de hoje muitas pessoas estão sofrendo. Ou <u>porque adoeceram com essa picada, ou porque perderam seus filhos em decorrência dessa ação demoníaca</u> , que cada vez mais se parece, em vários aspectos, com a implementação de um plano macabro de extermínio populacional.	- Desejo por reparação judicial.  - covid-19 como um plano conspiratório maligno que adoce e mata.	<b>Imperativo</b> ( <i>Que a Justiça seja feita e que todos os déspotas paguem pelos seus crimes</i> )  <b>Exemplificação</b> ( <i>Ou <u>porque adoeceram com essa picada, ou porque perderam seus filhos em decorrência dessa ação demoníaca</u></i> )  <b>Inversão</b> ( <i>que cada vez mais se parece</i> )  <b>Nominalização</b> ( <i>déspotas; picada; ação demoníaca; plano macabro de extermínio populacional.</i> )	Pandemia como pretexto para a implantação de ações conspiratórias.

Fonte: elaborado pela autora.

Tomando por base o quadro acima, vê-se que os fragmentos foram subdivididos em termos de significados globais e locais do discurso que emerge do texto-fonte. Conforme discutido no capítulo de Fundamentação Teórica, van Dijk (2005, p. 41) postula que a análise discursiva deve considerar macroestruturas semânticas, as quais ele designa por tópico discursivo, que derivam de microestruturas locais, uma vez que o leitor do texto escrito não se recorda de todos os detalhes significativos do discurso ao qual foi exposto. Isto significa que, na interação produtor-leitor, os tópicos discursivos ajudam a organizar mentalmente as minúcias retóricas do texto produzido que, a posteriori, impactam as ações e discursos empreendidos por seus interlocutores.

Nesse sentido, van Dijk (2005, p. 42) postula que os textos podem ser sumarizados em macroproposições. Inspiramo-nos, então, nesta instrução e elegemos, para cada parágrafo da NC selecionada, algumas macroproposições, as quais foram discriminadas no Quadro 1. Em síntese, tais significados globais exercem um papel manipulatório, uma vez que são estrategicamente mobilizados no intuito de construir uma imagem deformada dos

acontecimentos em torno da pandemia de covid-19, criando sobre eles insinuações conspiratórias e atuando sobre o apelo mais imediato aos sentimentos do público-alvo.

Dessa forma, a produtora da NC pretende incentivar o furor de seus interlocutores em relação à política de vacinação, atrelada a nominalizações como um “*experimento genético*”; ao passaporte sanitário, associado a um “*abuso ditatorial*”; aos representantes políticos que promovem a implementação de protocolos antivacina, associados a “*espíritos tirânicos*” ou ao isolamento social, associado a “*campos de concentração* (nazistas ou ditatoriais)”.

Além disso, só pudemos eleger os mecanismos globais em função de microestruturas mais sutis ao nível da sintaxe, as quais van Dijk (2005, p. 46) designa por formas locais. Organizamos esses processos sintáticos em termos de **relações pronominais, voz ativa e/ou passiva, nominalizações, enumerações, comparações implícitas ou explícitas, exemplificações e inversões**.

As **relações pronominais** atuam no esquema de referenciação, a partir de movimentos de introdução a um objeto discursivo no texto, retomada direta ou indireta a ele (anáforas e catáforas), de modo a mantê-lo em papel de destaque, ou desfocalização. Segundo Koch (2004 *apud* Moura, 2018, p. 794):

[...] a desfocalização/desativação ocorre quando um novo objeto-de-discurso é introduzido, passando a uma posição focal. Este objeto, quando retirado de foco, permanece em estado de ativação parcial, podendo retornar à posição focal a qualquer instante, ou seja, ele continua disponível, sociocognitivamente, para reconstrução (i)mediata na memória dos interlocutores.

Por sua vez, as **vozes ativa e passiva** são recursos atrelados aos graus de realce das ações atribuídas aos sujeitos mencionados na NC. Em geral, a produtora tende a minimizar a ação de elementos pertinentes à linha de raciocínio que quer defender como verificado no fragmento “*já foram aprovados projetos* (de flexibilização das medidas anticovid-19, como o passaporte sanitário) *semelhantes*”. Em contrapartida, a voz ativa é mobilizada de modo a realçar ações de sujeitos do exogrupo, como visto no excerto “*Não é a primeira vez que partidos de esquerda acionam o Judiciário para impedir que as leis aprovadas nos legislativos municipais e estaduais que vão contra a ideologia totalitária sejam sancionadas*”.

As **nominalizações** se prestam à expressão de conteúdos que normalmente tomam a forma de conceitos avaliativos. Assim, interessa à redatora da NC selecionada atribuir valores negativos a símbolos pertinentes ao exogrupo, ao passo que confere valoração positiva a elementos de seu endogrupo, a partir da relação nome-qualificador. Entre as nominalizações

observadas, damos destaque às que definem a pandemia de covid-19 como *ação demoníaca* ou *plano macabro de extermínio populacional*, às que definem a quarentena na China como *verdadeiros campos de concentração*, às que definem as ações do político brasileiro Rafael Greca como *escandalosamente criminosas* – empregando, aqui, o advérbio como recurso de ênfase mais profunda –, a Xi Jinping como *ditador satanista* e às suas ações, junto das de Greca, como *sanha totalitária* – no título.

As **comparações**, **enumerações** e **exemplificações** são categorias que emergiram de nossa observação, apesar de não figurar na lista de estruturas sintáticas dispostas na obra de van Dijk, sobre a qual nos debruçamos. Definimos, pois, o papel de tais mecanismos como atuantes no desdobramento argumentativo empreendido pela autora que, para tecer sua linha de raciocínio sobre bases, pelo menos, aparentemente, plausíveis, relaciona eventos sócio-históricos às suas opiniões a partir da recorrência a esses processos sintáticos.

Notadamente, as comparações empregadas nesta NC visam estabelecer uma perniciosa relação de igualdade entre a implementação de protocolos anticovidianos e as práticas autocráticas instauradas no período do nazismo, o que pode influir sobre os modelos mentais, opiniões e atitudes de seus interlocutores, gerando problemas sociais como a falta de adesão ao uso de máscaras ou à vacinação contra o Coronavírus.

Para isso, a autora da NC se utiliza, também, da falsa conexão entre Greca, no Brasil, e Xi Jinping, na China. Nessa linha de raciocínio, Greca, ao exigir a vacinação dos profissionais da saúde, seria uma das peças do jogo sociopolítico de propósitos apocalípticos, figurando o que ela afirma ser similar, em vários aspectos, “*a implementação de um plano macabro de extermínio populacional*”.

À vista disso, esta é a nova imagem da realidade – ou representação mental – criada através de sua construção narrativo-conspiratória. Ao fomentarem as políticas de vacinação em massa e de isolamento social, essas figuras públicas atuam, no mínimo, em detrimento dos “*princípios constitucionais de liberdade*”, e, no máximo, em favor da dominação populacional.

Esta imagem refratária da realidade se fragiliza quando observamos que não há ligação direta e comprovada entre o ato de aceder aos protocolos anticovid-19 e pôr em prática um suposto plano de extermínio populacional, sendo essa conclusão enganosa tomada aqui como verdade absoluta.

As representações mentais da produtora aqui descrita serão confrontadas com as dos comentaristas da NC, a fim de fornecerem subsídios para chegarmos ao exame da relação desses modelos mentais com os problemas sociais gerados/mantidos, na última subseção deste capítulo.

Além disso, as enumerações identificadas consistem na sequencialização de várias palavras ou sintagmas que tem como propósito uma intensificação do ritmo discursivo ou de uma acumulação de argumentos, provocando, por vezes, um efeito de gradação. A manipuladora assim o faz quando, para demonstrar sua crença a partir da qual os partidos de esquerda são totalitários, lista “*quando não é o PT, é a Rede, o Psol, o Sustentabilidade ou qualquer outro*”, por exemplo.

As exemplificações, por sua vez, são tidas por nós como atos de fala, segundo o que postulou van Dijk (2010, p. 252), estratégia na qual a redatora sustenta sua argumentação com exemplos que provoquem um efeito de comprovação de suas acusações. A manipuladora do discurso assim o faz, por exemplo, quando, para comprovar sua acusação de que a covid-19 seria um plano conspiratório maligno que adocece e mata, recorre à citação de pessoas que “*adoeceram com essa picada*” ou “*que perderam seus filhos em decorrência dessa ação demoníaca*”.

Ademais, observamos que um trecho mais ao final da NC possui aspecto diferente do restante do texto, por possuir cor avermelhada e fonte sublinhada. Isto porque a sentença da qual falamos representa um hiperlink redirecionável a outra matéria<sup>27</sup>, produzida pela mesma redatora, a qual imaginou que poderia interessar ao leitor. Pensamos que, enquanto sujeito das práticas de produção textual na web, a redatora seleciona certas informações para as quais quer chamar atenção, na perspectiva de que seu interlocutor digital, ao circunscrever aos seus posicionamentos de orientação conspiratória sobre a covid-19 em uma matéria, pode desejar ter acesso a novos conteúdos da mesma visada retórico-ideológica.

Findada a análise do primeiro texto-fonte, passemos adiante no intuito de lançar foco aos comentários a ele associados, a fim de identificarmos aproximações entre as categorias de análise já expostas e as representações mentais que emergem das escolhas lexicais de seus comentaristas, contemplando, assim, o objetivo específico II.

#### **4.2 Os modelos mentais: provocações a partir das estratégias retóricas**

Ao lidarmos com as NC, imagina-se que os textos analisados disponham de uma configuração em tamanho maior, justamente porque é do interesse do (re)produtor de crenças conspiratórias conferir plausibilidade à própria linha de raciocínio. Nesse sentido, espera-se que os comentários associados ao texto-fonte acatem às ideias nele esquematizadas, acrescentando,

---

<sup>27</sup> Disponível em: <https://midiasemmascara.net/mortes-vax-karenn-isabela/>.

porém, sua subjetividade de interpretação através de escolhas lexicais que fornecem ao pesquisador insumos para a compreensão da mensagem mais fixada resultante da leitura de cada comentarista.

Interessa-nos esse exame, pois nele percebemos aproximações entre estratégias retóricas do texto-fonte que acionaram determinados modelos mentais do público-alvo, afetando-os, reafirmando-os ou criando representações que, a longo prazo, poderão afetar comportamentos e atitudes sociais, gerando ou mantendo problemas sociais desafiadores na democracia contemporânea do Brasil.

Devido o contorno metodológico desta pesquisa se amparar na análise documental, não nos foi viável estabelecer contato com os usuários que registraram os comentários esmiuçados neste estudo. Sabendo, porém, que, segundo estudos de Quattrocioni, Scala e Sunstein (2016), os que acedem a teorias da conspiração procuram por tópicos específicos, ou seja, aqueles que confirmarão seus vieses pré-concebidos, espera-se que o indivíduo, reconhecendo-se como parte integrante do processo de construção de sentidos, “seja capaz de reconhecer e estabelecer relações entre o texto (e o conjunto de seus elementos em seus níveis mais altos e mais baixos de processamento) e os conhecimentos armazenados em sua memória”, assim, poder “construir um modelo de situação que ampare sua compreensão ao longo da leitura do texto” (Kintsch; van Dijk, 1978; van Dijk; Kintsch, 1983; Kintsch, 1998 *apud* Kratochvil; Barreta, [2004] 2021, p. 735).

Nessa esteira, priorizamos a perspectiva de van Dijk (2010), no que tange à exploração dos modelos mentais produzidos e afetados após o consumo de uma peça desinformativa como é a NC a qual analisamos na subseção anterior. Uma vez que o analista sociocognitivo da ADC postula sobre a influência de *inputs* linguísticos sobre os processos mentais e os tipos de memória, entendemos que ele nos forneceria um aparato teórico-metodológico abrangente sobre o qual podemos alicerçar os estudos dos vestígios discursivos deixados pelos comentaristas em seus pequenos textos-resposta. Vejamos, pois, do que trata a figura a seguir:



aproximações entre o que nos revelam esses comentários e as estratégias retóricas do texto-fonte mais afixadas na cognição dos comentaristas, vejamos o que apresenta a figura abaixo:

Quadro 2 - relação entre modelos mentais e estratégias retóricas

COMENTÁRIOS AO TEXTO-FONTE	ESCOLHAS LÉXICO-SEMÂNTICAS	REPRESENTAÇÕES MENTAIS CRIADAS/AFETADAS
<b>COMENT_1</b> E esse prefeito está solto?	Esse Solto	Outroapresentação negativa: políticos que exigem o passaporte vacinal como figuras criminosas e ditatoriais
<b>COMENT_2</b> Isso não é prefeito, é um criminoso. E se não foi julgado e condenado por seus crimes em breve responderá por eles.	Isso Criminoso Julgado e condenado Seus crimes	Pandemia como pretexto para a implantação de ações conspiratórias.
<b>COMENT_3</b> Uma curiosidade sobre o prefeitinho Greca. Ele vive aos abraços com bispos e padres, desde menino... é a face perfeita da hipocrisia, própria de déspotas.	Prefeitin o Hipocrisia Déspotas	Outroapresentação negativa: políticos que exigem o passaporte vacinal como figuras criminosas e ditatoriais
<b>COMENT_4</b> Eu quero que A ESQUERDA vá Pros quintos dos infernos. principalmente estes Comunistas safados infiltrados em todo lugar. Bando de vagabundos.	Esquerda Quintos dos infernos Comunistas safados infiltrados Bando de vagabundos	Outroapresentação negativa: polarização ideológica taxativa do exogrupo

Fonte: elaborado pela autora.

Para iniciar nossa discussão em torno das representações mentais que emergem dos comentários acima, convém, primeiramente, explicar o que é, para van Dijk, uma análise da instância cognitiva em sua abordagem. O autor considera que o controle da mente não diz respeito apenas à aquisição de crenças e modelos mentais sobre o mundo através do discurso e da comunicação. Mas se articula, sobremaneira, às relações de poder e dominância na qual os receptores tendem a aceitar crenças e opiniões daqueles que eles veem como fontes confiáveis de informação, como os acadêmicos ou articulistas de veículos de mídia tradicionais ou alternativos, por exemplo. Essa aceitação se dá mediante convergência entre crenças e experiências, mas ressalta, também, que, em certas situações, os receptores podem não possuir mecanismos de resistência ao discurso a que estão sendo expostos (Wodak, 1987 *apud van Dijk*, 2005).

Vale lembrar que a produtora da NC selecionada detém um capital social valorizado: o acesso e controle de um veículo de comunicação – a plataforma Mídia Sem Máscara -, ainda que não seja ligado à mídia de massa, mas é relacionado a uma figura

proeminente para o espectro político de direita, Olavo de Carvalho, tido como um grande teórico da conspiração brasileiro.

Em segundo plano, cabe justificar o raciocínio por trás da organização da figura anterior. Respaldamo-nos no que postula van Dijk (2005, p. 43) sobre os significados locais, constituídos mediante a relação entre escolhas léxico-semânticas e representações mentais aludidas, criadas e/ou afetadas por elas: “a escolha de palavras pode influenciar a formação de macrocategorias nodais dos modelos mentais dos leitores”, uma vez que contribuem para a organização dos sentidos locais e globais do texto.

Assim, quando a produtora da NC escolhe referir-se a Greca com formais locais que o categorizam como um criminoso ou definem sua gestão diante da covid-19 como crime, contribui para que o leitor construa em sua cognição também essas representações do crime e seu agente criminoso. Dessa forma, um dos sentidos globais – senão o sentido – mais saliente(s) e mais afixado na mente dos leitores após o consumo do material é o de que exigir a execução de protocolos anticovid-19 é um crime contra as liberdades individuais sobre o qual o cidadão comum não tem controle nem informações suficientes para se esquivar. Eis aí a grande conspiração pandêmica acerca da qual fala Patrícia Castro e a qual acedem seus comentaristas.

Outra visada de nossa discussão propõe resgatar o que postula van Dijk (2010) sobre as implicações do uso planejado de *inputs* linguísticos no processamento mental, isto é, na formação e ativação de modelos mentais. Em primeiro plano, algumas microestruturas são absorvidas pela Memória de Curto Prazo, responsável por um processamento mais imediato de sentidos.

Uma vez que, de todas as informações apresentadas em um texto escrito, só algumas poucas permanecem enraizadas na cognição, o que faz com que lembremos delas com mais facilidade, esses recursos, posteriormente, acionam o sistema de representações mentais localizados na Memória de Longo Prazo, mais especificamente na Memória Episódica, responsável por manter armazenadas informações referentes a como o indivíduo se sentiu diante de determinadas situações pelas quais passou.

Tal experiência particular com o mundo pode ser amplificada coletivamente através das redes sociais que, por meio da ferramenta Comentários, promove a identificação interpessoal com aqueles que manifestam experiências, crenças, visões de mundo e atitudes semelhantes. É o que ocorre nos comentários selecionados acima.

A princípio, podemos destacar algumas microestruturas recorrentes como as nominalizações que possuem poder de incitar a indignação do público-alvo a partir da associação de um nome a um qualificador de valoração negativa.

Ao ter associado o prefeito Rafael Greca ao que a redatora designou por ditador satanista, ou mesmo definindo sua conduta como inconstitucional por “inventar” o crime de infração sanitária, Patrícia Castro facilitou o processo de acionagem de modelos mentais mais gerais que armazenam informações de repulsa por representantes julgados como comunistas, por um processo de polarização ideológica, fazendo com que o prefeito seja, também, associado a esse grupo tido como criminoso. Assim, os COMENT\_1, 2, 3 e 4 privilegiam uma classificação negativa do prefeito, acedendo à intenção primeira da redatora – desde seu título - de tomar por grande símbolo conspiratório desse texto específico o prefeito de Curitiba.

Ainda nesse contexto, outra microestratégia mapeada por nossa observação dos comentários foi a outroapresentação negativa. Esta categoria é produtiva no texto-fonte, uma vez que a redatora frequentemente se refere aos políticos brasileiro e chinês com ironia, manifestando maior furor em relação a Xi Jinping, que chega a ser referido por ela como um satanista.

Ao referir-se à esquerda – associada a Greca e Xi Jinping - como vagabundos infiltrados, o COMENT\_4 flerta com o movimento de depreciação de figuras políticas que operam em favor dos protocolos anticovid-19, ao qual recorre a própria redatora do texto. O usuário, assim, se vê autorizado a utilizar palavras de baixo calão para se referir ao outro que não corresponde aos seus ideais, uma vez que a redatora assim o faz com veemência.

Finalizadas as considerações acerca dos processos mentais dos comentaristas e sua relação recíproca com as estratégias da retórica desta NC, podemos prosseguir com a análise do terceiro objetivo específico, que diz respeito ao exame da relação desses modelos mentais criados/afetados após consumo do texto-fonte com os desdobramentos sociopolíticos que fundamentam problemas sociais como o movimento antivacina, por exemplo.

### **4.3 Os efeitos sociais decorrentes da manipulação de modelos mentais**

Pennycook (2022) chama a atenção para a necessidade de uma nova agenda quanto aos compromissos investigativos em LA, no sentido de concebermos uma Linguística Aplicada Crítica. Os novos pesquisadores deste campo, ao lidarem com seus objetos de estudo, devem, portanto, ocupar uma agenda tanto pedagógica quanto ativista, trabalhando por transformações sociais. Devem considerar abordagens multilingual e decolonial no tratamento de demandas locais de minorias étnicas e raciais, bem como questões de gênero e de materialismo discursivo.

Quanto ao último ponto mencionado no parágrafo anterior, Pennycook (2022, p. 14) considera que a expansão do pensamento anti-institucional, que prega a desconfiança nas

informações produzidas e veiculadas pela imprensa tradicional e demais instituições ortodoxas, por Universidades, cientistas ou mesmo a desconfiança no conhecimento em geral, dada a dispersão dos conceitos de verdade e realidade, impõe uma nova preocupação a ser preenchida com futuras pesquisas em LA: o combate à potência da disseminação das teorias da conspiração com vistas na redução de suas implicações nas práticas sociais.

A triangulação vandijkiana entre práticas discursivas e práticas sociais, mediados por uma instância cognitiva, não nos deixa por à parte a análise dos problemas sociais que são ou podem ser instaurados a partir da manipulação de modelos mentais acerca de situações, eventos, personagens e suas ações em jogo em uma (re)produção discursiva conspiratória.

Sob esse contexto, partindo do pressuposto teórico de que determinados investimentos discursivos podem acarretar problemas sociais como, por exemplo, o etnocentrismo, o antifeminismo, o antisemitismo e o racismo, mas que, nem sempre se pode descrever que efeitos serão esses (van Dijk, 2010, p. 123), conferimos um caráter propositivo à análise que iremos empreender sobre os efeitos e problemas sociais fomentados por discursos conspiracionistas, explorando possíveis atitudes tomadas pelos atores sociais comuns em face de suas representações mentais e posicionamentos discursivo-ideológicos.

Nessa perspectiva, lembramos a importância da análise do controle de contexto, uma vez que as pessoas não apenas compreendem e representam os textos orais ou escritos, mas, também, toda a situação comunicativa. Assim, não pudemos ficar indiferentes às propriedades contextuais a partir das quais os sujeitos manipulados representaram a situação comunicativa da qual falaram, em termos de “modelos de contexto preferidos”, influenciados pela ação manipulatória da redatora da NC (van Dijk, 2010, p. 122).

De modo geral, decidimos organizar nossas ilações em um quadro que relacionasse as representações mentais convergentes, considerando as crenças particulares da autora da NC, bem como de seus comentaristas, ambas apreendidas através da observação de sua produção textual-discursiva, supondo que estas representações aludem a problemas sociais que podem ser instaurados ou mantidos. Vejamos, portanto, o que nos mostra o quadro abaixo, antes de avançarmos às discussões acerca deste último objetivo específico da pesquisa.

Quadro 3 - Relação entre representações mentais e problemas sociais mantidos

REPRESENTAÇÕES CONGRUENTES	EFEITOS SOCIAIS INSTAURADOS OU MANTIDOS
<p>Outroapresentação negativa: políticos que exigem o passaporte vacinal como figuras criminosas e ditatoriais;</p> <p>Outroapresentação negativa: polarização ideológica taxativa do exogrupo;</p> <p>Pandemia como pretexto para a implantação de ações conspiratórias.</p>	<p>- Polarização ideológica;</p> <p>- Revolta social em relação à política;</p> <p>- Promoção do ideário antivacina.</p>

Fonte: elaborado pela autora.

Inicialmente, destacamos o enfoque dado na figura acima a duas das tres instâncias constitutivas da análise multifatorial de van Dijk, quais sejam, as dimensões cognitiva e social.

Acerca delas, o autor concebe que:

[...] 'cognição' envolve aqui tanto a cognição pessoal como a social, as crenças e finalidades, bem como avaliações e emoções e qualquer outra estrutura mental da memória. E por fim, 'sociedade' é usada para incluir tanto as microestruturas locais das interações situadas de face a face, como as estruturas mais globais, societais e políticas diversamente definidas em termos de grupos, relações de grupos (tais como dominância e desigualdade), movimentos, instituições, organizações, processos sociais, sistemas políticos e propriedades mais abstratas das sociedades e culturas (van Dijk, 2005, p. 37-38).

Dessa maneira, o teórico dos Estudos Críticos do Discurso quer nos mostrar que as representações e modelos mentais, bem como as crenças e valores gerais e particulares em voga nas interações sociais compõem um caminho possível para compreender as complexas nuances em torno das relações de poder entre grupos sociais.

Em muitas obras de van Dijk, ele busca, através da análise de discursos políticos, e da imprensa, esclarecer a influência que membros de grupos sociais ou instituições mais poderosas exercem sobre os sujeitos comuns no que se refere à exposição de informações e conhecimentos, uma vez que aqueles possuem acesso mais abrangente aos meios de comunicação de discursos públicos. Assim, “professores universitários controlam o discurso acadêmico, os jornalistas dominam amplamente o discurso midiático e os políticos dominam discursos sobre políticas governamentais, legais ou outros tipos de discursos políticos” (van Dijk, 2005, p. 27).

Nessa perspectiva, o teórico considera, ainda, que a maioria das pessoas só possui controle mais ativo sobre as conversas que empreende no dia a dia com seu ciclo social e familiar, tendo, em contrapartida, controle mais passivo sobre o uso das mídias. Ora, dois

elementos nos chamam a atenção nessa proposição, considerando o atual contexto de hiperconexão digital dos indivíduos na sociedade: a importância de emular uma familiaridade entre sujeitos e o uso de mídias sociais.

Sabemos que, a partir da web 2.0, os usuários ganharam maior protagonismo no que diz respeito à produção e divulgação de conhecimentos e conteúdos em geral na internet, o que convocou novas reflexões acerca das noções de autoria e de responsabilidade ética sobre as informações na grande rede.

A influência sociocomportamental que outrora se concentrava nas emissoras de rádio e TV, hoje compartilham – e mesmo disputam – espaço com os novos *digital influencers*, devido ao aumento no fluxo de acesso às redes sociais na última década. Assim, não é raro encontrar pessoas ou grupos que se designam como produtores alternativos (aos veículos tradicionais) de conteúdo.

Sob esse contexto, podemos destacar alguns canais alternativos brasileiros como o Mídia Ninja, Quebrando o Tabu, Brasil Paralelo, Terça livre, entre outros. Normalmente, tais grupos iniciam sua atividade de maneira autônoma e, ao longo dos anos, vão ganhando e convertendo sua notoriedade em aquisição de patrocínios ou doações de fontes diversas, o que os permite aprimorar seus mecanismos de trabalho, institucionalizando-se cada vez mais.

A dinâmica do surgimento dos grandes *digital influencers*<sup>29</sup> nas redes sociais mostra a importância de manter uma rotina de comunicação que simule proximidade entre a figura que se expõe publicamente e seus expectadores anônimos. Assim, além de os influencers serem produtores alternativos de conteúdo na web, podem ser tidos como figuras familiares a quem os acompanha. Isso, porém, já podia ser observado – resguardadas as diferenças anacrônicas – no período de surgimento dos blogs, que eram espaços de produção autêntica e alternativa de conteúdo, em que se podia estabelecer certo grau de familiaridade com quem os acessavam.

Assim ocorreu com a plataforma Mídia sem Máscara, fundada pelo ideólogo Olavo de Carvalho em 2002, época de maior acesso aos seus conteúdos. Vale lembrar que Olavo foi muito conhecido por importar e divulgar teorias conspiratórias estrangeiras, criando alertas para sua extensão no contexto brasileiro. Em uma rápida pesquisa na aba “Quem Somos” do website, podemos observar a marcação de seu posicionamento ideológico, o que significa que seus articulistas, em geral, operam sob os vieses cognitivos orientados ideologicamente:

---

<sup>29</sup> Influenciadores digitais (tradução nossa).

Desde agosto de 2002, o MÍDIA SEM MÁSCARA é um website destinado a publicar as idéias e notícias que são sistematicamente escondidas, desprezadas ou distorcidas em virtude do viés esquerdista da grande mídia brasileira. Embora sem recursos para promover uma fiscalização ampla, MÍDIA SEM MÁSCARA colhe amostras, que por si só, bastam para dar uma idéia da magnitude e gravidade da manipulação esquerdista do noticiário na mídia nacional (MÍDIA SEM MÁSCARA, *[s.d.]*).

Observamos ser uma intenção fundamental da plataforma tornar públicas notícias e informações categorizadas por ela como escondidas, convergindo com os propósitos do ideário conspiracionista, conforme visto no capítulo de Fundamentação Teórica, de propor uma explicação plausível a fatos sobre os quais pouco se sabe e que, geralmente, são tidos como tramas secretas de dominação populacional em seus níveis locais e globais.

De maneira mais específica, a redatora da NC em questão procura desvelar o que ela chama de *plano macabro de extermínio global* (em alusão à pandemia de covid-19), dirigindo-se ao leitor, por diversas vezes – como estratégia de instauração da proximidade ou familiaridade entre si e seus interlocutores –, com questionamentos e exclamações que apelam aos sentimentos de seu público-alvo, na tentativa de fazê-los aderir às mesmas visões de mundo, crenças, opiniões e ideias alternativas e, conforme defendemos aqui, conspiratórias.

Na esteira dos dados trazidos no Quadro 3, extraídos da análise minuciosa de escolhas léxico-semânticas na NC em questão e nos comentários associados a ela, vê-se que existem 3 representações mentais comuns a ambos os tipos de texto: *i* – **Outroapresentação negativa: políticos que exigem o passaporte vacinal como figuras criminosas e ditatoriais;** *ii* – **Outroapresentação negativa: polarização ideológica taxativa do exogrupo;** *iii* – **Pandemia como pretexto para a implantação de ações conspiratórias.**

Acerca das duas primeiras macrorepresentações mentais, consideramos que a outroapresentação visa maximizar elementos negativos dos representantes políticos do exogrupo, reforçando, conseqüentemente, problemas sociais como a polarização ideológica entre endo e exogrupo.

Dessa forma, além de fomentar o maniqueísmo entre os espectros políticos de esquerda e direita, existe a chance de esse efeito social se desdobrar em outros problemas, como são os casos de fomento às práticas discursivas ou atitudinais xenofóbicas, uma vez que a redatora se refere frequentemente ao líder chinês Xi Jinping como ditador – e mais, satanista –, revelando sua intenção em situar nos campos do bem e do mal determinadas figuras públicas.

Vale ressaltar que, acerca destes campos, configura-se como uma estratégia padrão da construção de NC a associação a figuras do imaginário coletivo que causam repulsa, como o Diabo, o que evidencia um recurso ao interdiscurso religioso nesse fazer retórico. Observamos

forte teor difamatório no discurso da redatora da NC em questão, o que propicia o que Han (2018) designa por tempestade de indignação. Ao representar Rafael Greca como criminoso, Xi Jinping como satanista e a ambos como figuras malignas<sup>30</sup> a serem detidas apenas por darem seguimento a ações de combate à covid-19, há o desenvolvimento do problema social de revolta social em relação à política, que pode desdobrar-se na baixa adesão ao voto por descrença da população no seu poder de transformação e protagonismo social.

Por fim, acerca da terceira macrorepresentação, exige-se ainda mais cautela no desenvolvimento de contraestratégias de resistência ao problema que ela pode instaurar, que é a promoção do ideário e do movimento antivacina. Uma vez que o cidadão comum adere à visão da redatora de que a pandemia e suas consequências são, na verdade, uma trama de experimento e extermínio populacional, pode-se observar problemas na baixa taxa de adesão às vacinas em geral, não só contra a covid-19, culminando em mortes por desinformação.

Levando em conta que os comentaristas possuem seus ciclos familiares e sociais em sua vida particular, é inferível que, após a exposição a NC repletas de certezas subjetivas camufladas por supostos indícios apresentados de maneira estratégica a serviço dos interesses da redatora, eles possam, também, querer influenciar seus parentes próximos, tornando-se novos agentes da desinformação a nível local.

Esse efeito social, infelizmente, já figura na realidade brasileira, uma vez que foi observada uma baixa na taxa de vacinação infantil desde 2020, fazendo com que o país regredisse ao patamar registrado em 1987<sup>31</sup>. Ou seja, aqui se constata uma suposição inicial deste trabalho, na qual questões de linguagem são questões sociais e, neste caso, questão de saúde pública, salientando a importância de criar inteligibilidade aos investimentos linguístico-discursivos que servem à dinâmica da manutenção desses problemas sociais.

Finalizada a análise dos três objetivos específicos deste estudo, avancemos na direção das considerações finais, capítulo no qual aproveitamos para fazer uma revisão dos empreendimentos analíticos desta pesquisa, bem como o levantamento de lacunas que garantirão a continuidade das contribuições teóricas em relação ao esforço de analisar textos conspiratórios sob as lupas teórico-metodológicas dos Estudos Críticos do Discurso.

---

<sup>30</sup> No sentido religioso, ressalte-se.

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/taxa-de-vacinacao-infantil-cai-e-brasil-volta-a-patamar-de-1987/>.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os preconceitos, o racismo e a discriminação de gênero saem do buraco. As mentiras e o conspiracionismo se tornam chaves de interpretação da realidade. [...] Se para Lenin o comunismo eram “os Sovietes e a eletricidade”, para os engenheiros do caos o populismo é filho do casamento entre a cólera e os algoritmos (Empoli, 2019, p. 60-61).

O presente estudo teve como objetivo geral analisar a maneira pela qual as narrativas conspiratórias, publicadas no site *Mídia sem Máscara*, induzem crenças conspiratórias acerca do contexto pandêmico de covid-19 em seus interlocutores. Em torno dele, foram erguidos três objetivos específicos, os quais foram: *i* – Descrever as estratégias de manipulação discursiva empregadas na produção de narrativas conspiratórias do website *Mídia sem Máscara* sobre a covid-19, considerando a construção de significados globais e locais; *ii* – Definir as representações mentais acerca da covid-19, considerando as associações negativas feitas pelos comentaristas em relação à pandemia como a ditadura e ao exogrupo e suas ações como criminosos, ditatoriais e diabólicos; *iii* – Relacionar as representações mentais de quem produz e de quem consome as narrativas conspiratórias aos problemas sociais decorrentes da crença conspiratória acerca da covid-19, considerando a cisão ideológica entre endo e exogrupo, bem como o ideário antivacina.

Na seção introdutória, fizemos uma apuração de eventos sociais, cujas circunstâncias voltadas para a promoção do ódio, do negacionismo e da mentalidade conspiratória instigaram nosso interesse por uma abordagem científico-linguística sobre a temática da conspiração.

No capítulo de Fundamentação Teórica, demonstramos como a compreensão dos conceitos e categorias mobilizadas nesta pesquisa só foi possível graças aos postulados de van Dijk (2005; 2010), cujo arcabouço epistemológico nos forneceu âncoras para um tratamento sociocognitivo de nosso objeto de pesquisa, o qual entendemos ser a **manipulação discursiva em narrativas conspiratórias do website *Mídia sem Máscara***.

Baseamo-nos em uma metodologia que se caracterizou por ser do tipo documental, de abordagem qualitativa, com fins descritivos. A partir de técnicas como transcrição textual, análise de conteúdo e construção de quadros relacionais, foi possível coletar, organizar e produzir reflexões acerca dos achados, sistematizados no capítulo de Análise de Dados.

Entre os resultados obtidos, pudemos encontrar significados globais, em termos de macroproposições, que mais marcaram a construção retórica da NC analisada, dentre as quais

destacamos *i: O contexto da covid-19 revelou agentes do mal social; ii: Passaporte sanitário é símbolo do plano de dominação e controle da população comum; iii: Políticos agem acima da lei ao exigirem protocolos anticovid-19; são perseguidores do cidadão comum.*

Além disso, ainda no curso da análise da NC, pudemos observar a atuação de microestruturas mais sutis ao nível da sintaxe, as quais van Dijk (2005, p. 46) designa por formas locais. Categorizamos esses processos sintáticos em termos *de relações pronominais, voz ativa e/ou passiva, nominalizações, enumerações, comparações implícitas ou explícitas, exemplificações e inversões.*

Por sua vez, a análise dos comentários nos permitiu observar estruturas léxico-semânticas recorrentes, tais como *criminoso, condenado, crimes*, ao referirem-se a políticos como Rafael Greca, alvo principal da NC analisada por ter exonerado dois médicos de seu posto por sua recusa à vacinação contra a covid-19. A essas lexias, estão ligadas algumas representações mentais dentre as quais destacamos: *Pandemia como pretexto para a implantação de ações conspiratórias; outroapresentação negativa: políticos que exigem o passaporte vacinal como figuras criminosas e ditatoriais.*

Finalmente, nossa análise culminou na sistematização de proximidades ideológicas em termos de representações mentais da redatora e dos comentaristas da NC analisada, obtendo como resultado as seguintes proposições/crenças gerais: *i: Outroapresentação negativa: políticos que exigem o passaporte vacinal como figuras criminosas e ditatoriais; ii: Outroapresentação negativa: polarização ideológica taxativa do exogrupo; iii: Pandemia como pretexto para a implantação de ações conspiratórias.*

Conforme expusemos, essas representações mentais organizam os discursos e atitudes tomadas pelos leitores no pós-exposição à formação discursiva difamatória-conspiratória da redatora da NC, gerando alguns problemas sociais como: **polarização ideológica, revolta social em relação à política e promoção do ideário antivacina.** Assim, o primeiro inconveniente perpetuado na sociedade a partir do primeiro problema é a descrença da população em práticas que visam a manutenção do bem-estar social, como os protocolos de combate ao Coronavírus, pelo tratamento politizado de uma questão de saúde coletiva. Projetamos, também, efeitos de reforço ao pensamento e comportamento autocentrado, a partir do abuso das liberdades individuais que podem intervir na vida social, ligando-se intimamente ao terceiro problema.

O segundo problema gira em torno de formas mais elementares de resposta à informação que tensiona as paixões, como o ódio ou a raiva, a indignação, o uso de palavras de baixo calão para referirem-se aos membros do exogrupo, inclusive com base no interdiscurso

religioso, mobilizado para atrelar estas ou aquelas figuras a seres malignos ou de ordem diabólica, cujas intenções perversas devem ser permanentemente exorcizadas/expurgadas da sociedade. Por fim, o terceiro obstáculo gerado é a baixa na taxa de vacinação, o que pode acarretar o retorno de doenças que outrora foram erradicadas, como, por exemplo, o sarampo, a poliomielite e a coqueluche.

A partir da defrontação desses achados, tecemos algumas provocações finais no intuito de arar o terreno para futuras discussões acerca de contraestratégias que resistam à sedução imposta pela manipulação discursiva em NC. Questionamo-nos acerca das **implicações pedagógicas** e dos **caminhos** que poderíamos vislumbrar **na contramão da manipulação dos discursos**.

Sobre o primeiro questionamento, esta pesquisa se alinha aos objetivos da BNCC, enquanto documento norteador da educação básica em todo o Brasil, que, em seus princípios e fins educacionais, prioriza a formação integral do indivíduo. Este, ao findar a passagem pelo ensino básico, conforme já refletido no capítulo de Introdução, deve ter desenvolvido algumas competências gerais, tais como o pensamento crítico, científico e criativo, necessário para a atuação no mundo do trabalho e social com postura analítica, mobilizando os textos e discursos de forma adequada em função de seus propósitos comunicativos e de interação em todos os campos de sua vida.

Assim, nossas reflexões encontram extensão na sala de aula, quando do trabalho com a postura analítica-crítica, contemplada em atividades do campo jornalístico- midiático, proporcionando aos estudantes a compreensão de como funcionam materiais enganosos e quais esforços se podem tomar para coibir práticas de desinformação na *web* e no mundo empírico.

Por sua vez, como reflexão acerca da segunda questão, sugerimos como continuidade a esta análise estudos que pensem, elaborem e expliquem estratégias de resistência à manipulação discursiva negacionista e revisionista histórica para além daquelas que residem na (exposição de) checagem de dados, conforme nos convoca Hissa (2022).

Isto porque, conforme a autora observa, mesmo pessoas letradas e que possuem acesso irrestrito à informação curada nas redes sociais aceitam, validam e tomam como verdade inquestionável a produção, divulgação e consumo da desinformação como estratégia político-discursiva:

Em todo esse período, vamos aprendendo a construir uma moldura para ver o mundo, a partir de referências cognitivas, emocionais, afetivas e ideológicas absolutamente necessárias para enxergar a realidade. Nenhum de nós vê o todo, captura o real. Vemos apenas aquilo que se encaixa nessa moldura ou nesse quadro de sentido. Por isso, quando discutimos sobre as narrativas de verdade nas redes sociais, é ingênuo pensar

que se “combate desinformação com informação”, tendo em vista que não será uma informação que mudará todo um quadro de referências, não será um dado que mudará o modo de ver que foi construído ao longo de décadas de narrativas ficcionais que representam a verdade para diferentes grupos sociais (Hissa, 2022, p. 87).

A autora faz um mea-culpa em nome da esquerda, no sentido de reconhecer a ineficácia da estratégia de confrontar desinformação com informação, uma vez que esta reside no domínio racional e, naquela, as emoções são dominadas com muita destreza e intencionalidade. Nesse sentido, parece-nos muito nítido que, para superar a influência atrativa da desinformação, em um cenário em que a web dispõe de muitas narrativas que dão ao usuário o poder de escolha daquelas que mais cativam sua identificação, o caminho mais efetivo para a esquerda progressista seria aprender a construir suas proposições a partir de técnicas narrativas tão fascinantes quanto as do outro lado.

Lembramos, ainda, o que considerou Peter Krekó (2021), em relação às contra-estratégias que se pode elaborar para burlar os efeitos da exposição às TC. Nesse sentido, dado que existem poucos estudos de como reduzir as TC, o autor esboça um quadro teórico em que qualquer intervenção contra uma TC deve ser colocada em uma matriz bidimensional: **temporal** (a intervenção vem antes da pessoa ter contato com a TC como prevenção ou depois do contato como medida de redução de danos) e a segunda trata do **alvo** da TC (o mensageiro ou fonte da TC como oferta ou ao destinatário como procura). Assim, essa matriz dá 4 possibilidades de intervenção possível, considerando que, como os influenciados não se percebem assim, é importante focar, principalmente, em ações de prevenção, mais que em redução de danos:

1. Intervenção tem lugar antes da exposição e visa ao lado da oferta (ataque preventivo);
2. Tem lugar antes da disseminação, mas visa ao destinatário (imunização);
3. Tem lugar depois da disseminação e visa à fonte (contra-ataque);
4. Se realizam depois da disseminação e visam ao destinatário (cura);

Ao entendermos que a história social é constituída por processos não lineares, concluímos, também, que as situações que decorrem desse processo são sempre marcos que oportunizam o progresso, o retrocesso e/ou a superação de estruturas fundantes. Esta pesquisa, portanto, pretende se inserir nesse movimento de superação de fenômenos que corroboram práticas anti-institucionais e antidemocráticas, que geram obsessões com base em crenças absolutizadas, do micronível do texto ao macronível das organizações sociais.

Se falamos de um cenário que reforça a luta social e se essa disputa impõe seu inerente antagonismo estrutural, é importante que tracemos estratégias eficazes à condução de

uma sociedade consciente de seus sintomas letárgicos para que se possa avançar algumas casas diante deles.

## REFERÊNCIAS

ABALAKINA-PAAP, M., STEPHAN, W.G., CRAIG, T., GREGORY, W.L Beliefs in Conspiracies. **Political Psychology**, 20: 637-647, 1999. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/0162-895X.00160>. Acesso em: 14 fev. 2024.

ALVES, J. C. A desinformação e a necessidade de contar histórias. **Nexo Jornal**, 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/2021/A-desinforma%C3%A7%C3%A3o-e-a-necessidade-de-contar-hist%C3%B3rias>. Acesso em: 14 fev. 2024.

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo, Atlas, 2009.

ARAÚJO, J. **Pandemia de covid-19: fake news**, construção sociocognitiva da doença e discurso de ódio. Projeto de pesquisa. Universidade Federal do Ceará, 2021.

ARAÚJO, J. **Desordem informacional**: estratégias discursivas empregadas na construção de desinformação no contexto das eleições 2022 no Brasil. Projeto de pesquisa. Universidade Federal do Ceará, 2022.

ARAÚJO, L. G. L. **A indiferença epistêmica e suas manifestações**: desafios para o ensinar na sociedade da ignorância. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Ciências Básicas da Saúde. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/253123>. Acesso em: 14 fev. 2024.

ASSIS, J. A.; KOMESU, F.; POLLET, M. C. A formação do leitor no contexto da desinformação e das *fake news*: desafios para os estudos de letramentos na pandemia da covid-19 e além. In: ASSIS, J. A.; KOMESU, F.; POLLET, M. C. (org). Desordem informacional e propagação de *fake news*: a importância da formação do leitor. **Scripta**, v. 25, n. 54, p. 9-38, 2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/27640>. Acesso em: 14 fev. 2024.

AVRAMOV, K.; GATOV, V.; YABLOKOV, I. Conspiracy theories and *fake news*. In: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter. **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. London: Routledge, 2020. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/edit/10.4324/9780429452734/routledge-handbook-conspiracy-theories-michael-butter-peter-knight>. Acesso em: 14 fev. 2024.

BARCELOS, T. N.; MUNIZ, L. N.; DANTAS, D. M.; COTRIN JUNIOR, D. F.; CAVALCANTE, J. R.; FAERSTEIN, E. Análise de *fake news* veiculadas durante a pandemia de covid-19 no Brasil. **Rev Panam Salud Publica**, v. 45, n. 65, 2021. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/53907>. Acesso em: 14 fev. 2024.

BARKUN, M. **A culture of conspiracy**: apocalyptic visions in contemporary America. University of California Press; 2. ed., 2013.

BASTOS, A. **Engajamento público em controvérsia científica**: o caso da pílula do câncer. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, 215 p., 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/34138>. Acesso em: 14 fev. 2024.

BEHR, K. R. V. **A conspiração do clima**: populismo e negacionismo climático no início do governo Bolsonaro (2018 – 2020). Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, 2022. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/44634>. Acesso em: 14 fev. 2024.

BERGMANN, E.; BUTTER, M. Conspiracy theory and populism. *In*: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter. **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. London: Routledge, 2020. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/edit/10.4324/9780429452734/routledge-handbook-cons-piracy-theories-michael-butter-peter-knight>. Acesso em: 14 fev. 2024.

BISOL, J. Comunicação breve: politização da vacina é irresponsabilidade sanitária. **Cad. Ibero-amer. Dir. Sanit.**, Brasília, 9(4): out./dez., 2020 192-197. Disponível em: <https://doi.org/10.17566/ciads.v9i4.751>. Acesso em: 05 mar. 2024.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo, Parábola, 2008.

BRETON, P. **A manipulação da palavra**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BUTTER, M. Conspiracy theories in American history. *In*: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter. **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. London: Routledge, 2020. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/edit/10.4324/9780429452734/routledge-handbook-cons-piracy-theories-michael-butter-peter-knight>. Acesso em: 14 fev. 2024.

BUTTER, M.; KNIGHT, P. Conspiracy theory in historical, cultural and literary studies. *In*: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter. **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. London: Routledge, 2020. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/edit/10.4324/9780429452734/routledge-handbook-cons-piracy-theories-michael-butter-peter-knight>. Acesso em: 14 fev. 2024.

CARVER, B. Genres of conspiracy in nineteenth-century British writing. *In*: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter. **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. London: Routledge, 2020. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/edit/10.4324/9780429452734/routledge-handbook-cons-piracy-theories-michael-butter-peter-knight>. Acesso em: 14 fev. 2024.

CASSAM, Quassim. Descaso epistémico. Trad. Desidério Murcho. **Journal of Philosophical Research**, vol. 43 (2018), pp. 1–20. 2018. Disponível em: <https://criticanarede.com/descaso.html>. Acesso em: 14 fev. 2024.

CAUMANN, U.; ONNERFORS, A. Conspiracy theories and visual culture. *In*: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter. **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. London: Routledge, 2020. Disponível em:

<https://www.taylorfrancis.com/books/edit/10.4324/9780429452734/routledge-handbook-conspiracy-theories-michael-butter-peter-knight>. Acesso em: 14 fev. 2024.

COSTA, A. M. **Desinformação e liberdade de expressão**. LinkedIn, 2022. Disponível em: [https://pt.linkedin.com/pulse/desinforma%C3%A7%C3%A3o-e-liberdade-de-express%C3%A3o-agnes-m-da-costa?trk=pulse-article\\_more-articles\\_related-content-card](https://pt.linkedin.com/pulse/desinforma%C3%A7%C3%A3o-e-liberdade-de-express%C3%A3o-agnes-m-da-costa?trk=pulse-article_more-articles_related-content-card). Acesso em: 14 fev. 2024.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-Verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de *fake news***. São Paulo: Faro Editorial, 2018.

DOUGLAS, K. M.; SUTTON, R. M. "Does it take one to know one? Endorsement of conspiracy theories is influenced by personal willingness to conspire". **British Journal of Social Psychology**, v. 50, n. 3, p. 544-552, setembro de 2011. DOI: 10.1111/j.2044-8309.2010.02018.x. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.2044-8309.2010.02018.x>. Acesso em: 16 fev. 2024.

DOUGLAS, K.; CICHOCKA, A.; SUTTON, R. Motivations, emotions and belief in conspiracy theories. In: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter. **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. London: Routledge, 2020. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/edit/10.4324/9780429452734/routledge-handbook-conspiracy-theories-michael-butter-peter-knight>. Acesso em: 14 fev. 2024.

EMPOLI, G. da. **Os engenheiros do caos: como as *fake news*, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições**. Trad. Arnaldo Bloch. Belo Horizonte: Editora Vestígio, 2019.

FAIRCLOUGH, N. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. Trad. Iran Ferreira de Melo. **Linha d'Água**, n. 25 (2), p. 307-329, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/download/47728/51460/57826>. Acesso em: 14 fev. 2024.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERNANDES, S. C. S.; CORTEZ, P. A. A teoria da ação planejada e a predição de comportamentos em saúde: a importância das crenças em contexto de crise. In: FERNANDES, S. C. S.; SOUZA, V. H. (org). **Adesão e acesso às medidas preventivas à covid-19 à luz da teoria da ação** (p. 56-65). Edufal, 2021. Disponível em [https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/8879/1/FINALIZADO\\_Ades%C3%A3o%20e%20acesso%20%C3%A0s%20medidas%20preventivas.pdf](https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/8879/1/FINALIZADO_Ades%C3%A3o%20e%20acesso%20%C3%A0s%20medidas%20preventivas.pdf). Acesso em: 14 fev. 2024.

FERREIRA, E. S. Desinformação, desinfodemia e letramento midiático e informacional – um estudo do processo estruturado no Brasil sob o governo Jair Bolsonaro e as formas de enfrentamento. In: ASSIS, J. A.; KOMESU, F.; POLLET, M. C. (org). Desordem informacional e propagação de *fake news*: a importância da formação do leitor. **Scripta**, v. 25, n. 54, p. 96-128, 30 nov. 2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/26582>. Acesso em: 14 fev. 2024.

GALHARDI, C. P.; FREIRE, N. P.; MINAYO, M. C. S.; FAGUNDES, M. C. M. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da covid-19 no Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 25, n. 2, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/XnfpYRR45Z4nXskC3PTnp8z/>. Acesso em: 14 fev. 2024.

GEENG, C.; YEE, S.; ROESNER, F. *Fake news* on Facebook and Twitter: investigating how people (don't) investigate. **CHI Paper**, Honolulu, HI, USA, 2020. Disponível em: <https://www.franzroesner.com/pdf/geeng-misinfo-chi20.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2024.

GELFAND, L. **Conspiracy Theories and The Vigilant Citizen**: Sub-Title Redacted—You Do Not Have Clearance. Western States Folklore Conference, 2017. Disponível em: [https://www.academia.edu/33221619/Conspiracy\\_Theories\\_and\\_The\\_Vigilant\\_Citizen\\_Sub\\_Title\\_Redacted\\_You\\_Do\\_Not\\_Have\\_Clearance\\_docx](https://www.academia.edu/33221619/Conspiracy_Theories_and_The_Vigilant_Citizen_Sub_Title_Redacted_You_Do_Not_Have_Clearance_docx). Acesso em: 14 fev. 2024.

GIDDENS, A. **Modernity and self-identity**: self and society in the late modern age. Cambridge: Polity Press, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIRARD, P. Conspiracy theories in Europe during the twentieth Century. *In*: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter. **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. London: Routledge, 2020. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/edit/10.4324/9780429452734/routledge-handbook-conspiracy-theories-michael-butter-peter-knight>. Acesso em: 14 fev. 2024.

GIRY, J.; TIKA, P. Conspiracy theories in political science and political theory. *In*: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter. **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. London: Routledge, 2020. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/edit/10.4324/9780429452734/routledge-handbook-conspiracy-theories-michael-butter-peter-knight>. Acesso em: 14 fev. 2024.

GRAMSCI, A. **Selections from the prison notebooks**. Ed. e trad. Hoare, Q.; Smith, G. N. Londres: Lawrence and Wishart, 1971. Disponível em: <https://abahlali.org/files/gramsci.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2024.

GUNTHER, H.. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 201–209, maio 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000200010>. Acesso em: 14 fev. 2024.

HAN, Byung-Chul. **No exname**: perspectivas do digital. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2018.

HISSA, D. L. A. Desmediatização, Infodemia e *fake news* na cultura digital. *In*: ASSIS, J. A.; KOMESU, F.; POLLET, M. C. (org). Desordem informacional e propagação de *fake news*: a importância da formação do leitor. **Scripta**, v. 25, n. 54, p. 40-67, 30 nov. 2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/26575>. Acesso em: 14 fev. 2024.

HISSA, D. L. Arruda. Da manipulação das massas nas redes sociais às ações de combate à desinformação. **Revista Linguagem em Foco**, v.14, n.2, 2022. p. 68-89. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9587>. Acesso em: 14 fev. 2024.

HOFSTATTER, P. R. **Psychologie**. Frankfurt, Fischer, 1957.

HOOPER, R. Populism and conspiracy theory in latin america: a case study of Venezuela. *In*: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter. **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. London: Routledge, 2020. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/edit/10.4324/9780429452734/routledge-handbook-conspiracy-theories-michael-butter-peter-knight>. Acesso em: 14 fev. 2024.

IMHOFF, R., BRUDER, M. Speaking (un-)truth to power: Conspiracy mentality as a generalised political attitude. **European Journal of Personality**, 28(1), 25–43, 2014. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2014-05557-004>. Acesso em: 14 fev. 2024.

IMHOFF, Roland; LAMBERTY, Pia. Conspiracy beliefs as psycho-political reactions to perceived power. 192-205. *In*: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter. **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. London: Routledge, 2020. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/edit/10.4324/9780429452734/routledge-handbook-conspiracy-theories-michael-butter-peter-knight>. Acesso em: 14 fev. 2024.

JOLLEY, Daniel; DOUGLAS, Karen. The social consequences of conspiracism: exposure to conspiracy theories decreases intentions to engage in politics and to reduce one’s carbon footprint. **British Journal of Psychology**, v. 1, n. 105, 2014, 35–56. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24387095/>. Acesso em: 14 fev. 2024.

KLEIN, Olivier; NERA, Kenzo. Social Psychology of Conspiracy Theories. *In*: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter. **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. London: Routledge, 2020. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/edit/10.4324/9780429452734/routledge-handbook-conspiracy-theories-michael-butter-peter-knight>. Acesso em: 14 fev. 2024.

KRATOCHVIL, C. F.; BARETTA, L. Leitores-experts e o processo de construção de representações mentais: analisando o texto, as ideias centrais e unidades menores de ideias. **Rev. bras. linguist. apl.** 2021. Vol. 21(3):733-760. DOI: 10.1590/1984-6398202116927. Disponível em: <https://www.scienceopen.com/document?vid=a4b98780-622f-42aa-a734-ebad4fd9bdf2>. Acesso em: 14 fev. 2024.

KREKÓ, P. Countering conspiracy theories and misinformation. *In*: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter. **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. London: Routledge, 2020. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/edit/10.4324/9780429452734/routledge-handbook-conspiracy-theories-michael-butter-peter-knight>. Acesso em: 14 fev. 2024.

LAMENHA, F. O. P. S.; VÉRAS, R. M.; PEREIRA, A. M. F.; SILVA, J. P. M.; MENDONÇA, B. C. A. (2021). Facilidades e dificuldades em utilizar as máscaras faciais para proteção contra a Covid- 19. *In*: FERNANDES, S. C. S.; SOUZA, V. H. (org). **Adesão e acesso às medidas preventivas à covid-19 à luz da teoria da ação** (p. 56- 65). Edufal, 2021. Disponível em:

[https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/8879/1/FINALIZADO\\_Ades%c3%a3o%20e%20acesso%20%c3%a0s%20medidas%20preventivas.pdf](https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/8879/1/FINALIZADO_Ades%c3%a3o%20e%20acesso%20%c3%a0s%20medidas%20preventivas.pdf). Acesso em: 14 fev. 2024.

LANTIAN, A.; WOOD, M.; GJONESKA, B. Personality traits, cognitive styles and worldviews associated with beliefs in conspiracy theories. *In*: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter. **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. London: Routledge, 2020. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/edit/10.4324/9780429452734/routledge-handbook-conspiracy-theories-michael-butter-peter-knight>. Acesso em: 14 fev. 2024.

LEE, B. Radicalisation and conspiracy theories. *In*: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter. **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. London: Routledge, 2020. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/edit/10.4324/9780429452734/routledge-handbook-conspiracy-theories-michael-butter-peter-knight>. Acesso em: 14 fev 2024.

LOPES, G. H.; CARVALHEDO, F. M. G. S.; FREITAS, N. L.; VALERIANO, S. A.; SILVA, C. T. X. A influência das *fake news* na adesão à vacinação e no reaparecimento de doenças erradicadas: uma revisão de literatura. **Revista Eletrônica Acervo Médico**, v. 15, p. e10716, ago. 2022. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/medico/article/view/10716>. Acesso em: 14 fev. 2024.

LOPES, M. A. P. T.; GOMES, F. S. Infodemia e construção sógnica – movimentos responsivos sob a retórica da pós-verdade. *In*: ASSIS, J. A.; KOMESU, F.; POLLET, M. C. (org). Desordem informacional e propagação de *fake news*: a importância da formação do leitor. **Scripta**, v. 25, n. 54, p. 158-189, 30 nov. 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/26679>. Acesso em: 14 fev. 2024.

MAGALHÃES, I.; MARTINS, A. R.; RESENDE, V. M. **Análise de Discurso Crítica**: um método de pesquisa qualitativa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MEDEIROS, Eduardo Vicentini de; AZEVEDO, Marco Antonio. Are Collectives More Conspiratorial than Individuals? *In*: GREENE, Richard; ROBINSON-GREENE, Rachel. **Conspiracy Theories: philosophers connect the dots**. Illinois: Open Court, 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/afty3>. Acesso em: 14 fev. 2024.

MOITA LOPES, L. P. da. Pesquisa interpretativista em lingüística aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 10, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45412>. Acesso em: 14 fev. 2024.

MOSCOVICI, Serge. The conspiracy mentality. *In*: GRAUMANN, Carl Friedrich; MOSCOVICI, Serge. **Changing conceptions of conspiracy**. New York, NY: Springer, p. 151–69, 1987. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-1-4612-4618-3>. Acesso em: 14 fev. 2024.

MOURA, H. L. M. Processo de desfocalização/desativação de referentes e introdução de novos referentes na atividade de produção textual. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 47 (3): p. 793-808, 2018. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/download/1934/1421/8268>. Acesso em: 14 fev. 2024.

MUNDIM, L. K. P. C. **Comunicação autoritária**: elementos discursivos da tipologia do fascismo segundo Umberto Eco nas falas do presidente Jair Bolsonaro. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27164/tde-12012023-121105/pt-br.php>. Acesso em: 14 fev. 2024.

NEFES, T. S.; ROMERO-RECHE, A. Sociology, social theory and conspiracy theory. *In*: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter. **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. London: Routledge, 2020. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/edit/10.4324/9780429452734/routledge-handbook-conspiracy-theories-michael-butter-peter-knight>. Acesso em: 14 fev. 2024.

PAGÁN, V. E. Conspiracy theories in the roman empire. *In*: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter. **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. London: Routledge, 2020. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/edit/10.4324/9780429452734/routledge-handbook-conspiracy-theories-michael-butter-peter-knight>. Acesso em: 14 fev. 2024.

PENNYCOOK, A. Critical applied linguistics in the 2020s. *In*: Critical Inquiry in Language Studies. **Routledge**, 19:1, 1-21, 2022. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/358174174\\_Critical\\_applied\\_linguistics\\_in\\_the\\_2020s](https://www.researchgate.net/publication/358174174_Critical_applied_linguistics_in_the_2020s). Acesso em: 14 fev. 2024.

PEREIRA, I. V. **Teorias da Conspiração**: Funcionamento Discursivo e Efeitos de Verdade. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/17489>. Acesso em: 14 fev. 2024.

PIGDEN, Charles. **Conspiracy Theories and the Conventional Wisdom**. 4. 219-232. 10.3366/epi.2007.4.2.219. 2007. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/313398442\\_Conspiracy\\_Theories\\_and\\_the\\_Conventional\\_Wisdom](https://www.researchgate.net/publication/313398442_Conspiracy_Theories_and_the_Conventional_Wisdom). Acesso em: 14 fev. 2024.

QUATTROCIOCCHI, W.; SCALA, A.; SUNSTEIN, C. R. **Echo Chambers on Facebook**. 2016. Disponível em: [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=2795110](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2795110). Acesso em: 14 fev. 2024.

RAMALHO, V.; RESENDE, Viviane. **Análise de discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. São Paulo: Pontes, 2011.

REZENDE, A. T. **Entendendo as crenças em teorias da conspiração**: contribuição dos traços de personalidade e valores humanos. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social/UFPB, 219p., 2019. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19410?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19410?locale=pt_BR). Acesso: 14 fev. 2024.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de História e Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, 2009, p. 1-15. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 14 fev. 2024.

SANTIAGO, Antônio Heleno Ribeiro. **Prática discursiva de desinformação: um estudo crítico sobre anúncios digitais falsos**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/61935>. Acesso em: 16 fev. 2024.

SANTIAGO, A. H. R.; ARAÚJO, J. Prática discursiva de desinformação: Distribuição de anúncios digitais falsos em mídias sociais. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 49–67, 2022. DOI: 10.46230/2674-8266-14-9374. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9374>. Acesso em: 14 fev. 2024.

SANTOS, L. A. dos; ARAÚJO, J. A manipulação em discursos antivacina: uma análise sobre as representações sociais. **Redis: Revista de Estudos do Discurso**, [S.l.], n. 12, p. 237–258, 2023. DOI: 10.21747/21833958/red12a9. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/re/article/view/13183>. Acesso em: 14 fev. 2024.

SILVA, Ametista de Pinho Nogueira. **Linguística aplicada: O que é? Como se faz?** São Paulo: Pontes, 2020.

SMALLPAGE, Steven M.; DROCHON, Hugo; USCINSKI, Joseph E.; KLOFSTAD, Casey. Who are the conspiracy theorists: demographic and conspiracy theories. In: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter. **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. London: Routledge, 2020. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/edit/10.4324/9780429452734/routledge-handbook-conspiracy-theories-michael-butter-peter-knight>. Acesso em: 14 fev. 2024.

THOMPSON, J. B. **Studies in the theory of ideology**. Cambridge: Polity Press, 1984.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso, notícia e ideologia: estudos na análise crítica do discurso**. Trad. Zara Pinto-Coelho. Porto: Campo das Letras, 2005.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e Poder**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

VAN DIJK, T. A. Discurso-cognição-sociedade: estado atual e perspectivas da abordagem sociocognitiva do discurso. **Letrônica**, [S. l.], p. s8-s29, 2016. DOI: 10.15448/1984-4301.2016.s.23189. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/23189>. Acesso em: 14 fev. 2024.

VAN PROOIJEN, J.-W., KROUWEL, A. P. M., & POLLET, T. V. (2015). Political Extremism Predicts Belief in Conspiracy Theories. **Social Psychological and Personality Science**, 6(5), 570-578. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1948550614567356>. Acesso em: 14 fev. 2024.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>. Acesso em: 14 fev. 2024.

YABLOKOV, I. Conspiracy theories in Putin's Russia: the case of the 'new World order'. *In*: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter. **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. London: Routledge, 2020. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/edit/10.4324/9780429452734/routledge-handbook-conspiracy-theories-michael-butter-peter-knight>. Acesso em: 14 fev. 2024.

YANG, R.; ALLISON, D. Research articles in applied linguistics: moving from results to conclusions. **English for Specific Purposes**, n. 22, 2003, p. 365-385. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0889490602000261>. Acesso em: 14 fev. 2024.

ZWIERLEIN, C. Conspiracy theories in the Middle ages and the early Modern period. *In*: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter. **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. London: Routledge, 2020. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/edit/10.4324/9780429452734/routledge-handbook-conspiracy-theories-michael-butter-peter-knight>. Acesso em: 14 fev. 2024.